

MARIA DE FÁTIMA GARRIDO RODRIGUES

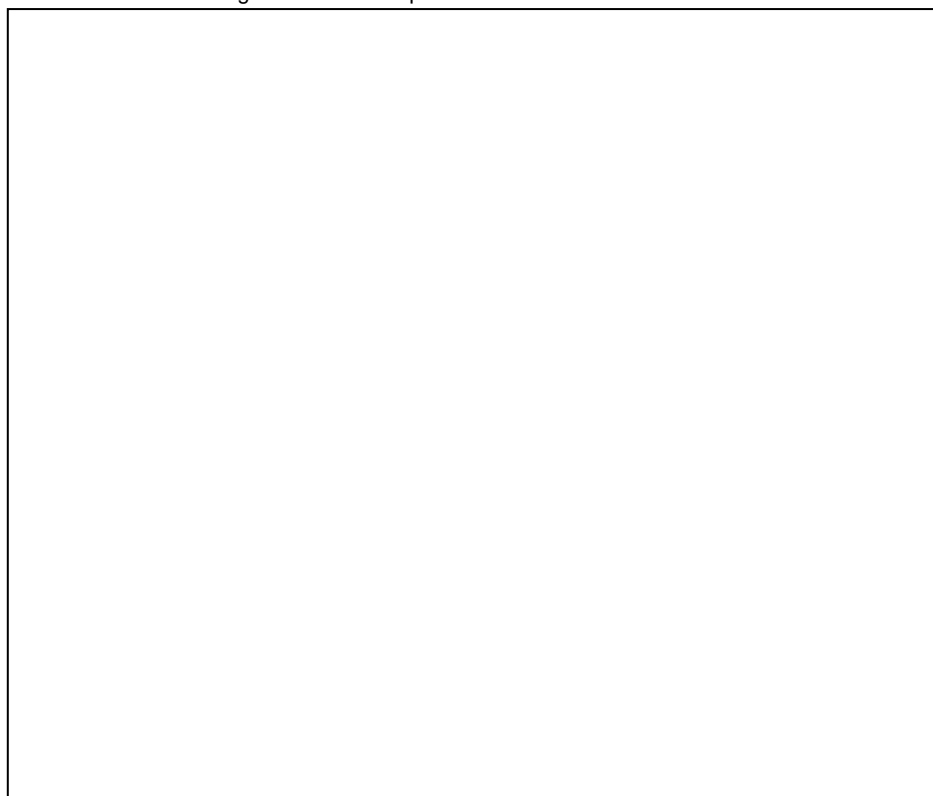
**ANÁLISE CONSTITUTIVA DO DISCURSO DAS
MÃES DE CRIANÇAS EM TRATAMENTO
FONOAUDIOLÓGICO SOBRE A INTERAÇÃO
COM O PROFISSIONAL**

BELO HORIZONTE

Faculdade de Letras da UFMG

2010

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG



MARIA DE FÁTIMA GARRIDO RODRIGUES

ANÁLISE CONSTITUTIVA DO DISCURSO DAS MÃES DE
CRIANÇAS EM TRATAMENTO FONOAUDIOLÓGICO SOBRE
A INTERAÇÃO COM O PROFISSIONAL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Linguísticos, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Orientador: Profa. Dra. Sônia Maria de Oliveira Pimenta.

BELO HORIZONTE

Faculdade de Letras da UFMG

2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

“Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo.”

PAULO FREIRE, 1979

Esse trabalho é dedicado aos meus filhos que são verdadeiros amigos e companheiros de luta nessa estrada árdua da vida; aos meus queridos familiares e à memória daqueles que sempre torceram por mim: meu marido e meu pai.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos às mães dos pacientes em tratamento fonoaudiológico que participaram deste estudo. A sua valiosa colaboração permitiu que realizássemos esta pesquisa cujos frutos serão compartilhados com elas e seus filhos.

Meu agradecimento especial à minha orientadora prof^a. Sônia Maria de Oliveira Pimenta, que descortinou para mim um mundo novo repleto de significados construídos pela linguagem e que desempenhou os papéis de orientadora, de amiga e até mesmo de mãe ao longo dessa trajetória.

Meu profundo agradecimento à minha amiga e companheira Cláudia Natividade, que despertou em mim a curiosidade pela análise do discurso, me incentivou e ajudou com indicações de leituras importantes.

À minha amiga Zaira, pelas suas orientações sobre as análises.

Ao meu amigo Rony Petterson Gomes do Vale, por ter revisado o meu trabalho com tanta presteza e cuidado.

Aos amigos de mestrado e de doutorado e tantos outros que encontrei ao longo do caminho e que muito contribuíram com suas sugestões.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Tipos de Processos.....	P.49
FIGURA 02	Papéis de fala nas interações.....	P.52
FIGURA 03	Polaridade.....	P.54
FIGURA 04	Modalidade.....	P.56
FIGURA 05	Sistema Tático.....	P.61
FIGURA 06	Sistema Lógico-semântico.....	P.63
TABELA 1	Identificação das participantes.....	P.68
QUADRO 1	P.77
QUADRO 2	P.81
QUADRO 3	P.83
QUADRO 4	P.87
QUADRO 5	P.87
QUADRO 6	P.94
QUADRO 7	P.96
QUADRO 8	P.98
QUADRO 9	P.101
QUADRO 10	P.102
QUADRO 11	P.104
QUADRO 12	P.107
QUADRO 13	P.109
QUADRO 14	P.113
QUADRO 15	P.114

RESUMO

O objetivo desse estudo foi analisar sob a perspectiva das Teorias Linguísticas da Gramática Sistêmico-Funcional, da Semiótica Social e da Análise Crítica de Discurso, os textos resultantes das entrevistas com as mães de crianças em tratamento fonoaudiológico com o pesquisador sobre *interação*, em uma clínica conveniada com a rede pública de saúde, e a linguagem que permeia essa interação, utilizando como base a macro-análise ou análise discursiva. A micro-análise ou análise semântica dos textos foi utilizada para identificar: a) as funções de linguagem com base na Gramática Sistêmico-Funcional e analisar os participantes e os processos ligados à metafunção ideacional; b) a polaridade e a modalidade, aspectos estes ligados à metafunção interpessoal; c) os recursos usados nas sequências semânticas das orações e as relações táticas e lógico-semânticas existentes. Estes objetivos foram desdobrados em outros mais específicos, tais como: i) interpretar as formações discursivas identitárias nos discursos; ii) caracterizar o perfil social das mães. A amostra foi caracterizada por textos produzidos por cinco mães, cujos filhos se encontram em tratamento fonoaudiológico em uma clínica conveniada com a rede pública de saúde. A pesquisa qualitativa foi realizada por meio de gravações em áudio e a pesquisa quantitativa por meio de um protocolo para traçar o perfil social das participantes. Os resultados mostraram as mães como principais participantes, envolvidos em processos mentais, verbais, comportamentais e materiais. Constatamos o seu papel de provedoras de informações sobre a criança por meio das orações como proposições, e o papel da fonoaudióloga como solicitante por informações, mas também como provedora, expressas pela polaridade e pela modalidade. Os discursos das mães revelaram o ponto de vista das mesmas sobre a interação e os textos se configuraram como narrativas de fatos construídos em episódios relacionados à importância, à finalidade das interações e ao tratamento. Concluímos que o modelo de interação mais informativo foi mantido, porém com mudanças consideradas importantes para uma relação mais solidária.

Palavras-chave: análise discursiva, interação, fonoaudiólogo, mãe.

ABSTRACT

In daily conversation, people express their opinion using language organized in clauses which represent their knowledge about internal and external world, as an exchange of goods and services or information, to maintain or to construct relationships and representing in semantic sequences of clause complexes a narrative. The aim of this study is to analyse by the Linguistic theories of Systemic Functional Grammar, Social Semiotic and Critical Discourse Analysis, discourse and textual production by mothers of children in speech therapy in an institution which receives patients from public health service and the researcher in an interview about what they think of interaction. We based on a macro-analysis or discursive one and on a micro-analysis or semantic one to identify: a) language functions which construe the experience of world by participants and processes of transitivity system; b) polarity and modality expressed in interpersonal metafunction; c) linguistics resources used in taxes relations and types of logic-semantics relations. These general purposes can be distributed more specifically in others: i) to explain discursive formations and identities in discourses; ii) to characterize the social profile of the participants. The qualitative research was constituted of texts produced by five mothers who have their children in speech therapy. The method used was an audio recorded conversation with them. The quantitative register of mothers social profile had the purpose to know the participants. The results showed mothers as principal participants involved in different mental, verbal, behavioral and material processes. Their role as suppliers of information about their children, expressed by polarity and modality and the speech therapist role as seeker of information demanded, but as supplier too. Mothers' discourses revealed their points of view about interaction and the texts were configured in narratives, constructed as a series of episodes related with its importance, purposes and the speech therapy. We concluded that the model of interaction by means of information was sustained. However some important changes were observed to construct more solidarity in this kind of relationship.

Keywords: discourse analysis, interaction, speech therapist, mother

SUMÁRIO

RESUMO.....	P.9
ABSTRACT.....	P.10
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	P.13
CAPÍTULO 1 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	P.24
1.1 A linguagem como recurso para a construção de relações.....	P.25
1.2 Texto, discurso e identidades.....	P.30
1.3 A Semiótica Social.....	P.34
1.4 A Análise Crítica de Discurso.....	P.39
1.5 A Gramática Sistêmico-Funcional.....	P.43
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	P.66
2.1 Os participantes da pesquisa.....	P.67
2.2 Método.....	P.70
2.3 A coleta de dados.....	P.71
2.4 A transcrição dos dados.....	P.72
2.5 O <i>corpus</i> do estudo.....	P.72
2.6 Os procedimentos de análise.....	P.73
CAPÍTULO 3 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	P. 75
3.1 Análise dos dados de acordo com a GSF e Análise Discursiva.....	P.75
3.2 A Metafunção Ideacional.....	P.76
3.3 Análise de acordo com a Metafunção Interpessoal.....	P.93
3.4 Análise das relações Táticas e Lógico-Semânticas.....	P.103
3.5 A interação e a prática social.....	P.116
3.5.1 Resumo da interação de acordo com a metafunção ideacional.....	P.116
3.5.2 Resumo da interação de acordo com a metafunção interpessoal.....	P.117
3.5.2.1 Relações de <i>Poder</i>	P.117
3.5.2.2 Categoria dos sujeitos.....	P.121

3.5.2.3	Características da interação.....	P.124
3.5.3	Resumo da interação de acordo com as Relações Tático e Lógico-Semânticas.....	P.125
	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	P.128
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	P.134
	REFERÊNCIAS.....	P.137
	ANEXO A.....	P.142
	ANEXO B.....	P.146
	ANEXO C.....	P.148
	ANEXO D.....	P.150
	ANEXO E.....	P.152

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo de sua história profissional, o fonoaudiólogo tem sido considerado um profissional da saúde, cuja competência é a prevenção, a avaliação, o diagnóstico, a habilitação e reabilitação dos problemas de comunicação nas áreas de voz, audição, linguagem oral e escrita, além do aperfeiçoamento do uso desses tipos de linguagem junto ao paciente. Desse modo, acreditamos que, historicamente, no que diz respeito à atuação do fonoaudiólogo junto à família do paciente¹, esta tem tido um enfoque mais informativo, em relação às alterações fonoaudiológicas encontradas e, algumas vezes, de orientação em relação ao que pode ser feito para ajudar o desenvolvimento do paciente em tratamento.

Atualmente, já é possível verificar algumas mudanças, que vêm acontecendo de modo processual, na intervenção fonoaudiológica junto aos pacientes e, principalmente, junto às famílias. Num primeiro momento, o contato com o paciente ou com o seu responsável é para obter informações detalhadas sobre cada caso específico por meio de uma “*anamnese*”². Esse termo é utilizado para um procedimento que se configura como uma entrevista inicial, um primeiro momento com o paciente ou com seu responsável, que visa a solicitar informações sobre a história da vida pregressa e da vida atual do paciente na sua visão ou na visão de sua família, direcionada de modo específico a cada caso e relacionada às queixas, à sua saúde, ao seu desenvolvimento de modo geral, além dos exames já realizados pelo paciente.

Num segundo momento, o fonoaudiólogo realiza uma avaliação para verificar as possíveis alterações de aspectos que podem comprometer a comunicação do paciente. Ao fonoaudiólogo cabe *avaliar* e, em seguida, *analisar* o que se passa com o paciente, estabelecendo um diagnóstico que geralmente implica a linguagem. Logo após a avaliação do paciente, é dada uma devolutiva aos pais ou ao próprio paciente com informações sobre a configuração do quadro clínico. Inicia-se então a intervenção terapêutica propriamente dita. Esses procedimentos e as orientações sistemáticas permitem que a família ocupe um espaço maior no processo terapêutico. Contudo, essa é apenas uma das etapas de um processo maior que envolve o paciente.

¹ *Paciente* – Termo utilizado para referirmos à pessoa que consulta um profissional da área da saúde.

² *Anamneses* (medicina) – História que vai desde os sintomas iniciais até o momento da observação clínica, realizado com base nas lembranças do paciente. Do gr. *anámnesis, eos* ‘ação de trazer à memória, recordação’ (HOUAISS, 2009).

Sabemos que o fato de uma pessoa apresentar alguma dificuldade de comunicação e necessidade de um acompanhamento especializado pode alterar a rotina de sua família de um modo geral e, no caso específico dos pais de uma criança que enfrenta tal dificuldade, esse mesmo fato pode gerar sentimentos adversos, tais como: decepção, rejeição, dor, dentre outros, desencadeando muitas vezes uma dificuldade no relacionamento com o profissional, ainda que a procura pelo tratamento fonoaudiológico, em parte, proporcione certa tranquilidade e possibilite aos responsáveis pela criança vislumbrarem um futuro melhor.

Na prática, a intervenção fonoaudiológica realizada junto à família do paciente, como ocorre muitas vezes, fica restrita a longas exposições sobre as alterações encontradas na criança sem que esses pais sejam acolhidos de modo a expor suas dúvidas, indagações e anseios. Essa é uma realidade que tem sua origem no modelo biomédico de atendimento. Neste modelo, os profissionais da saúde se prestam a um tipo de atenção aos pacientes em que os procedimentos adotados priorizam o físico e a patologia. O pouco tempo que é dedicado a *ouvir* o paciente, ou em outros casos, o tempo para *ouvir* principalmente a mãe que acompanha a criança em tratamento em detrimento da terapêutica prática por meio de exercícios, não permite conhecer as singularidades de cada sujeito e da sua vida em sociedade. Tal atuação teria por objetivo sanar ou remover a alteração que se apresenta como sintoma de linguagem relatado pelo paciente ou por sua família, excluindo de certa forma a subjetividade destes *sujeitos*, usuários do serviço, e dando lugar à objetividade de um diagnóstico e de uma terapêutica.

A fonoaudiologia, por vezes, direciona o trabalho profissional e as interações entre os fonoaudiólogos e os pacientes à semelhança do paradigma médico, criado como padrão. Nesse paradigma de objetividade, o terapeuta conhece as dificuldades de uso da linguagem apresentados pelo paciente, pois estas geralmente seguem alguns padrões biológicos e cronológicos. Ou seja, a abordagem do paciente ou da sua família feita pelo profissional da saúde, tomando como modelo o *fazer médico*, consegue perceber o problema pelo viés físico. Ao se deparar com as manifestações da linguagem ou a linguagem como produção linguística, restringe-se a elencar as alterações tendo como prioridade o modo como o paciente fala e se expressa, sem conseguir alcançar a sua realidade de vida ou entender *quem* é o paciente que fala, excluindo, assim, o que há de subjetivo nesse sujeito, isto é, as suas próprias produções linguísticas e o seu ritmo de desenvolvimento.

Baseados em nossa experiência profissional, temos observado que em algumas situações específicas da atuação fonoaudiológica – como, por exemplo, no acompanhamento a pacientes encaminhados pela rede pública de saúde – há ainda muito a se fazer para que o *acolhimento*³ aos pais e principalmente às mães possa acontecer de maneira sistemática, isto é, por meio de interações entre os pais e o profissional em que as trocas de informações possam resultar em um maior desenvolvimento do paciente e um maior envolvimento das famílias com o tratamento.

Nos dias atuais em que a comunicação entre as pessoas é tão valorizada e a alta tecnologia proporciona meios que as aproximam independentemente da distância, é imprescindível priorizarmos e resgatarmos a comunicação face a face. Esses momentos especiais de interação são importantes para a compreensão de problemas, para a troca de experiências e conhecimentos. No modelo de clínica fonoaudiológica ideal, ao *acolher* o sujeito (usuário do serviço), além de propiciar um ambiente acolhedor, o profissional também deve ter por objetivo o diálogo com o paciente e as mães, visando à troca de informações. Seria a busca de uma maior interação entre o fonoaudiólogo/paciente/família com o objetivo de mudar uma relação considerada assimétrica e desigual, na qual há a crença de que o profissional da saúde *detém* a verdade. Na realidade, mesmo ele, sendo possuidor de um conhecimento em relação ao sintoma de linguagem, como acontece em grande parte dos casos, pode oferecer muito mais do que somente atenção ao problema apresentado pelo paciente. Nesse caso, a atuação fonoaudiológica seguiria um modelo biopsicossocial, priorizando a pessoa do paciente.

Vamos mais além quando afirmamos que tratar das dificuldades dos pacientes é enxergar além dos seus sintomas e acolher as demandas das mães: queremos dizer que isso é o mesmo que lidar com a existência dos sujeitos. A busca por um padrão de atendimento mais humanizado demonstra sensibilidade do profissional de saúde pelo sofrimento humano. E esse atendimento estaria voltado para *cuidar* também das mães, ou seja, daquelas que cuidam dos filhos/pacientes. O termo *cuidar* significa *dar atenção*, ser mais humano com o outro que sofre, demonstrando preocupação e envolvimento para com esse *cuidador*⁴, de

³ De acordo com a Política Nacional de Humanização (da atenção e gestão no Sistema Único de Saúde – HumanizaSUS), o termo *acolhimento* é utilizado para designar uma estratégia na qual se objetiva a busca de informações e a identificação das necessidades, desejos e interesses dos diferentes sujeitos do campo da saúde. Alguns dos objetivos dessa política são: i) a ampliação do diálogo entre profissionais e a população; ii) um maior compromisso com o sujeito/usuário; e iii) a promoção de um ambiente acolhedor e confortável.

⁴ O termo *cuidador* aqui adotado denota uma pessoa, membro da família, que cuida, atende às necessidades básicas, tem responsabilidade, preocupação e envolvimento afetivo com a criança.

modo que este possa sentir-se *acolhido* e conseqüentemente mais comprometido com o processo terapêutico. Na verdade, ainda percebemos que no modo como a atuação fonoaudiológica muitas vezes acontece, o profissional trata das alterações na linguagem e, portanto, da forma de expressão linguística, não conseguindo alcançar uma compreensão de quem é este sujeito que se expressa, a sua realidade e o contexto social em que se encontra.

Entendemos que para obter um maior conhecimento do paciente e do seu contexto de vida, o fonoaudiólogo deva considerar como uma prática terapêutica a interação com as mães dos pacientes que levam seus filhos para o tratamento fonoaudiológico e reconhecer a multiplicidade de sentidos envolvidos nessa relação.

É importante salientar, no entanto, que ao nos posicionarmos a favor de uma mudança de paradigma, ou seja, de uma atenção voltada ao paciente e à mãe, nos deparamos com algumas dificuldades e questionamentos resultantes, os quais buscarei responder ao longo deste estudo.

Assim, destacamos as seguintes perguntas de pesquisa que serão desdobradas posteriormente em objetivos de pesquisa:

- a) O que revela o discurso das mães na conversa com o pesquisador sobre as interações com o fonoaudiólogo e como falam sobre essas situações de comunicação tão importantes na clínica fonoaudiológica?
- b) Quem são esses participantes, que papéis eles assumem e como se identificam na prática discursiva da interação?
- c) O que pode ser feito para que um novo modelo de atuação seja alcançado?

Sabemos que a interação face a face é estabelecida a partir do momento em que duas ou mais pessoas trocam informações, ideias, experiências, havendo a aceitação do *outro*, o que facilita a convivência. É na interação que influenciemos e somos influenciados, que os significados são construídos, uma vez que os participantes estão envolvidos em uma prática que é tanto discursiva quanto social.

Se o fonoaudiólogo desenvolver a habilidade de ouvir as mães por meio de interações sistemáticas, estimulará a confiança, o respeito destas e o seu envolvimento com o tratamento, aspectos importantes que contribuirão de modo significativo para o desenvolvimento das crianças em tratamento.

O interesse por esse tema surgiu devido à nossa experiência após vários anos dedicados à prática clínica generalista e a partir do momento que temos buscado desenvolver um vínculo com as mães na tentativa de atender às suas necessidades e às demandas dos pacientes que frequentam o setor de fonoaudiologia de uma clínica especializada, que mantém convênio com o sistema público de saúde em Belo Horizonte.

A dificuldade de trabalhar com inúmeros casos e as muitas especificidades e singularidades destes também têm sido fatores relevantes que nos levaram a buscar meios de fazer das interações com as mães uma prática profissional sistemática, uma atuação também voltada para *quem cuida*.

Apesar de haver uma conscientização das mães sobre a importância da sua participação no acompanhamento fonoaudiológico do filho, e do fonoaudiólogo sobre a necessidade da interação com as mães de pacientes em tratamento, podemos constatar que, em alguns casos, não ocorre essa prática e, quando ocorre, o profissional tem a finalidade de solicitar a estas que dêem continuidade ao trabalho desenvolvido durante as sessões de terapia, o que de alguma maneira não permite a total compreensão do fonoaudiólogo sobre estratégias que melhorem a interação mãe/criança, – o que favoreceria por conseguinte o seu desenvolvimento de linguagem – e tão pouco de saber se as mães realmente compreenderam as informações passadas.

Não nos cabe neste estudo – nem é nosso interesse nesse momento – abordar e detalhar os aspectos pelos quais a atuação clínica prioriza o acompanhamento ao paciente, pois há inúmeras questões que envolvem o assunto e por não ser o foco do nosso estudo. Contudo, é necessário que o olhar do fonoaudiólogo se volte para aquele que está mais próximo da criança e que por este motivo pode contribuir para a sua melhora.

A interação é um procedimento que permite ao profissional uma abordagem direta com as mães, uma interatividade pautada nas experiências sociais que podem ser compartilhadas e que muitas vezes auxilia na tomada de decisões de ambas as partes.

Pressupomos que, quando não há a possibilidade desses momentos de troca de informações e conhecimentos do profissional com as mães, pode haver uma maior dificuldade destas em participarem do processo terapêutico e conseqüentemente de ajudarem na estimulação de seus filhos.

Quanto à interação, recorremos a Telles (2008) ao considerar que

... [quando] indivíduos estão juntos, mas na realidade não ‘percebem’ o outro,
não cooperam entre si, não se dão, não se entregam, não se enriquecem,
não compartilham sentimentos e emoções,
na verdade não estão interagindo. (TELLES, 2008, p.50)

Compartilhamos com a autora essa afirmação e consideramos importante o desenvolvimento de estudos para analisar e interpretar os discursos de certos grupos sociais, como é o caso das mães de crianças em tratamento fonoaudiológico. Roslyng-Jensen (2001, p.127) reafirma a importância de estudos envolvendo as famílias ao postular que “... para conhecer o universo familiar, o único instrumento é ouvir e compilar as informações recebidas”, e acrescenta ainda a necessidade de deixar para um segundo momento as interações educativas ou focadas no problema e priorizar a compreensão de hábitos e costumes de cada contexto familiar.

A família é considerada como o primeiro grupo responsável pela tarefa de socialização da criança, devido à sua importância em ajudar na construção de valores, hábitos, costumes, padrões de conduta, comunicação, linguagem, dentre outros aspectos. O desenvolvimento da linguagem de uma criança, por exemplo, é possível por meio da relação entre pais e criança em situações do cotidiano. Assim, a família pode ser considerada o principal canal facilitador de acesso da criança aos vários grupos sociais e sua respectiva cultura, valores, crenças, o que é primordial para o desenvolvimento da mesma como *ser social*.

Acreditando que a linguagem individual se desenvolve e se mantém por meio das relações, nas interações com as mães, o fonoaudiólogo como profissional da comunicação, poderá atuar também como um facilitador da linguagem e da socialização da criança.

A participação da família tem sido vista como parte integrante dos programas de intervenção e reconhecida como um agente central e o principal responsável pelo desenvolvimento da criança. Inúmeros autores têm se preocupado com estudos que possam envolver as famílias de pacientes, dentre os quais podemos citar: Bevilacqua (1985), quando defende a importância das orientações fonoaudiológicas às mães de pacientes em tratamento; Lafon (1989), ao se referir aos pais como corresponsáveis pelo tratamento dos filhos e por esta razão, ao fornecer informações e orientações, o

profissional estaria dividindo as responsabilidades com o tratamento; Roslyng-Jensen (2001), ao falar da necessidade e importância de informações aos pais de crianças com perda auditiva quando estas iniciam precocemente o tratamento; Lopes (2001), ao afirmar a importância da valorização da fala das mães no contato destas com profissionais da saúde; Borges e Sansone (2003), ao se referirem à necessidade e à importância da presença da mãe quando se inicia um acompanhamento ao paciente; Cárnio e Couto (2004), quando explicitam a importância de uma aliança terapêutica com os pais de crianças com deficiência auditiva para o *crescimento* das partes envolvidas no processo terapêutico; Demetrio (2005) quando afirma a necessidade de uma parceria com a família; Nagy e Passos (2007) ao preconizarem a importância da intervenção fonoaudiológica junto às mães para a mudança de pensamento sobre a deficiência do filho, dentre muitos outros pesquisadores. No entanto, em muitos casos, observamos uma preocupação com a família como instituição, no sentido de apoiá-la na tarefa educacional que deve desempenhar junto ao filho que se encontra em tratamento fonoaudiológico, dando-lhe informações e orientações sobre cada caso específico e também no sentido de dar-lhes um apoio profissional, tomando como base o paradigma biomédico de atenção à doença, ao distúrbio ou à alteração, modelo este que ainda vigora.

Contudo, é importante lembrar que o fato de o profissional transmitir informações ou orientações quanto ao diagnóstico, às técnicas terapêuticas empregadas ou mesmo quanto ao prognóstico, não é suficiente para garantir o envolvimento das mães no tratamento ou para uma mudança em relação ao paciente que possa repercutir na melhora do quadro clínico apresentado. Além do mais, entendemos que é nas interações que desenvolvemos uma parceria, que vai além da troca de informações sobre o paciente, mas caracterizada como um *acolhimento* que poderá acarretar numa maior aproximação e valorização desses sujeitos como seres sociais. Indo além da formalidade das informações científicas para a relação de troca de saberes, o conhecimento obtido poderá auxiliar no tratamento e influenciar o prognóstico do paciente, possibilitando o desenvolvimento de uma relação construtiva importante e transformando uma relação de formalidade e de poder entre terapeuta e paciente em uma relação de solidariedade, mais igualitária.

Dessa forma, além de o profissional ser um corresponsável pelo desenvolvimento da criança, ao *acolher* as mães como sujeitos valorizando o *outro* como ser humano e social, deixaria de ser um mero reabilitador e passaria a ser um agente *transformador*,

porque desenvolveria uma relação construtiva, de ajuda mútua, de *acolhimento* ao *outro* que necessita de ser ouvido nas suas preocupações e necessidades.

Com o surgimento de novas demandas na clínica fonoaudiológica e a necessidade de compartilhar de uma visão linguística e discursiva com as ciências que estudam a linguagem e que possam contribuir para a construção das teorias fonoaudiológicas, é importante entender o funcionamento da linguagem em diferentes contextos sociais como a interação com as mães no contexto clínico.

Assim sendo, acreditamos que uma das contribuições do presente estudo será, num primeiro momento, o fato de ser uma ferramenta para pensarmos nos textos oriundos das conversas com as mães de pacientes enquanto materialização de discursos impregnados de valores, de crenças e de uma cultura própria, apontando para um novo horizonte no qual as mensagens produzidas na troca semiótica⁵ possam implicar numa nova versão de relações sociais. Num segundo momento, entendemos que poderá ser uma contribuição com a prática clínica dos fonoaudiólogos, possibilitando que estes substituam a formalidade da atuação fonoaudiológica clínica junto às mães para a informalidade da prática de interação, ao buscar entender a linguagem individual de um sujeito em um contexto social que é também único. E entender esse processo somente será possível se ouvirmos essas mães e conhecermos a sua visão sobre a interação com o fonoaudiólogo.

Vale salientar a relevância tanto prática quanto social dessa abordagem, uma vez que não encontramos na literatura estudos que enfocassem o discurso das mães de crianças em tratamento fonoaudiológico e a sua perspectiva sobre interação.

As reflexões aqui apresentadas são uma exposição geral do fenômeno de modo a situar o leitor numa sequência introdutória ao tema em questão. Assim, apontaremos os objetivos que pautaram a nossa pesquisa iniciando com o objetivo geral, cujos passos foram desdobrados em objetivos mais específicos como poderemos verificar a seguir.

Inicialmente, nosso estudo teve como objetivo analisar sob a perspectiva das Teorias Linguísticas da Gramática Sistemico-Funcional, da Análise Crítica de Discurso e da Semiótica Social, os textos resultantes das entrevistas com as mães de crianças em tratamento fonoaudiológico sobre *interação com o fonoaudiólogo*, em uma clínica conveniada com a rede pública de saúde, utilizando como base a macro-análise ou análise discursiva. A micro-análise ou análise semântica dos textos será útil para identificar:

- As funções de linguagem com base na Gramática Sistemico-Funcional;

⁵ *Troca semiótica* – Refere-se à construção e à troca de significados expressos na interação entre

- Analisar os participantes e os processos ligados à metafunção ideacional;
- Analisar a polaridade e a modalidade, aspectos estes ligados à metafunção interpessoal, bem como os recursos usados nas sequências semânticas das orações e as relações táticas e lógico-semânticas existentes.
- Interpretar as formações discursivas identitárias presentes nos discursos.
- Caracterizar o perfil social das mães no que diz respeito à idade, profissão, estado civil e escolaridade.

Em relação a esse último objetivo, esclarecemos que nosso intuito foi conhecer as participantes da pesquisa como sujeitos sociais, e os dados, como os contidos no protocolo encontrado também nos anexos, ajudarão nessa compreensão. Quanto aos outros objetivos, serão esclarecidos mais detalhadamente após as discussões teóricas a serem apresentadas nos capítulos seguintes.

A seguir apresentaremos os capítulos que foram desenvolvidos nesta dissertação, traçando para o leitor o caminho teórico percorrido para o embasamento dos pressupostos de que a interação na atuação clínica fonoaudiológica pode ser vista como um processo em construção à luz de outras ciências – além da fonoaudiologia – que estudam a linguagem, como é o caso da linguística.

Iniciaremos com a apresentação das teorias linguísticas que tratam do uso da linguagem: concepções fundamentais para interpretar, analisar e entender como os significados são construídos nas interações linguísticas do dia-a-dia e que nos serviram de base para esse estudo.

Em seguida, introduziremos alguns conceitos básicos para o entendimento do fenômeno que envolve a interação entre o fonoaudiólogo com as mães de pacientes em tratamento, na sua perspectiva. O percurso metodológico será apresentado de modo a propiciar a compreensão temporal do processo de pesquisa realizado a fim de atingir as suas metas.

E, por fim, apresentaremos os dados encontrados, as análises realizadas de modo a visualizarmos não somente a linguagem como instância de produção e distribuição de significados, de instrumento para a construção de sujeitos e de relações sociais, mas também a linguagem em uso como prática estratégica desses usuários do serviço público de atenção à saúde fonoaudiológica e, conseqüentemente, da saúde da comunicação.

fonoaudiólogos e mães, levando-se em consideração o modo semiótico utilizado; no caso específico, o verbal.

É importante salientarmos que, ao apresentarmos os dados, também pretendemos apontar algum caminho que sirva de norte para o desenvolvimento de uma postura interacional diferenciada, que auxilie no desenvolvimento de linguagem das crianças em tratamento e que – acreditamos – depende em parte do fonoaudiólogo construir.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 A LINGUAGEM COMO RECURSO PARA A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES

A interação é um dos momentos em que o fonoaudiólogo pode obter informações mais detalhadas sobre um paciente, ou por meio dele próprio ou de um responsável. Além disso, acreditamos que seja uma situação de comunicação em que os textos produzidos e os discursos circulantes sejam importantes para conhecermos quem são esses sujeitos, uma vez que os produtores de mensagens constroem uma identidade social para si e para os seus ouvintes. A linguagem produzida nas interações com as mães, entendida como produção material e repleta de significados, poderá deixar transparecer parte da história, do contexto social e cultural, das particularidades e das subjetividades dos sujeitos.

Os diversos momentos de interação são considerados situações específicas nas quais os sujeitos comunicam suas intenções e demandas, compartilham os seus conhecimentos e coordenam ações. Acreditamos que nessas situações específicas de comunicação, como a interação terapeuta-paciente, em que o *outro* é aceito não somente como um indivíduo, mas também como um ser social, o paciente ou o responsável por ele passa, *em tese*, a ser mais atuante durante o processo terapêutico e pertencente à instância clínica.

Na interação como processo de comunicação, os sujeitos sociais visam um entendimento mútuo e têm o propósito de chegar a um consenso em que a linguagem tem um papel fundamental. Para Habermas (1987), a interação é entendida como um espaço social em que as normas são constituídas a partir da convivência entre sujeitos que se comunicam e agem. Bakhtin (2006) também se posiciona ao dizer que a interação é um diálogo em que indivíduos influenciam e são influenciados pela linguagem e, nessa relação, com o *outro* as pessoas se constituem como seres sociais e históricos. Já Fairclough (2001a) se refere ao aconselhamento como um tipo de interação, uma prática e como um dos gêneros institucionais que se destaca das ordens de discurso da sociedade moderna. Salienta ainda que:

...o aconselhamento tem suas origens na terapia, em que as pessoas conversam sobre elas mesmas e seus problemas, de modo aparentemente não-avaliativo e não-diretivo, na busca de estabelecer empatia e que atualmente é considerada uma técnica de certas instituições, como efeito de uma reestruturação da ordem do discurso. (FAIRCLOUGH, 2001a, p.129)

No entanto, o autor chama atenção para o fato de ser uma prática hegemônica mesmo que aparentemente sugira uma abertura e um espaço para as pessoas se expressarem e que de certa forma expõe aspectos particulares das suas vidas; mas ainda há uma maneira implícita de poder sobre os indivíduos.

A verdadeira interação, entretanto, pressupõe a percepção do *outro*, uma cooperação mútua, o compartilhar de sentimentos e emoções. É por esta razão que podemos afirmar que o sentido da interação é construído pelos participantes. Consideramos com isto que a intervenção fonoaudiológica voltada tanto para o paciente, mas também centrada nas mães tem muito a contribuir para o desenvolvimento de um vínculo e uma relação construtiva, possibilitando uma maior participação e um envolvimento de todos no processo, além de favorecer o prognóstico de linguagem da criança.

Miranda (1996) enumera alguns requisitos para o desenvolvimento de uma relação construtiva do profissional com a família do paciente, a saber: a) o respeito e a aceitação do outro, reconhecendo o seu valor, o que significa acolhê-lo, demonstrando simpatia e colocando-se no seu lugar; b) a compreensão e a busca dos fatores que possam explicar as suas vivências para entender a razão como vive.

A nossa proposta sugere a valorização dos momentos de interação para que se possa construir outro tipo de relação que seja mais igualitária, mais emancipatória, cujo pensamento é fundamentado na unicidade de cada encontro e na especificidade de cada sujeito envolvido no tratamento da criança. Quando propomos sistematizar esse modelo de prática de interações, objetivamos não somente informar às mães o que ocorre durante as sessões terapêuticas, mas também juntas buscarmos todos os meios que visem o desenvolvimento da criança, o que só será possível por meio de uma escuta apurada de todo o conhecimento que elas possuem dos seus filhos. Seria um processo gradual de compartilhar com aquela que representa a família dos pacientes, os conhecimentos e até mesmo as suas emoções.

Apesar de observarmos uma participação maior dos pais e de outros membros da família no acompanhamento à criança em tratamento fonoaudiológico, muitas vezes são as mães que acompanham as crianças, que são as *cuidadoras*. Como salientam Borges e Sansone (2003, p.109), é a mãe quem cuida da criança e, por este motivo, pode transmitir ao profissional informações sobre os comportamentos do filho de modo mais fidedigno. O mais importante, então, é um trabalho voltado para as mães, para a compreensão do seu discurso,

já que parecem se encontrar mais vulneráveis, mais fragilizadas com a problemática do filho. Ao desenvolver a habilidade de ouvir essas mães, o profissional estimulará a confiança e o respeito destas, componentes necessários para o desenvolvimento de uma relação mais humanitária.

Partindo do pressuposto que ora partilhamos de que na prática clínica fonoaudiológica a família fica relegada a um segundo plano para que o atendimento ao paciente seja otimizado e priorizado, outra questão que apontamos é a importância das interações entre o fonoaudiólogo e as mães, pois são consideradas como uma prática social, uma vez que são permeadas por uma linguagem única e os discursos resultantes contribuem para a construção de identidades sociais, para a construção ou manutenção de relações entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimento e crenças.

Ao utilizarmos a linguagem para interagir, uma das coisas que fazemos é estabelecer uma relação com a pessoa para quem falamos. A relação estabelecida ocorre por meio de turnos de fala e por isso assumimos diferentes funções de fala na troca, como por exemplo quando damos ou solicitamos uma informação. A escolha feita de dar ou demandar algo caracteriza também o tipo de *commodity* ou *bem* a ser trocado, que no exemplo da interação entre fonoaudiólogo e mães são informações. Halliday (1978, p. 02) afirma que

... a linguagem consiste da troca de significados em contextos interpessoais nos quais os participantes trocam informações, bens e serviços na interação por meio dos atos de fala.

Isto significa que, quando falamos, escolhemos perguntar algo, acrescentar um dado novo a uma questão, dar uma opinião, fazer uma afirmação etc. Nossas opções expressam os significados por nós apreendidos em diversas práticas discursivas e sociais. E nas escolhas feitas pela linguagem utilizadas com um fim em uma determinada situação, as pessoas estabelecem as regras a serem adotadas. Significa dizer que muitas vezes alguns grupos utilizam uma linguagem estratégica para que as pessoas acreditem naquilo que é conveniente e importante. De certa forma é uma maneira de manter o controle e inculcar uma visão de mundo tida como verdadeira e um modo de manter um *status*, ou seja, a posição que uma pessoa ocupa em um sistema social.

Outra função da linguagem, portanto, é deixar transparecer nossos objetivos nas diferentes relações sociais que construímos como membros de um grupo social ou como

indivíduos para que nossa posição seja mantida. É por esse motivo que ao longo das nossas vidas, nas interações, desenvolvemos tanto relações de amizade, de maior proximidade com as pessoas, como também de formalidade ou de submissão. Conseqüentemente, desempenhamos diversos papéis sociais de acordo com nossos propósitos e com as relações que construímos. Nesse sentido, lembramos Eggins (2004) que afirma ser no diálogo que estabelecemos e desenvolvemos papéis sociais, pois ao dialogar expressamos significados interpessoais sobre atitudes, negociamos e compreendemos as relações sociais como falantes.

Fairclough (1989) também aborda a questão da linguagem como ação em que as pessoas agem sobre o mundo e sobre os outros por meio da linguagem através dos atos de fala estudados por J. L. Austin e J. R. Searle. Para ambos as palavras ditas ou escritas constituem uma ação concretizada. Na concepção de Fairclough, a linguagem é uma prática discursiva e é prática social determinada por estruturas sociais. O autor aborda a linguagem de modo crítico ao demonstrar que nas interações entre as pessoas as relações de poder e de subordinação podem ser veladas nos discursos. O estudo da linguagem visto por esse prisma possibilita então analisar as interações sociais apontando aspectos nem sempre explícitos nas relações, pois dentre as muitas funções da linguagem, uma delas é também a de exercer, obter e manter o *poder*.

O *poder*, como ação, pode ser exercido quando ajudamos alguém ou mesmo quando criticamos. As relações sociais são consideradas políticas no sentido de exercer o poder de alguma forma sobre as pessoas. E o poder tem efeitos tanto sobre nós mesmos quanto sobre os outros, pois são produzidos a partir de necessidades, bem como multiplicam os valores, as crenças e expectativas individuais. Segundo Goatly (2000), *poder* é uma questão de força que uma pessoa exerce sobre outra, de uma autoridade, de uma instituição, de *status*, de educação, do lugar onde vive ou de uma habilidade e conhecimento sobre algo. Fairclough (1989) afirma que a sociedade é algo como uma formação dinâmica em que as relações são construídas por meio de poder. Para esse autor, “... o poder existe em várias modalidades” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 03). É possível entendermos melhor essa colocação quando lembramos a relação do fonoaudiólogo com o paciente. Naturalmente as convenções existentes nessas interações são aceitas, pois o fonoaudiólogo possui um saber que o paciente não tem, apesar de compartilhá-los com ele; porque sabe como lidar com a dificuldade do paciente e na maioria das vezes cabe ao profissional indicar os exercícios que devem ser feitos, cabendo ao paciente a cooperação para o sucesso do tratamento. De certa forma, o fonoaudiólogo detém o controle da situação no início do processo terapêutico, mas no

decorrer deste compartilha com o paciente a decisão sobre qual caminho ele deseja percorrer para o alcance de um prognóstico melhor. Nesse caso, podemos entender o *poder* pelo *saber* sendo exercido por meio da linguagem pelo profissional no modo como o paciente ou sua família acata as informações e orientações do fonoaudiólogo.

Kress (1990) também se posiciona no que diz respeito ao poder por meio da linguagem e aponta que as escolhas feitas pelas pessoas projetam ou constroem nas interações linguísticas, formas diferentes de relações sociais, podendo ser de poder e controle.

Para Lemke (1995), são os significados aprendidos e tomados como senso comum que sustentam o poder de um grupo social sobre o outro. Por essa razão, o autor considera a relevância da análise dos significados produzidos em um texto, que pode funcionar para sustentar ou para mudar as relações de poder na comunidade. No entanto, é preciso lembrar que o poder nem sempre é algo negativo. Em certas situações, o poder de um indivíduo sobre outro pode ajudá-lo a fazer escolhas mais coerentes com as suas necessidades. Apesar de que, ao empreendermos uma ação como falar, escrever, reproduzimos o mundo com base em conhecimentos e vivências a partir da nossa perspectiva. Por esse motivo, não devemos ter a pretensão de que todos os ouvintes/leitores entendam da mesma forma. Por isso mesmo os significados que produzimos serão re-significados por outros sujeitos.

É também quando interagimos com as pessoas que o nosso discurso como ação social será característico de um estilo, no qual os significados produzidos no texto materializado poderão ser parecidos em seu significado, mas não serão em seus valores, estrutura e modo de organização. Nesse aspecto, Lemke (1995) acrescenta que, em um evento ou ocasião, um texto produzido adota padrões específicos. Assim, temos que os textos produzidos por um sujeito em particular, pertencente a um grupo social, terão características próprias desse grupo, pois todas as nossas ações revelam parte da nossa cultura e pontos de vista da comunidade à qual pertencemos. Numa interação entre um fonoaudiólogo e a mãe de uma criança em tratamento, por conseguinte, os textos produzidos seguirão geralmente um padrão relacionado com questões fonoaudiológicas, próprias das comunidades à qual pertencem esses sujeitos. Os discursos produzidos nos textos também são específicos dessa situação. Ressaltamos por isso mesmo a relevância de ouvirmos o que as mães têm a dizer sobre a interação com o fonoaudiólogo para, a partir da compreensão dessa perspectiva, implementarmos as mudanças pertinentes à prática da interação.

Apesar de as questões ora colocadas entre o fonoaudiólogo/paciente/mães serem caracterizadas ideologicamente e relacionadas com *poder*, uma vez que são relações baseadas em convenções legitimadas por diferenças de poder exercido pelo saber através da linguagem, não serão tratadas do ponto de vista ideológico em nossa pesquisa, pois necessitaríamos um estudo mais aprofundado, inclusive com mais contatos com as mães para um maior entendimento das suas posições. No entanto, buscamos entender se essas relações se mantêm e se os discursos indicam isso de modo explícito.

1.2 TEXTO, DISCURSO E IDENTIDADES

Inicialmente, apresentaremos alguns conceitos que serviram de pilares para trilharmos o nosso caminho teórico. As bases teóricas linguísticas escolhidas como referencial são as que melhor amparam a nossa pesquisa da prática fonoaudiológica da interação. Não temos, portanto, a pretensão de contrapor essas teorias a nenhuma teoria social, psicológica ou mesmo fonoaudiológica.

A utilização de uma língua se dá por meio de um texto oral ou escrito, considerado o produto material dos falantes/escritores, constituído de palavras e estas podem conter uma variedade de significados. Entendemos que a *palavra*⁶ do outro é o cerne do trabalho de Bakhtin (2006), ao afirmar que a palavra é o produto da interação entre falante e ouvinte e, quando tomada por um indivíduo, torna-se signo⁷. Assim, *palavra*, para o teórico russo, é por natureza um fenômeno ideológico, pois é assumida por um sujeito e ao tornar-se signo revela uma dada realidade. Como tal, é sempre um indicador de transformações sociais.

Sobre o significado, salientamos a importância de que ser produzido de várias maneiras além da linguagem verbal e construído em processos sociais, também chamados processos semióticos⁸. As mensagens ou traços de mensagens daí derivadas sempre produzirão algum tipo de texto. Segundo Hodge e Kress (1988), um texto é o produto concreto e material produzido no discurso, com significado na medida em que projeta uma

⁶ No sentido de Bakhtin, *palavra* diz respeito à *enunciação*.

⁷ Em nosso estudo adotamos o sentido de signo como sendo o significado construído e apreendido socialmente por vários modos semióticos.

⁸ Essa questão será abordada no capítulo sobre Semiótica Social.

versão da realidade. Halliday e Hasan (1989) apontam que nos textos entendemos como a linguagem funciona pelo modo como falamos ou escrevemos, influenciada pelo contexto onde eles são construídos. Fairclough (1995) vai mais além quando pondera que, em qualquer parte de qualquer texto, relações e identidades serão representadas. Portanto, os indivíduos, ao se comunicarem, produzem textos de acordo com uma situação e um contexto, sendo que estes são simbólicos e impregnados de significados potenciais. Ravelli (2000) aponta que um texto é uma unidade semântica de linguagem em uso e os signos criados e neles reproduzidos são reveladores das mudanças históricas, sociais e individuais e, por conseguinte, eles são indicadores das relações sociais construídas. É por meio dessas relações que produzimos diversos textos, cuja materialidade é simbólica.

Quanto ao discurso, Moita Lopes (2002) postula que este pode ser representado como um processo de construção social, pois os significados são construídos por participantes e essa construção é balizada em circunstâncias sócio-históricas mediadas por determinadas práticas discursivas nas quais os envolvidos se posicionam em relações de *poder*. Conhecer o discurso dos interactantes envolvidos numa prática discursiva é entender como eles constroem a sua realidade social e a sua identidade. Na interação, os participantes influenciam e são influenciados, pois constroem em conjunto novos significados, o que provoca desta forma mudanças nas suas identidades. Para Hodge e Kress (1988), discurso se refere ao processo social no qual os textos estão inseridos, pois ele é construído nas interações. Para eles, o texto é o objeto material produzido no discurso. Fairclough (1989) se refere ao discurso como o processo de interação social do qual o texto é parte. Lemke (1995) afirma que os discursos e os textos são complementares, o que pode ser compreendido como a interação da estrutura linguística de um texto com o seu contexto, sinalizando o discurso do sujeito. Podemos inferir, a partir dessas colocações, que os textos reproduzem os discursos e revelam muito do contexto no qual são produzidos. Nada mais são do que uma projeção das posições e das identidades dos sujeitos sociais que se ajustam às necessidades.

Hall (2000) trata do conceito de identidade como um conceito estratégico e posicional. Na sua concepção, as identidades “... não são nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou serem antagônicas” (HALL, 2000, p.108). Para o autor as identidades estão sempre em processo de mudança. No sentido mais amplo, englobam papéis. Elas se valem da história, da cultura e da linguagem para serem o que são e para serem transformadas de acordo com

a necessidade do momento de vida das pessoas e, por isso, são produzidas de modo estratégico. A concepção assumida por Hall considera o sujeito⁹ como ser sociológico. Daí o autor apresentar as seguintes características de identidades sociais: *fragmentação*, *contradição* e *fluidez*. Assim, a *fragmentação* sugere que os indivíduos exercem diferentes identidades sociais nas interações. A *contradição*, por sua vez, reza que as identidades nas práticas discursivas dependem da posição que o sujeito ocupa. Já a *fluidez*, que as identidades não são fixas, mas sim construídas na e por meio da linguagem. Woodward (2000, p.09) também trabalha com essa concepção quando aponta que “... a identidade é marcada por meio de símbolos...” e é construída socialmente. Acrescenta que a afirmação das identidades é histórica no sentido de que elementos da história de cada pessoa, fazem parte do processo dessa construção. Woodward e Hall compartilham do “princípio da diferença” quando afirmam que as identidades são construídas na relação com o *outro*, na diferença e por isso o sujeito tem a necessidade daquilo que lhe *falta*. Woodward (2000) salienta que, para existir, a identidade é dependente de algo fora dela e, logo, marcada pela diferença.

Ao pensarmos a história dos profissionais da área de saúde construída ao longo dos anos tendo como modelo a história da medicina, observamos que esta é marcada por uma crença de que esses profissionais podem *sanar* problemas do corpo físico. Mais especificamente, a identidade do fonoaudiólogo foi construída e é representada como sendo a de um profissional conhecedor de procedimentos e estratégias que restabelecem a saúde da comunicação humana, principalmente os relacionados à fala. Na interação, o fonoaudiólogo, estrategicamente, aborda questões que estão relacionadas à criança/paciente e ao seu desenvolvimento. Assim, o ouvinte lhe confere a credibilidade, reconhecendo a autenticidade do seu discurso pela identidade profissional construída. O terapeuta, papel que o fonoaudiólogo assume, é um questionador, um observador e um avaliador, que tem um suposto poder de sanar os problemas da comunicação falada ou escrita. Na verdade é um saber científico sobre a saúde que lhe confere a responsabilidade de transmiti-lo. Entretanto, ele pode utilizar esse *poder* como um instrumento para desenvolver uma relação importante com as mães em benefício dos pacientes. É bem verdade que o seu saber abrange um conjunto de funções por ele exercidas, conferindo-lhe um certo *status*.

⁹ Concepção também adotada em nosso estudo.

Sobre isso recorreremos a Foucault (1995, p.206) quando diz que :

um saber é aquilo de que podemos falar e em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o do múnio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico...

Ele acrescenta ainda que a posição que o sujeito ocupa permite que seu discurso tenha o aval institucional como, por exemplo, no caso do discurso do fonoaudiólogo abalizado pela clínica, pelo hospital etc.

Em diferentes momentos de nossas vidas em sociedade, todos nós desempenhamos vários papéis esperados pelo grupo social ao qual pertencemos. Assumimos diferentes papéis de fala, por exemplo, conforme o turno de fala ou a posição social que ocupamos. Podemos emitir opiniões, fazer avaliações e expressar uma atitude. Podemos ser amigos, estranhos, expansivos, dependendo do momento, da situação, do contexto, do objetivo e das necessidades. Moita Lopes (2002, p.198) lembra que “... o que somos é construído a partir do papel que representamos um para o outro por meio da palavra...”.

Outro exemplo que nos ocorre é o da mulher que ao se tornar *mãe*, que em grande parte dos casos, exerce o papel de *cuidadora* e de educadora de seus filhos. Historicamente, essa construção simbólica é referenciada pelas práticas e pelas relações sociais. Nossas identidades, portanto, são reveladas nas relações que mantemos. Woodward (2000) afirma que é no discurso por intermédio das práticas discursivas específicas que as identidades serão produzidas. Essas identidades por nós assumidas têm relação com os papéis que desempenhamos na sociedade. No que diz respeito ao papel social, Telles (2008) declara que é um conjunto de expectativas em torno de uma função como, por exemplo: a mulher-mãe, a mulher-esposa e assim por diante. A função diz respeito à posição ou ao *status* que um indivíduo ocupa no sistema social. Já o *papel* é a dinâmica do *status*.

Meurer (2004) aponta que os indivíduos agem desempenhando diferentes papéis nas práticas sociais relacionados com a sua posição social e identidade. Hall (2000) postula que as identidades nascem à medida que as pessoas interagem e participam de práticas discursivas específicas, em diferentes momentos de suas vidas.

A partir dessas importantes contribuições, podemos dizer que nas relações sociais os discursos proferidos são impregnados de marcas que revelam as várias identidades e os

papéis assumidos nas interações. Uma vez que os discursos são constitutivos de identidades sociais e formas de prática social, os discursos das mães e a sua visão sobre interação com o fonoaudiólogo podem revelar muito das suas identidades e papéis nessa prática.

Para atingirmos os nossos objetivos, as concepções teóricas da Gramática Sistêmico-Funcional e da Análise Crítica de Discurso adotadas são complementares, pois a primeira visa a interpretar os recursos lingüísticos usados por falantes nas interações e a segunda analisar de modo crítico as relações de poder expressas nos textos daí resultantes. A Semiótica Social por sua vez agrega à essa interpretação como o recurso semiótico da linguagem verbal foi utilizado para o propósito social.

Assim sendo, apresentaremos a seguir, as concepções teórico-metodológicas, que combinadas, foram importantes instrumentos que serviram de guia na interpretação dos achados, pois nos ajudaram a elucidar melhor a questão. Abordaremos inicialmente as teorias da Semiótica Social e da Análise Crítica de Discurso, teorias que historicamente apoiaram-se na Gramática Sistêmico-Funcional e que serviram como complemento às nossas análises textuais.

1.3 A SEMIÓTICA SOCIAL

Na perspectiva da busca pelo entendimento do fenômeno da interação na clínica fonoaudiológica, nos baseamos em Halliday (1978) e Halliday e Matthiessen (2004), quando afirmam que é pela linguagem que entendemos o que as pessoas fazem, comunicamo-nos e assim o fazemos com uma finalidade, utilizando-nos de estratégias que são específicas para cada situação, levando em conta aspectos sociais.

Assim, adotamos a Semiótica Social, teoria complementar à noção de Semiótica definida por Sausurre, como um dos pilares de sustentação para a nossa pesquisa, pois acreditamos que possibilitará a compreensão do fenômeno da interação no sentido social e para isto é preciso entender como os linguístas abordam a questão.

Entendemos a interação entre o fonoaudiólogo e as mães de pacientes como um fenômeno semiótico em que esses grupos sociais formados a partir de uma comunidade maior desenvolvem um tipo de ação permeada pela linguagem. Lembremos e utilizamos o

conceito de Lemke (1995) sobre comunidade como um sistema de práticas sociais, um sistema de ações, antes mesmo de ser um sistema de agentes.

A Semiótica, como aponta van Leeuwen (2005), é considerada a ciência dos signos. Ao demonstrar o percurso histórico, o autor relata que o termo *semiótica* surgiu pela primeira vez ao ser usado pelo médico grego Galeno de Pérgamo (139-199) quando classificou o diagnóstico médico como um processo de *semêiosis*. Em 1690, John Locke usou o termo para tratar das palavras. No século XX, importantes escolas semióticas foram fundadas, tais como: a Escola Linguística de Praga em 1926, a Escola de Paris na década de 60; na década de 80, a Escola de Sydney, cujos membros desenvolveram importantes estudos sobre semiótica social, inspirados na teoria de Ferdinand de Saussure e na visão proposta por Halliday (1978) de que a linguagem é um recurso para produzir significados. Halliday e Hasan (1989, p.03) lembram que o conceito de semiótica derivou do conceito de signo e por isso foi definida como o “estudo geral dos signos”. Todavia, os autores alegam que nessa perspectiva o signo tende a ser visto como algo existindo isoladamente e, logo, consideram a *semiótica* como “o estudo dos sistemas de signos” ou “estudo do significado”. Dessa forma, pode-se dizer que a linguística é um tipo de semiótica; um aspecto do estudo do significado (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 04).

Há vários modos de significar e de sistemas de significado. A linguagem é um desses e juntamente com outros sistemas constituem uma cultura. O termo *social*, para Halliday e Hasan (1989), se refere ao sistema social ou a uma cultura como um sistema de significados. A Semiótica Social, dessa forma, relaciona a linguagem com a estrutura social, que é uma parte do sistema social. Portanto, visa a analisar o fenômeno linguístico numa perspectiva social. Nessa dimensão, esses autores iniciaram seus estudos sobre a linguagem e se focaram na educação – segundo os autores, pouco debatida – diferentemente da linguagem explicada por alguns linguistas com um processo psicológico. E foi ao longo desse caminho que concluíram que o conhecimento é transmitido nas relações em contextos sociais e nas atividades sociais, nos quais os significados são construídos. Ainda para esses autores, é possível entender como a linguagem funciona por meio do estudo dos textos orais/escritos a partir dessas relações. Contudo, vão além, ao afirmarem que há outros aspectos não verbais que envolvem um texto, importantes para o entendimento da situação. Eles se apoiaram no conceito de “contexto de situação” introduzido por Malinowski, antropólogo que em 1923 realizou um estudo sobre a linguagem em ação, analisando o uso desta na interação entre os habitantes

de uma ilha no Pacífico Sul durante alguns eventos como, por exemplo, pescar. Ao observar o que acontecia, verificou também que a história cultural daquele povo possibilitava a interpretação do significado. Assim, introduziu também o termo “contexto de cultura”, pois, para ele, ambos possibilitavam a compreensão dos textos produzidos. Malinowski descreveu uma linguagem que, segundo ele, era primitiva e, por isso mesmo, anos mais tarde publicou artigos relatando o seu erro com essa afirmação, assumindo que os significados são construídos nas experiências das pessoas (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 07).

Em 1935, J. R. Firth se interessou pelo “contexto de cultura” e, tomando como base a teoria de Malinowski, criou a sua própria, demonstrando que “todo significado tem função no contexto”, sendo a Linguística, pois, o estudo do significado. (HALLIDAY; HASAN, 1989, p.08).

Hodge e Kress (1988) referem-se à Semiótica como sendo o estudo da *semiose*, isto é, estudo dos processos e efeitos de produção e reprodução, recepção e circulação de significados construídos por meio de formas, textos e práticas semióticas. A Semiótica Social para eles é a ciência que analisa os signos criados por um indivíduo que em uma determinada situação deseja expressar algo, pois, ao contrário do que se pensava, o signo é sempre motivado para um determinado fim. O processo social em que o significado é construído e reconstruído é chamado de *processo semiótico*.

Na Teoria da Semiótica Social, os signos são convenções sociais provenientes de uma dada cultura e é nas interações entre as pessoas que esses são criados e recriados. Desta forma, a língua é parte de um contexto sociocultural. Como a teoria tem sua base na ação social, no contexto e no uso da linguagem, preconiza que todo significado está ligado a uma dimensão social, cultural, histórica e política de uma dada comunidade. Vale dizer que tudo que as pessoas fazem tem relação com significados construídos ao longo de sua vida.

Em atividades semióticas ou atos semióticos, participantes interagem de muitas maneiras em contextos sociais e, dessa maneira, produzem significados que são reproduzidos. Nesse processo de comunicação, a menor forma semiótica existente é a mensagem. Ela sempre terá uma origem e uma meta, um contexto e uma razão. Para Hodge e Kress (1988) uma mensagem é orientada para o processo semiótico ou processo de construção e troca de significados que acontece no plano semiótico. A mensagem diz respeito a algo e ao mundo ao qual se refere. Uma unidade semiótica é composta por

textos e discursos. Os autores se referem ao texto como uma estrutura de mensagens ou traços de mensagens que têm uma unidade socialmente construída. O discurso se refere ao processo social no qual os textos estão inseridos. Desse modo, os autores ampliaram a visão de contexto utilizada por Halliday.

Para Lemke (1995, p.27),

... a Teoria Social do Discurso sugere que nossos usos da linguagem são inseparáveis das funções sociais, dos contextos sociais, de ações e relacionamentos dos quais a linguagem é parte.

Isto significa dizer que a linguagem é vista como uma semiótica social, um recurso para ser usado com fins sociais.

O foco da Teoria da Semiótica Social é no uso da linguagem dentro das interações no contexto social. Estas servem para que haja algum significado para os participantes, uma vez que o processo de uso da linguagem é semiótico e, portanto, motivado por uma razão e orientado para um determinado fim. Halliday (1978) afirma que o contexto é parte determinante do que dizemos e, da mesma forma, o que dizemos determina o contexto. As estruturas semânticas de um texto refletem, então, o contexto social. O autor acrescenta que o tipo de situação é uma estrutura semiótica, uma instância de significados, que compõe o sistema social, caracterizado por pessoas, ações, eventos e na qual o conjunto de mensagens produzido implicará numa versão generalizada das relações sociais. O que as pessoas expressam nesses contextos delimitados também nos remete ao papel desempenhado por elas nas relações. Na estrutura social, as pessoas agem afirmando o seu *status* e papéis nas trocas de significados, transmitindo valores e conhecimentos. Isso nos leva a uma reflexão sobre o que Halliday (1978) apresenta como as dimensões de uso da linguagem, ou seja, quais as escolhas do sistema linguístico que uma pessoa pode fazer em contextos sociais e qual a razão da escolha feita? O propósito da Semiótica Social é, portanto, que o uso da linguagem seja compreendido numa perspectiva social e levando-se em conta os fatores ambientais. O enfoque da teoria é uma visão de linguagem estratégica, descritiva e interpretativa, na qual os recursos semióticos empregados nas interações irão refletir o tipo de relação existente.

Constantemente um sistema de signos é reproduzido e reconstituído nos textos, que são a realização material deste sistema. Podemos exemplificar isto no que ocorre durante o

processo terapêutico entre o fonoaudiólogo e as mães de pacientes. Sabemos que a interação entre fonoaudiólogo/mães é um procedimento do cotidiano clínico, cujos textos resultantes são únicos, uma vez que são produzidos no contexto clínico por essas mulheres/mães e não por outras mulheres/mães. Mais especificamente, os textos produzidos nessas situações podem ser diferentes de outros produzidos em instituições que prestam o mesmo serviço. Assim, procuramos respaldo na Semiótica Social para tentarmos responder às seguintes questões:

- Quais os tipos de significados produzidos no modelo de interação da instituição onde a pesquisa foi realizada pelas mães encaminhadas pela rede pública de saúde?
- Qual tipo de interação fonoaudiólogo/mães encontramos nesse caso?

O que a Semiótica faz é justamente elencar os diferentes recursos linguísticos, descrever seu potencial semiótico e os significados que produzem por meio da linguagem. É bem verdade que o olhar do pesquisador/fonoaudiólogo poderá revelar necessidades, interesses e aspectos subjetivos diferentes dos que têm outros profissionais. No entanto, acreditamos que haverá significados potenciais reconhecidos socialmente e outros que poderão ser construídos a partir desse estudo. Por isso, retomamos Halliday (1978, p.192) quando aponta que o “significado potencial” é um termo que caracteriza a linguagem como um recurso, uma escolha em uma determinada situação, num contexto social.

A teoria da Semiótica Social também trata da questão da modalidade ao descrever a posição dos participantes do processo semiótico, referindo-se ao estado e à posição (*status*) no sistema de classificação do plano mimético, segundo Hodge e Kress (1988, p.122-123). Do ponto de vista semiótico, verdade e realidade são categorias descritas pelos sujeitos sociais na interação, que podem aceitar ou rejeitar essa classificação ao levarem em consideração o seu ponto de vista, o que é expresso por meio da modalidade. Os autores postulam que o uso da modalidade assegura que algo é verdadeiro na visão de realidade desses sujeitos, que aponta para a construção social ou para a contestação do sistema de conhecimento existente. Na interação, ao concordar, uma pessoa dá crédito a um conhecimento ou a um fato e a não concordância coloca estes em dúvida. Ainda para esses autores, toda fala é modalizada e, por isso, a modalidade¹⁰ também expressa afinidade entre

¹⁰ No que se refere à modalidade, voltaremos a discutir essa questão na seção que trata da Gramática Sistêmico-Funcional e mais especificamente sobre a metafunção interpessoal.

falante e ouvinte. Segue que a afinidade pode indicar uma relação de solidariedade ou de *poder*, isto é, alto grau de afinidade indica solidariedade entre participantes.

Ao nos referirmos aos aspectos semânticos da linguagem, portanto, reafirmamos a necessidade de analisar o contexto no qual todos os aspectos têm papel fundamental. Contudo, apesar de sabermos que há muitas variáveis que colaboram para a construção de significados, em nosso estudo as análises enfocaram apenas os aspectos linguísticos expressos verbalmente pelos participantes da pesquisa.

1.4 A ANÁLISE CRÍTICA DE DISCURSO (ACD)

Na década de 60, alguns linguistas críticos na Grã-Bretanha já articulavam a Teoria Linguística Crítica com a Gramática Sistêmica de Halliday para análises textuais.

Em 1990, um grupo de estudiosos formado por Norman Fairclough, Teun van Dijk, Gunther Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak, deu início a discussões sobre a questão da luta e transformações de poder com diferentes enfoques. Surgia então a Análise Crítica de Discurso.

A Teoria Social de Discurso de Norman Fairclough fundamenta-se no princípio de que a linguagem é um tipo de prática social de representação e significação e que os textos produzidos como resultado de uma prática social são o resultado de ações entre os falantes e ouvintes ou entre os escritores e leitores, uma vez que estes adotam escolhas objetivadas pelo *poder* e pela dominação. Fairclough (1992a) preconiza que o discurso é moldado por essas relações sociais e por esta razão uma análise crítica de textos pode revelar uma linguagem utilizada para a manutenção ou não de *poder* e de *status*.

A Análise Crítica de Discurso (doravante, ACD) analisa e descreve a materialidade da linguagem e tem como objetivo, dentre outros, investigar como as práticas discursivas, os eventos e os textos surgem das relações e lutas de *poder*. Para Fairclough (2001a, p.35)

“...visa a explorar sistematicamente relações frequentemente opacas de causalidade e determinação entre as práticas discursivas, eventos, textos e estruturas sociais e culturais...”

Nessa perspectiva, a linguagem leva em conta as mudanças históricas, políticas e ideológicas e é caracterizada como escolha, da mesma forma como acontece na Gramática Sistêmico-Funcional.

Fairclough (1992a) e (2001b) adota três dimensões de análise de discurso, fundamentadas no fato de que cada evento discursivo é um evento social complexo. Nesse caso, o evento discursivo é entendido como uma instância de uso da linguagem analisada como texto, como prática discursiva e como prática social. O autor considera que todo discurso é um texto, pois nele a materialidade da linguagem é expressa de modo oral/escrito, que permite caracterizar um indivíduo dentro de um determinado grupo social; é uma prática discursiva, uma vez que é uma interação envolvendo o processo de produção e interpretação de um texto; e é uma instância de prática social, já que é um modo de ação no qual as pessoas agem sobre o mundo e sobre os *outros*. Sobre isso, lembramos o posicionamento de Bakhtin (2006) que considera diálogo a língua falada/escrita uma interação entre indivíduos socialmente constituídos, que se influenciam mutuamente através da linguagem.

Como estudioso da ACD, Kress (1990) afirma que um dos objetivos da análise por meio da teoria é avaliar a construção dos textos, levando-se em conta o contexto e descrevê-los de modo a entender quais os aspectos socioculturais presentes na estrutura, porém dando uma dimensão crítica à avaliação teórica. Para ele, a ACD faz uma descrição e análise da materialidade da linguagem que parte do social e aponta as estruturas de *poder*, a sua reprodução por meio dos textos e os efeitos nos indivíduos. Por isso mesmo, pode ser aplicada como teoria de análise complementar à Gramática Sistêmico-Funcional, uma vez que esta última parte do linguístico. Os instrumentos para uma análise crítica são recursos socioculturais da situação comunicativa, tais como a posição, o papel e a subjetividade dos sujeitos. Kress (1990, p.86-87) elenca as seguintes bases que dão origem à teoria:

- a) a linguagem é uma dentre as várias práticas sociais de representação e significação;
- b) os textos são o resultado de ações que falantes/escritores realizam, cujas escolhas estruturam o poder;
- c) as relações dos participantes na produção de textos são geralmente desiguais;
- d) os significados são o produto da interação entre falantes/ouvintes e escritores/leitores com os textos. Nessa interação, todos estão sujeitos às regras e às relações de poder;

- e) os signos, como recursos linguísticos, são o resultado de processos sociais e consequentemente são motivados e não arbitrários;
- f) os recursos empregados nos textos são caracterizados por uma opacidade, assim como a linguagem, pois não revelam de forma clara o que origina a sua utilização;
- g) o usuário da língua, por causa da sua posição sócio-cultural (*sic*), manifesta seus conhecimentos de diferentes modos.

Kress (1990, p. 88)¹¹ ainda afirma que

... ‘escolha’ é a categoria que capta e reflete por um lado, níveis de poder e controle lançados numa interação e por outro lado, níveis potenciais e característicos da ação real- não determinada- disponíveis aos participantes nas interações linguísticas, faladas ou escritas.

Podemos exemplificar no nível da oração que o falante escolhe os recursos por meio do modo oracional interrogativo, declarativo e imperativo para se expressar. Ele tem a real possibilidade de escolha numa tentativa de construir uma relação social. Essa escolha está disponível no sistema de tempo ou de modalidade, mas ambas projetam uma relação específica. Por exemplo: “*Eu posso falar com você?*”, uma oração caracterizada pelo modo interrogativo, é diferente de dizer: “*Eu preciso falar com você.*”, oração caracterizada pelo modo oracional declarativo. Isso distingue a relação, uma vez que cada escolha vai revelar a relação social existente entre os participantes da interação. Ao escolher o modo declarativo, o falante assume uma posição que, nesse caso, reflete o seu maior poder. Dessa maneira, a linguagem foi utilizada com o objetivo de construir uma relação desejada pelo participante. A linguagem como um modo de representação, de construção ou projeção, pode refletir uma relação de maior ou menor proximidade ou projetar uma nova versão dessa relação. Kress (1990, p.89) afirma que a dinâmica da escolha em si é uma questão de diferença de poder.

Martin (2000) aponta para uma interlocução entre a Gramática Sistêmico-Funcional e a ACD, na qual é possível fazer uma análise do discurso de modo crítico sem deixar de considerar a dimensão multifuncional dos textos produzidos. O autor acrescenta que na perspectiva do significado ideacional, a ACD se interessa pelo modo como os textos constroem o poder, tendo como base o sistema de transitividade, proposto por Halliday (1985), no qual processos são construídos por meio de ações e os participantes

¹¹ ‘Choice’ is the category that captures and reflects, on the one hand, degrees of power and control at issue in an interaction, and on the other, the potencial degrees and characteristics of real- not determinate – action

são envolvidos em diferentes circunstâncias. Martin (2000) ainda relata que na língua inglesa há uma diferença de relação entre participante/agente e participante/meio ou meta. Ele explica que nessa dimensão o significado no discurso aponta para relações diferenciadas de desigualdade e de poder. Isso pode ser melhor compreendido quando analisamos nos textos quem está agindo, qual o tipo de ação realiza e sobre o que ou sobre quem. Na perspectiva do significado interpessoal, o autor acrescenta que o interesse da ACD é como o texto pode incitar o poder. Isso pode ser verificado por meio das orações e o modo como os falantes se posicionam na relação com os ouvintes, ou seja, declarando, questionando, exclamando ou por meio de comandos. Essas quatro funções posicionam o ouvinte para receber ou dar uma informação, prestar um serviço ou afirmar algo. Na perspectiva do significado textual também é possível verificar como um texto constrói significados que naturalizam o poder.

A partir dessas perspectivas, é importante e necessário revermos um conceito básico que retoma o pensamento de que a interação do fonoaudiólogo com as mães é considerada uma prática social e uma prática discursiva. É o conceito de ‘evento discursivo’ que se configura em três dimensões:

- 1) É uma instância de prática discursiva em que há a produção e interpretação de textos;
- 2) É uma amostra de prática social, porque os discursos produzidos contribuem para a construção de identidades sociais;
- 3) É um texto, porque é uma estrutura de mensagens ou traços destas, com uma unidade social atribuída; é o objeto material produzido no discurso.

Sendo assim, as interações entre fonoaudiólogos e mães podem ser consideradas como uma prática social e discursiva, uma vez que os textos resultantes são produções materiais e linguísticas provenientes desses sujeitos. Através da comunicação a interação ocorre como uma prática social. Isso pode ser afirmado com base na teoria de Fairclough (2001b) na qual o discurso é também uma prática social, pois é um modo de ação em que as pessoas agem sobre o mundo e sobre os *outros*; é um modo de significar a experiência a partir de uma perspectiva particular, não sendo considerada como atividade social de um

which are available to participants in linguistic interaction, whether spoken or written. (Kress, 1990, p.88)

indivíduo e, de acordo com Hodge e Kress (1988), é parte do plano semiótico, formado por um conjunto de ideias e de significação, a partir de uma estrutura social.

Aos nossos olhos, no entanto, essa prática discursiva e social necessita ser instituída como uma prática do cotidiano clínico fonoaudiológico, mas diferenciada da maneira como geralmente ocorre. Acreditamos, por essa razão, que uma análise fundamentada pela ACD certamente poderá indicar os caminhos importantes e necessários para essas mudanças.

1.5 A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (GSF)

Na década de 60, Michael Alexander Kirkwood Halliday desenvolveu a Teoria Sistêmica. Esse nome se deve ao fato de apresentar uma Gramática da linguagem representada na forma de sistemas de escolhas, a Gramática Sistêmico-Funcional, cujo objetivo foi demonstrar por meio da gramática funcional do inglês moderno, que uma estrutura oracional pode apresentar significados simultâneos, segundo Halliday e Matthiessen (2004). O estudioso baseou-se no fato de que a linguagem expressa uma dada realidade social e é uma prática social.

Como base para a Teoria da Linguística Sistêmico-Funcional (e também da Semiótica Social), Halliday buscou sustentação nos estudos do antropólogo Malinowski (1923) que demonstrou que a tradução de termos linguísticos só é possível levando-se em conta aspectos sociais e culturais. Também se apoiou em Whorf (1956), um gramático que apontou para a linguagem como um instrumento de organização da sociedade. Firth (1950), como linguista, colaborou com os estudos de Halliday ao abordar a linguagem como um sistema de escolhas e um modo de reprodução de uma dada realidade. Firth introduziu a noção de *sistema* como um conjunto de possibilidades de uso da linguagem. Indo mais além, Halliday buscou embasamento para a sua teoria nos estudos de Bernstein sobre estrutura social e de Labov, sobre estrutura linguística, ambos apontando para o contexto como parte determinante daquilo que uma pessoa diz e o que é dito influenciando o contexto.

A Gramática Sistêmico-Funcional (doravante, GSF) tem como princípio demonstrar as relações entre linguagem e contexto. Para Halliday (1978), o contexto determina o que

dizemos e de forma inversa o que dizemos deve estar em consonância com o contexto. O autor acrescenta que no contexto ou situação em que a linguagem é usada há algumas variáveis que determinam as nossas escolhas. Halliday (1978) também faz uma interpretação de *situação* (amparado nas colocações do antropólogo Malinowski (1923) sobre “contexto de situação”) como uma estrutura semiótica na qual a linguagem é usada para produzir significados que permeiam o sistema social. Os recursos linguísticos daí derivados são importantes significados que têm relação com as pessoas, ações e eventos. Isto quer dizer que a linguagem simboliza o sistema social, o que a caracteriza como uma semiótica social.

A relação entre o contexto social e a linguagem é uma relação de interdependência baseada em correspondências entre campo, relação e modo, desenvolvida por Halliday na Teoria do Registro. O contexto social é modelado em níveis como um sistema de registro, em que é possível analisar a linguagem utilizada pelas seguintes variáveis:

- a) *Campo* ou construção de significado – o ambiente, o contexto social da linguagem, estruturado como campo de ações sociais significantes;
- b) *Relação* – a maneira como me relaciono com o *outro* (os papéis sociais e as relações entre poder e solidariedade);
- c) *Modo* – a organização simbólica ou como produzir significados, o que ocorre por meio da linguagem falada/escrita.

Essas variáveis da situação estão respectivamente relacionadas aos componentes ideacional, interpessoal e textual do sistema semântico.

Esses três aspectos organizam o contexto e correspondem às camadas de significação, segundo Martin (2000). Juntos constituem a “situação” ou “contexto de situação” de um texto, que determinam a escolha semântica, uma vez que a linguagem difere de acordo com a situação. Reforça a ideia de que a linguagem é construída e constrói o contexto social e, ao longo do tempo, reconstrói este.

Hodge & Kress (1988) consideram o contexto uma parte importante do significado, e o significado como sendo constituído pelo contato entre o texto e a sua função, alcançando aspectos sociais e ideológicos.

Assim como outros sistemas semióticos, a linguagem produz significados. Os recursos empregados nessa produção podem ser concretos, imediatos e presentes na situação ou ser referentes a alguém numa relação que explica o significado potencial. Apesar de o uso da linguagem ser intencional e o sentido construído na estrutura e na organização das

orações, a GSF possibilita também a análise dos significados da linguagem em processos sociais, pois nos textos falados ou escritos é possível encontrar aspectos úteis ao entendimento do contexto.

A GSF apresenta três pilares ou princípios básicos:

- 1) O uso da linguagem é funcional e por isso é intencional, pois tem a função de produzir sentido;
- 2) O sentido é influenciado pelo contexto cultural;
- 3) O processo de uso da linguagem é um processo semiótico no qual a produção de sentido baseia-se em escolhas.

Esses princípios demonstram que essa abordagem sistêmica da linguagem é funcional e semântica, principalmente sob dois aspectos: a) Porque ela aponta questões funcionais sobre a linguagem: como as pessoas usam a linguagem? b) Porque ela interpreta o sistema linguístico funcionalmente ou como a linguagem está estruturada para o uso? A linguagem nessa perspectiva é considerada como uma prática dinâmica, um modo de ação.

Por meio da GSF, um texto produzido de modo oral ou escrito é expresso por meio de orações, que produzem significados simultâneos e derivados de três estruturas ou dimensões. A dimensão que transmite a mensagem; a que se configura como uma proposição e a que constrói a relação de significação entre uma palavra e o seu significado. Portanto, um texto é uma unidade semântica formada por orações e uma oração é uma unidade gramatical em que são combinados significados ou metafunções. As metafunções servem para explicar as escolhas feitas por sujeitos e como estes vêem um determinado objeto. Nesse sistema não importa a escolha feita, mas sim que cada uma é diferente da outra, repercutindo em comportamentos diferentes. Esses componentes funcionais do sistema semântico, organizados de acordo com diferentes perspectivas, na análise sistêmica mostram a funcionalidade intrínseca da linguagem.

Essa organização como um evento interativo envolve sempre um falante/escritor e um ouvinte/leitor. Esses sujeitos ao se comunicarem, o fazem por meio de textos que expressarão significados a partir da sua visão de mundo, expressarão as relações sociais e as mensagens organizadas com um propósito. Estes são princípios que dão suporte a uma análise linguística por meio da GSF.

Halliday e Matthiessen (2004) argumentam que as orações são como unidades gramaticais ou construções multifuncionais em que a linguagem realiza três tipos de significados ou metafunções combinados. Esses significados são:

- *Ideacionais* – expressam a experiência do falante/escritor sobre aspectos do mundo em que a linguagem é organizada como reflexão;
- *Interpessoais* – expressam pela linguagem, a maior ou menor proximidade entre o falante/ouvinte e o escritor/ leitor. Os significados interpessoais abrangem: o tipo de interação e a posição que o falante assume, que pode ser de uma oferta ou uma troca, bem como o modo semiótico no qual se produz a interação. A linguagem é organizada como ação;
- *Textuais* – expressam como os textos foram organizados para produzir efeitos nos diversos contextos de situação, o que significa dizer que a linguagem é construída e organizada como texto em relação ao ambiente.

A complexidade semântica permite que os significados ideacional, interpessoal e textual estejam interligados por meio de unidades linguísticas, pois a linguagem é um sistema semiótico, um sistema de codificação convencionalizado e organizado como conjunto de escolhas.

A metafunção ideacional se refere ao que está acontecendo no mundo, ao que está sendo representado pela linguagem e, em termos de evento, aos elementos envolvidos, denominados *participantes*, e ao que estes fazem e sob quais circunstâncias. O *participante* é compreendido por um grupo nominal ou por outro elemento. Segundo Ravelli (2000) o *participante* não é necessariamente uma pessoa, mas o elemento envolvido no processo de alguma forma.

O *processo* é a ação em torno da qual a oração é construída. Isso inclui o verbo principal e um elemento que indique a polaridade (sim/não). Como ação, o *processo* é sempre constituído por um verbo e, portanto, há apenas um *processo* numa oração (apesar de haver outros verbos numa oração que não constituem o *processo*).

O *evento* pode ser representado em relação às informações adicionais que fornecem detalhes do acontecimento ou das circunstâncias em que ocorre, tais como: onde, quando e por que acontece. As *circunstâncias* são formadas por sintagmas preposicionais, grupos nominais ou advérbios.

A oração, enquanto um modo de representação da experiência de mundo dos participantes envolvidos em ações, constitui um sistema gramatical, o “sistema de transitividade”. A estrutura de *transitividade* é formada então por um *processo*, um *participante* e a(s) *circunstância(s)*. Halliday e Matthiessen (2004) apontam que nas orações podemos encontrar vários tipos de *processos* construídos pelo sistema de transitividade da gramática inglesa, os quais fornecem uma noção da ação ou do acontecimento. Segundo os autores, quando crianças nós desenvolvemos uma noção entre o que pertence ao mundo externo (ao nosso redor) e ao mundo interno (da nossa consciência). Passamos por diversas experiências que nos remetem a esses dois mundos dos quais podemos ser atores ou espectadores.

A GSF distingue esses dois mundos por meio de categorias indistintas que Halliday e Matthiessen (2004, p.172) denominam “*fuzzy categories*”, por não possuírem uma linha fronteira delimitada ao aparecerem em alguns contextos e serem expressas nas orações através de processos. As orações então podem ser formadas por *processos materiais*, que constroem a experiência externa ou a experiência de mundo, e por *processos mentais*, que constroem a experiência pelas emoções, pela percepção, pela imaginação e pelos aspectos subjetivos dos *participantes*.

O *processo material* dá uma noção de ação física, referindo-se a uma ação relacionada ao participante. O *participante* envolvido nesse processo é o *ator*, que complementa a informação. Observemos a seguinte oração:

“... porque vai tá passando informações pra mãe...”

Podemos substituir a expressão “*vai tá passando*”, por: *vai passar*, *vai dar*, o que caracteriza a ação de dar como um processo material.

O *processo mental* projeta uma ideia expressa em outra oração. Esse tipo de processo é caracterizado por dar uma noção dos acontecimentos ou mudanças que partem da nossa própria consciência e portanto está relacionado à cognição. Nesse processo, o participante envolvido é uma pessoa e é o experienciador. Alguns exemplos de processos mentais são: saber, supor, achar, imaginar. Vejamos o exemplo a seguir:

“... porque eu não tinha noção.”

Nesse caso, “*não tinha noção*” é o mesmo que dizer “*não sabia*”. Quando uma pessoa sabe algo, o processo projeta uma ideia do que a pessoa sabe ou não. O processo nesse caso é mental, pois a experiência de mundo do *experienciador* foi construída na oração pela consciência.

Além desses dois tipos, há uma terceira categoria: a de *processos relacionais*. Esses processos identificam e classificam os participantes, conferindo-lhes atributos e qualidades e mostrando a sua conexão com o mundo. As formas dos verbos *ter* e *ser* dizem respeito a um atributo e à identificação. Os sinônimos relacionados são: *parece*, *representa*. Como exemplo temos:

“... *é bom, porque é um diálogo né?*”

O falante nessa oração atribuiu uma qualidade à interação ao dizer: “*é bom*” e identificou com algo como um *diálogo*. O atributo na oração com processo relacional tendo característica emocional pode ser exemplificado com os elementos: triste, alegre, nervoso, preocupado etc. Um exemplo de oração com esse processo usando um atributo seria:

“*Eu fiquei preocupada de ser alguma coisa que atrapalhava ela.*”

Há outras categorias de processos não delimitadas tão claramente, mas que compartilham algumas características dos três processos relacionados anteriormente. São elas: *processo comportamental*, *processo verbal* e *processo existencial*.

Os *processos comportamentais*, apresentam características tanto materiais quanto mentais, ou seja, representam o mundo externo, mas por meio de aspectos fisiológicos ou com características psicológicas e desta forma encontram-se na região fronteira entre os processos mentais e processos relacionais. O participante nesse caso é o *comportante*. Vejamos a seguinte oração:

“*E eu também ficava nervosa.*”

Nesse caso, podemos observar que a oração apresenta uma característica psicológica ao processo comportamental. Outro exemplo que apresenta essa característica seria:

“Como lidar com nossos filhos.”

Há também os *processos verbais* cuja manifestação ocorre por meio de *dizer* e seus sinônimos: falar, conversar, perguntar, comentar e outros. O participante ou sujeito da ação é o *dizente*. O processo verbal projeta uma outra oração, assim como o processo mental. Eis um exemplo:

“Eu falava que isso não pode.”

Os *processos existenciais* se encontram numa linha tênue entre os processos materiais e os processos relacionais. Por meio deles as orações expressam a existência de algo ou de um acontecimento. O participante é apenas um: o *existente*. Os verbos usados nesse caso são: *haver* e *existir*. Assim temos:

“... porque tem coisas que a gente nem imagina...”

O elemento *tem* pode ser substituído por *há* e é um processo existencial.

Halliday e Matthiessen (2004) relatam que os tipos de processos podem ser representados como um “espaço semiótico” ou um “sistema de processos” no qual há diferentes regiões que representam os vários processos ordenados em círculo. Este sistema de processos constrói o mundo das experiências. A figura a seguir pode resumir o sistema de processos e as fronteiras entre eles:

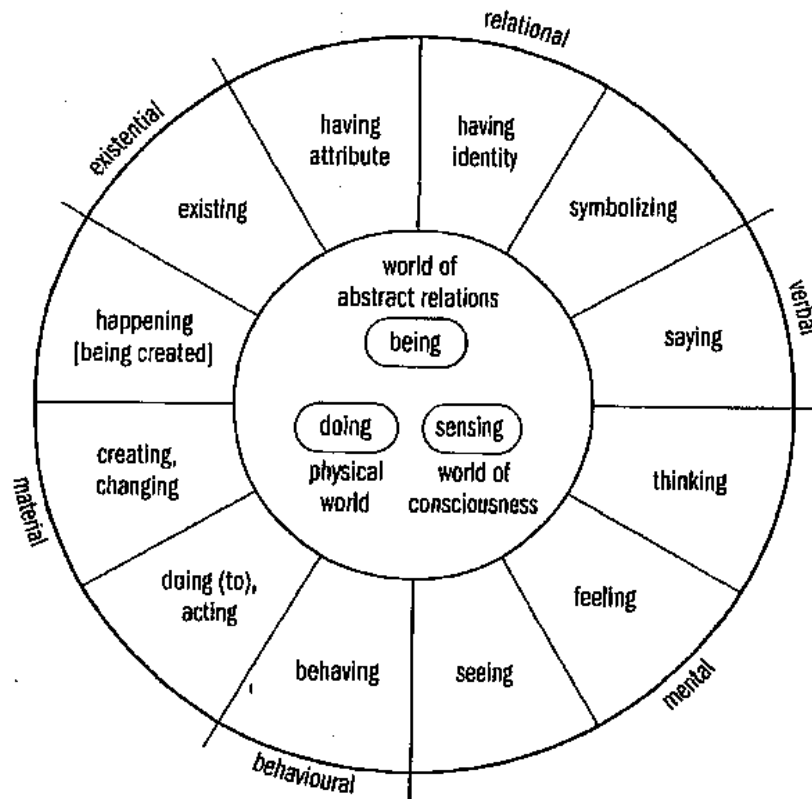


Figura 1 - Tipos de processos (Halliday e Matthiessen 2004, p. 172)

Em nosso estudo, optamos por descrever e analisar os participantes e os processos no sistema de transitividade, pois no caso dos textos das mães é importante conhecermos quais são as ações ou os acontecimentos representados e quem são os participantes envolvidos. As circunstâncias, que expressam como os acontecimentos ou as ações acontecem, são informações adicionais das orações; serão, pois, analisadas por meio das relações táticas e lógico-semânticas das orações do *corpus*.

Existe outro aspecto do significado de uma oração que é o significado como uma troca, também chamado de significado interpessoal. Na metafunção interpessoal, a oração é organizada como evento interativo que envolve um falante ou escritor e um ouvinte ou leitor. Refere-se ao modo como a linguagem é usada para expressar maior ou menor proximidade, para estabelecer ou manter relações sociais, para expressar posições sociais e defini-las. Abrange duas áreas principais: a) o tipo de interação (modo como os falantes se posicionam em suas mensagens); b) o tipo de *bem* ou de *serviço* a ser trocado.

Segundo Butt *et al* (2000), é importante distinguirmos o tipo de mercadoria a ser trocada numa interação, que pode ser a troca de informações ou a troca de *bens & serviços*. Ao usar a linguagem para interagir, as pessoas organizam e expressam tanto o mundo interno

quanto o mundo externo, e estabelecem relações entre quem fala e quem falará em seguida. Esta relação é organizada por meio dos turnos de fala e, por isso, assumimos diferentes funções de fala na troca, como *dar* e *demandar*. A posição muda em função da diferença entre dar, quando, por exemplo, damos uma informação e demandar. Ao escolher um ou outro, escolhemos o tipo de *mercadoria* a ser trocada. As possíveis respostas para as funções de fala seriam: i) aceitar uma oferta; ii) executar um comando ou uma ordem; iii) tomar conhecimento de uma declaração; iv) responder uma pergunta.

Com relação aos sujeitos ou participantes da interação, o falante e o ouvinte (ou endereçado) podem assumir papéis diferentes. O falante assume um papel e, ao fazê-lo, atribui ao ouvinte um papel complementar. Numa oração, um é o falante e outro é o ouvinte e em outra oração os papéis mudam. Por exemplo, em um processo interativo, o falante, ao perguntar algo, busca uma informação e requer do ouvinte, para quem endereçou a pergunta, que este dê a informação pedida. O que difere é o tipo de troca. Existem duas variáveis na natureza da troca:

- a) Podemos pedir para algo ser feito, como na troca de bens e serviços. Nesse caso, a linguagem utilizada é não-verbal;
- b) Quando perguntamos algo, solicitamos uma informação do ouvinte, nesse caso, utilizamos a linguagem verbal.

Quando a linguagem é usada para trocar informação, a oração toma a forma de uma proposição como, por exemplo:

“A saúde do meu filho no geral é boa.”

Quando a linguagem é usada para a troca de *bens & serviços*, a oração toma a forma de uma proposta, como no exemplo:

“Você poderia me passar os exames feitos por seu filho?”

Podemos observar na figura 2 um exemplo do que geralmente acontece na interação do fonoaudiólogo com as mães:

PAPEL DA TROCA	INFORMAÇÃO
Dar	Declaração
Solicitar	Pergunta

Figura 2. - Papéis de fala nas interações, adaptado de Halliday (1994, p. 69)

Retomando a questão dos papéis que os participantes da interação assumem, o ouvinte tem várias opções para responder as questões do falante, bem como se recusar a responder. O falante no entanto, para lembrá-lo da resposta esperada ou mesmo para verificar se a mensagem foi compreendida, pode usar o que no inglês moderno Halliday denomina “*tag*” ou “*mood tag*”, no final da oração, o que em português seria o modo final como, por exemplo: “*não é?*”, “*né?*”. Isto pode ser melhor exemplificado numa oração muito empregada por mães ao se referirem ao tratamento fonoaudiológico:

“...depois que eu consegui né? a fono...”

As escolhas disponíveis para o ouvinte quando se trata de dar (oferecer) ou solicitar *bens & serviços* são relativamente limitadas. Pode-se: aceitar ou rejeitar uma oferta; executar ou não uma ordem; conhecer uma declaração; e responder ou não a uma pergunta. Podemos entender melhor essa questão quando observamos o desenvolvimento da linguagem de uma criança e verificamos que a troca de *bens & serviços* acontece primeiro, antes mesmo da troca de informação. As crianças em desenvolvimento linguístico começam a usar os símbolos na produção de comandos e ofertas, depois aprendem a produzir afirmações e perguntas.

A metafunção interpessoal, para Ravelli (2000, p. 44), diz respeito ao aspecto pessoal do significado estabelecido num texto, e é por meio desta função que o falante faz escolhas lexicais que expressam opiniões, julgamentos, emoções e faz avaliações. Esses aspectos interacionais podem ser divididos em: atitude, engajamento e gradação, os quais refletem o grau de avaliação do falante. Expressões de solidariedade ou, por outro lado, de distanciamento podem ser usadas com o pronome na primeira pessoa do plural (nós). Ao descrever uma pessoa, por exemplo, é comum empregarmos palavras que, de certa forma,

expressam nosso julgamento, nossas emoções. Martin (2000) descreveu este sistema como “*appraisal*”, (“valoração” ou também “avaliatividade”) quando se pode perceber a presença subjetiva do falante no texto. Por exemplo, quando as pessoas utilizam verbos, nomes, adjetivos e advérbios para expressarem seus afetos e emoções, julgamentos e avaliações, atribuindo um ‘peso’ positivo ou negativo às palavras.

Em um ato de fala, o falante pode se utilizar de uma expressão particular e, ao fazê-lo, possibilitar ao ouvinte fazer inferências. Tanto o ouvinte quanto o falante podem conduzir a interação para o que desejam. Em um evento interativo, os textos construídos por meio da linguagem oral/escrita, revelam muito do propósito da interação, do tema, do contexto em que foi produzido e para quem se destina.

Como a metafunção interpessoal é interacional e pessoal, Halliday (1985) por meio da GSF, desenvolveu categorias gramaticais usadas na troca de informações, a saber: *indicativa*, *declarativa*, *interrogativa*. Para Ravelli (2000), as categorias de funções atribuídas à fala são: i) *interrogativa*; ii) *declarativa*; iii) *imperativa*.

Para significados interpessoais, existem as funções gramaticais, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p.111). Assim, o “*Mood*” também chamado “modo oracional”, é um componente semântico que transporta o argumento de uma oração e que ajuda a construir o pensamento, cujo objetivo é posicionar o falante em relação ao ouvinte de diferentes modos: por meio de uma declaração, de uma pergunta, de um comando ou de uma exclamação. No caso de uma declaração, esse elemento é composto pelo *sujeito* e pelo *finito*.

O sujeito é formado por um grupo nominal e o finito é formado por um grupo verbal. Em termos funcionais, o sujeito é semântico e precede o finito. Ele fornece o que forma a proposição e é responsável pelo funcionamento da oração num evento interativo. Indica também quem realiza a oferta (o falante) ou o comando (pessoa à qual está endereçado). O sujeito também pode ser o *ator* e especifica quem é o responsável pelo sucesso da proposta.

Para sabermos o motivo de o falante escolher um determinado termo como sujeito de uma proposição, verificamos se ele pode funcionar como tema da mensagem ou o ponto restante do argumento. Na língua inglesa, o sujeito pode ser visto como um elemento nominal, combinando com o finito ou carregando a responsabilidade modal pela validade da oração como numa proposição. Halliday e Matthiessen (2004) esclarecem que a semântica não se preocupa com a verdade, mas diz respeito ao consenso sobre a validade da declaração, que é negociado no diálogo.

O elemento que caracteriza uma declaração é o finito. Em termos gramaticais, é um verbo que expressa opinião do falante. O finito se refere ao tempo do verbo e é denominado operador temporal, que faz referência ao tempo presente, passado ou futuro. O finito também se refere ao julgamento ou modalidade e é denominado operador modal. Os verbos que expressam as opiniões são chamados *finitos modais* como, por exemplo, na língua inglesa os verbos “*have*” e “*can*”¹². O elemento finito corresponde a algo que pode ser demonstrado, discutido e dá um ponto de referência entre o aqui e o agora, ou seja, define a proposição e a proposta. Relaciona-se ao contexto no evento de fala. Isso ocorre por referência ao tempo de fala e pelo julgamento do falante.

A polaridade¹³ é também expressa pelo elemento finito e se refere ao peso positivo ou negativo dado às palavras. Numa proposição, diz respeito a algo que é ou que não é. Numa proposta, especifica que algo é feito ou não. Ocorre nas orações interrogativas, respondidas por *sim* ou por *não*, que indicam a polaridade da resposta, e não algo em que se pode ou não acreditar. Nas orações, o falante acrescenta um “*mood tag*”, para checar a informação com o ouvinte. Na forma interrogativa *Wh*¹⁴ na língua inglesa, é usado para as questões de conteúdo, e ao serem usados elementos como *nunca*, *nenhum*, *ninguém*, que podem ajudar a identificar a polaridade, representada na figura 3:

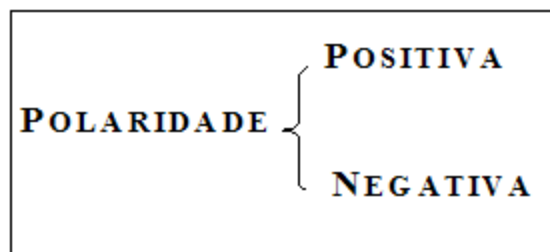


Figura 3 - Polaridades

Os graus intermediários entre a polaridade positiva e a negativa são tratados por Halliday e Matthiessen (2004, p.147-149) como “modalidade” que expressa opinião do

¹² Em português: *ter* e *poder*.

¹³ A polaridade se refere ao sistema que compõe o modo oracional das orações associado às proposições ou propostas. Ela não somente indica o ponto de vista (positivo ou negativo) do falante sobre uma questão, mas também, acrescido ao “*tag*”, pode ajudar a confirmar uma informação como no fragmento: “*A interação é um diálogo não é?*”.

¹⁴ *Wh* é o elemento que inicia a oração interrogativa e que busca a pessoa, tempo ou coisa na oração.

falante e, por isso, revela a relação dos participantes na interação verbal ao indicar maior envolvimento e comprometimento.

A modalidade é um sistema que permite a escolha de graus de verdade, de possibilidades intermediárias entre os pólos positivo/negativo. Baseia-se nas probabilidades ou obrigatoriedades que representam valores. É por meio da modalidade que uma pessoa pode expressar a avaliação do que é dito ou pedir para que alguém o faça.

Nas orações, as proposições e as propostas podem ser avaliadas por diferentes graus. Assim, nas proposições podemos ter:

(i) *grau de probabilidade*: quanto mais alto o grau da modalidade, maior a probabilidade de algo ser ou acontecer. Os elementos linguísticos de alto grau de probabilidade podem ser: *certamente, de jeito nenhum, sempre*. O elemento de médio grau: *provavelmente*. Os de baixo grau são: *possivelmente, talvez*.

(ii) *grau de usualidade ou frequência*: quanto mais frequente algo acontece ou pessoas dizem ou fazem, maior o grau da modalidade. Os elementos linguísticos usados são: a) para expressar médio grau: *usualmente*; b) de alto grau: *sempre, nunca*; c) de baixo grau: *algumas vezes, raramente*. Os elementos linguísticos que expressam a modalidade são chamados adjuntos modais de probabilidade e de usualidade.

Ao utilizar esses graus, o termo *modulação* é empregado, distinguindo-se da modalidade ou da modalização.

Podemos encontrar dois tipos de possibilidades intermediárias também nas propostas, dependendo da oração caracterizar-se como um comando ou uma oferta. No caso de ser um comando, existem graus de obrigação e no caso de ser uma oferta há graus de inclinação.

Observemos o esquema a seguir como parte do modelo apresentado por Halliday e Matthiessen (2004, p.150) que melhor esquematiza o sistema da modalidade usado para descrever e analisar os discursos obtidos em conversas ou noutras formas de interação:

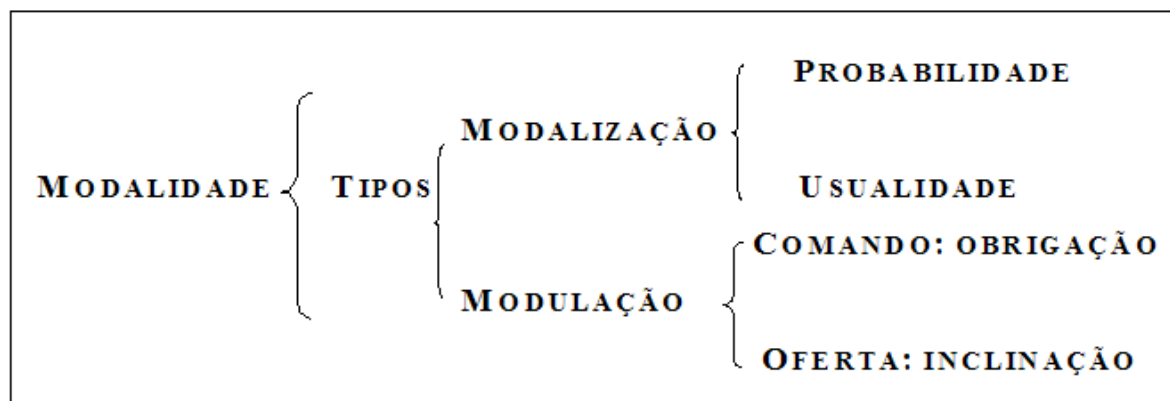


Figura 4 - Modalidade

Outra distinção feita pelos autores diz respeito aos tipos de verdade, como a modalidade subjetiva e a modalidade objetiva. Na modalidade objetiva, a ideia da verdade é representada explicitamente. São usados nesses casos nomes ou adjetivos. Na modalidade subjetiva, a estrutura gramatical apresenta uma pessoa como sujeito e um verbo de cognição. Esse verbo de cognição expressa o grau da modalidade. Os verbos mais usados são: *saber*, *acreditar* e *achar*.

A *modalidade*, para van Leeuwen (2005), é o uso de recursos semióticos por meio dos quais as pessoas podem produzir a sua verdade, a sua realidade, e para desenvolverem questões da interação social. O autor acrescenta que as instituições e os diferentes grupos sociais usam preferencialmente os tipos de verdade, por diferirem em relação aos valores e as versões da realidade. Para ele, as instituições usam mais a modalidade objetiva. Os grupos sociais com pouco poder social comparativamente como as mulheres, as crianças e os pacientes, preferem usar a modalidade subjetiva (VAN LEEUWEN, 2005, p.164).

A modalidade expressa uma atitude do falante, uma interpretação. Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que as formas modais são traços das ações dos falantes no contexto social. Os recursos linguísticos do sistema gramatical expressam a modalidade por meio de auxiliares modais (elementos empregados para expressar graus de verdade), o que não quer dizer que algo seja verdadeiro ou falso, mas sim o julgamento do falante, a sua verdade. Há também outros recursos como os adjetivos, advérbios, hesitações, processos verbais e entonação que expressam a modalidade.

O uso da modalidade permite que o falante indique a força ou não das suas opiniões. Os verbos modalizadores indicam se o falante expressa uma opinião ou um fato real, algo que tem intenção de fazer ou uma obrigação. Observemos a seguinte oração:

“*Você não deve faltar à terapia na próxima semana.*”

A alta modalidade expressa por “*não deve*” indica força, comando, urgência por parte do falante com relação ao que uma pessoa não deve fazer como, por exemplo, “*não faltar à terapia*”. Por ser uma proposição, o significado aqui leva o ouvinte a aceitar ou a negar. Já a baixa modalidade indica uma tentativa de dizer algo.

Além do sujeito e do finito, o restante de uma oração é chamado de *resíduo*. O *resíduo* é composto por três elementos funcionais: o *predicador*, o *complemento* e o *adjunto*.

O *predicador* está presente em todas as orações principais, exceto nas marcadas por elipse. Esse elemento especifica: a) o tempo de referência em relação ao evento da fala (tempo secundário: presente, passado ou futuro); b) outros aspectos ou fases (como em inglês, “*trying*”, “*hoping*”, etc); c) a voz passiva ou ativa e o processo no qual está o predicado e que é atributo do sujeito. O *predicador* é a base para a validação do restante da oração.

O *complemento* equivale ao termo *objeto* da gramática tradicional, porém essa distinção não tem valor na estrutura interpessoal. Esse elemento completa o argumento da oração. É tipicamente compreendido pelo grupo nominal.

O *adjunto* é um elemento que não pode ser elevado ao *status* interpessoal de responsabilidade modal. Isto significa dizer que os argumentos não podem ser construídos por este elemento. É formado por um grupo adverbial ou um sintagma preposicional. O adjunto interpessoal é o elemento que reflete a opinião do falante na função interpessoal. É subdividido em: *adjunto modal* e *adjunto de comentário*. Eles representam diferentes tipos de avaliação de proposição ou proposta. O adjunto modal está associado ao significado construído pelo sistema modal e é composto por subtipos como apontam Halliday e Matthiessen (2004): a) Temporalidade; b) Modalidade; c) Intensidade.

A posição destes adjuntos na oração pode ser próxima ao operador finito verbal, antes ou depois deste. Sugere-se que pode ser usado antes do sujeito e no fim da oração como “reflexão tardia”. Como exemplo, temos a seguinte oração:

“As mães não chegam antes do horário marcado usualmente.” (Usualmente, funciona como uma reflexão tardia).

Os *adjuntos de temporalidade* estão relacionados ao tempo interpessoal ou ao tempo em si, como algo próximo ou remoto, passado ou futuro relativo ao falante. Estão relacionados à expectativa positiva ou negativa.

Os *adjuntos de modalidade* estão relacionados à probabilidade e à usualidade, como mencionado anteriormente.

Os *adjuntos de intensidade* podem ser de grau total (alto e baixo) e de expectativa oposta (excesso e limite).

Não existe uma clareza no uso do *adjunto de comentário* e do *adjunto modal*. As categorias de *adjuntos de comentário* são: *predição*, *presunção* e *desejabilidade*, que se sobrepõem semanticamente às categorias de *adjuntos de modo*. Os *adjuntos de comentário* são restritos às orações indicativas, ou seja, àquelas que funcionam como proposição e que expressam a atitude do falante, a carga do comentário que pode ser ideacional ou interpessoal. Esses adjuntos são formados por advérbios. O tipo de fala proposicional ou ideacional com *adjunto de comentário* é usado somente nas orações declarativas, que expressam o ângulo do falante. Geralmente, é utilizado depois de vírgulas. Assim temos:

“*Infelizmente, não pude vir na sessão passada*” (adjunto usado como tema).

O elemento *infelizmente* pode ser posicionado também no meio ou no final da oração. Esse posicionamento pode demonstrar maior ou menor preocupação do falante ou o que ele escolheu como tema da proposição. A mesma oração com o adjunto de comentário posicionado diferentemente pode dar uma ideia diferente da questão, pois funciona como comentário ou avaliação, como a seguir podemos observar:

“*Não pude vir, infelizmente, na sessão passada*” (avaliação do sujeito)

“*Não pude vir na sessão passada, infelizmente*” (reflexão tardia)

O tipo de fala funcional ou tipo interpessoal, ocorre tanto nas orações declarativas quanto nas orações interrogativas, mas com mudança de orientação, ou seja, nas orações

declarativas o ângulo do falante é expresso e nas orações interrogativas o ângulo do ouvinte é expresso. Como exemplo temos:

“Ela tá aqui pra fazer a terapia dela.”

“O quê que o fono faz, fulano?”

O *vocativo* é um elemento adicional da estrutura da oração fora do “*mood*” e do *resíduo*. Pode ocorrer tematicamente, entre o tema e o rema, ou no final da oração como um comentário final. É usado para identificar a pessoa que está sendo endereçada ou para chamar a atenção numa conversação usual. Em um diálogo, o *vocativo* é usado para marcar a relação interpessoal, solicitando a participação do ouvinte e identificar a pessoa endereçada. Em alguns contextos, a sua função pode ser de negociação ou reivindicar o *status* superior ou poder. Vejamos o exemplo:

“Ó mãe, a gente fez isso hoje e você pode fazer em casa.”

O *expletivo* é um outro elemento usado quando o falante recorre ao seu próprio pensamento e muito usado na conversação casual como, por exemplo:

“Oh meu Deus! Eu esqueci de lhe avisar”.

É importante atentarmos para tudo que é expresso em certas situações de comunicação como é o caso das conversas com as mães ou com o paciente em tratamento, uma vez que essa interação é intermediada pela linguagem, e está refletirá qualquer mudança da vida cotidiana, o que pode ser muito útil ao profissional como estratégia terapêutica.

No caso deste estudo, fizemos a opção por analisar na metafunção interpessoal, ou seja, como o falante representa a *sua* verdade/realidade por meio da polaridade (positiva/negativa) e qual o tipo de modalidade utilizada para isso.

A análise de textos por meio da GSF tem como princípio que o uso da linguagem é intencional com função de produzir sentido, sendo que este é sempre influenciado pelo contexto social e cultural. A descrição funcional permite interpretar o significado encontrado nas orações, ou seja, uma interpretação semântica e gramatical de um texto. Significa dizer que ao interpretar os significados semânticos empregados pelo produtor, podemos verificar os

seus efeitos em uma dada situação de comunicação de modo sistemático e funcional do ponto de vista social. Por outro lado, podemos compreender muito do contexto e da situação pelos textos produzidos.

Uma vez que as relações sociais são específicas de uma determinada situação, de uma organização simbólica, cujo *status* particular é dado ao texto falado/escrito, podemos dizer que todo texto produzido revelará muito do contexto e da situação de produção.

No que diz respeito à produção de significados, lembramos que há vários níveis nos quais os significados são produzidos: 1) nível mais alto de conteúdo, o semântico; 2) nível intermediário de conteúdo, o da léxico-gramática; e 3) nível mais baixo, o grafo-fonológico. As três camadas de significados perpassam um texto por meio das orações que o constituem. Em uma análise, podemos explorar esse fenômeno do ponto de vista de como o fluir dos eventos é construído no texto. O fluir dos eventos em um discurso é construído, segundo Halliday e Matthiessen (2004), no nível semântico ao longo do texto. No caso das narrativas, essa construção ocorre em episódios, que são sequenciais de modo a apresentar fatos, ideias e pensamentos. Um episódio é concebido por uma série de complexos de orações. Essas sequências tanto podem ser locais, no caso de episódios acontecidos em tempo real, quanto temporais, no caso de fatos acontecidos no passado. Os recursos usados nas sequências semânticas das narrativas e de outros tipos de textos ocorrem nos complexos de orações e nem sempre são explícitos. Eles podem ser inferidos pelo ouvinte ou leitor. Nas conversações, os recursos dos complexos de orações são também chamados *argumentos* e são marcados por uma relação de:

- condição, quando é utilizado o elemento *se*;
- razão, quando são utilizados *porque*, *então*;
- No restabelecimento da declaração.

Isso pode ser observado nas narrativas em que os eventos são construídos de modo dinâmico por uma série de episódios. Nestes últimos, o falante relata a sua história ou a de outra pessoa. A experiência passada é construída ao longo do texto e cada episódio é desenvolvido passo a passo. Na sequência de relatos temporais das narrativas orais, são muito usados os elementos: *e*, *então*.

Na proposta da GSF de Halliday e Matthiessen (2004), as orações complexas estão ligadas umas às outras e a organização dessas estruturas é baseada segundo dois sistemas:

- a) de dependência ou tático;
- b) de tipo de relação lógico-semântica.

Desse modo, um complexo de orações obedece a um princípio: o de relação de interdependência ou *taxe*, formado de relações táticas e o seu desenvolvimento construído como uma cadeia de orações, que por sua vez é formada por uma sequência linear denominada “orações nexos”. Cada *nexo* contém um par de orações relacionadas. A convenção usada para delimitar as orações é || (barras duplas).

O sistema tático está relacionado à interdependência entre os elementos de um complexo de orações, que inclui a *parataxe* e a *hipotaxe*. Na *parataxe*, a relação é estabelecida entre os elementos de igual estatuto ou ordem, sem que um dependa do outro, numa sequência em que um inicia e o outro continua. Uma das orações, nesse caso, pode sustentar-se sozinha e a ela é dado o nome de “oração principal”. A relação com a oração principal é de qualificação. À oração principal, pode ser acrescido um “*tag*” no final, termo da língua inglesa que constitui uma proposição. Na GSF foi convencionado para indicar as estruturas paratáticas os números arábicos, pois é uma sequência fixada.

Na *hipotaxe*, o estatuto dos elementos não é igual, ou seja, um modifica o outro, sendo que o modificador depende do modificado. Há uma relação de dependência e de dominância. Para indicar essas estruturas, são usadas letras gregas, pois a ordem dos elementos é independente da sequência. A escolha do tema determinará a sequência. Assim, podemos visualizar o sistema tático da seguinte forma:

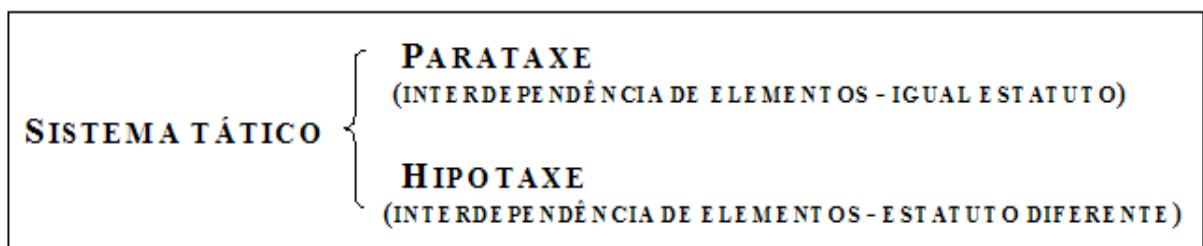


Figura 5 – Sistema Tático

O sistema das relações lógico-semânticas refere-se à relação entre processos, desvinculada do modo de organização e de estruturação da mensagem, incluindo a *expansão* e a *projeção*. Essas relações são interacionais e cumprem papel semântico-funcional diverso. A *projeção* corresponde a orações que possuem um processo verbal ou mental, isto é, projeta uma ideia ou projeta um pensamento, por isso relaciona o fenômeno a uma ordem mais *alta* de experiência ou do que as pessoas dizem e pensam. A *projeção* constrói o diálogo nas narrativas e ultrapassa a sequência de eventos, unindo os mesmos. Há três tipos de projeções: i) o nível de projeção, que projeta uma ideia ou locução; ii) o modo de projeção: projeta uma citação ou um relato; e iii) função de fala. No nível de projeção, a oração possui um conteúdo verbal ou mental. O modo de projeção, no eixo paratático, refere-se a uma citação com o uso de processos verbais e, no eixo hipotático, refere-se a um relato com o uso nas orações de processos mentais. A função de fala projeta proposições, propostas, saudações ou exclamações. Na projeção, uma oração projeta outra expressando uma locução, identificada com o símbolo “...” (aspas duplas). A oração pode estar na voz ativa, o que seria uma parataxe ou na voz passiva como hipotaxe; expressando uma ideia, cujo símbolo é ‘...’ (aspas simples). Na *projeção*, a oração secundária é projetada através da primária.

A *expansão* corresponde a orações que possuem processos relacionais.

A *expansão* e a *projeção* se subdividem. Na *expansão*, a oração secundária expande e amplia a primária da seguinte forma: i) por *elaboração*; ii) por *extensão*; iii) por *realce*.

Uma oração é expandida por *elaboração* quando especifica com mais detalhes, comenta ou exemplifica. A convenção utilizada que identifica a relação é = (símbolo de igualdade). A *elaboração* pode ocorrer tanto nas estruturas paratáticas quanto nas hipotáticas. As orações hipotáticas de elaboração se diferenciam das paratáticas por serem introduzidas por elementos relativos, como: *quem, quando, onde* etc., de acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 396). A elaboração hipotática é uma estratégia para introduzir ao discurso uma informação adicional, uma interpretação ou avaliação, fazendo uma descrição, como podemos verificar no seguinte exemplo:

“Aprendendo a lidar com certas coisas, situações, entendeu? Porque tem coisas que a gente nem imagina que possa tá acontecendo.”

Na *expansão* por *extensão*, uma oração secundária expande a primária quando adiciona um novo elemento, quando apresenta uma exceção ou uma alternativa. Nessa

relação, os elementos *e* e *ou* são muito usados. A convenção que identifica essa relação é + (símbolo de adição).

Uma oração secundária expande por *realce* uma oração primária quando a qualifica adicionando uma informação com recurso de tempo, lugar, causa ou de condição. Os elementos: *então*, *assim*, *mas*, *porém* entre outros. A convenção que identifica essa relação é x (símbolo de multiplicação).

Dessa forma, podemos visualizar o sistema lógico-semântico do seguinte modo:

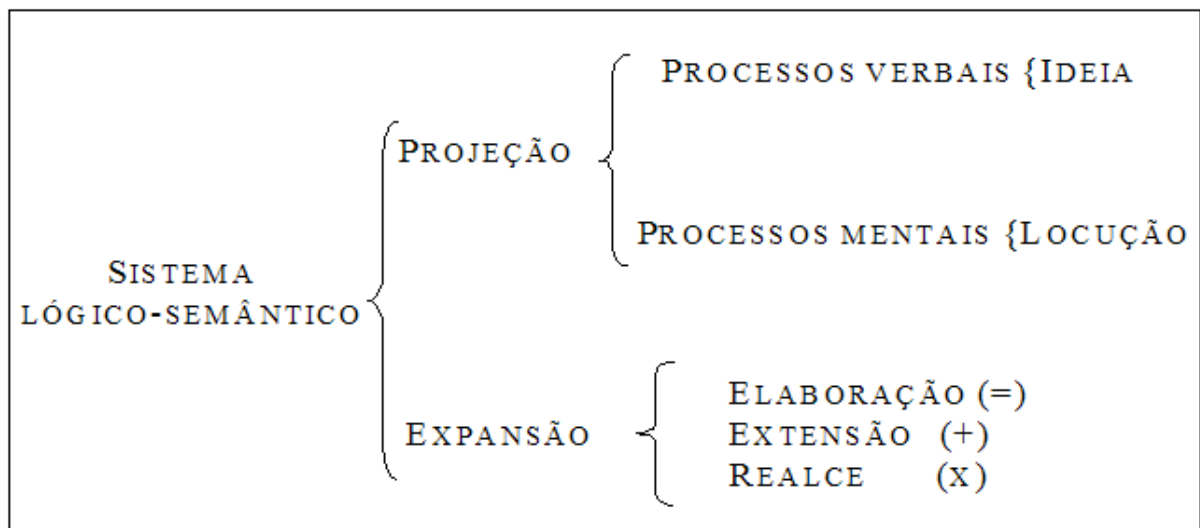


Figura 6 - Sistema lógico-semântico

Podemos encontrar subtipos tanto nas estruturas paratáticas quanto nas hipotáticas. No caso da elaboração paratática, é subdividida em: i) *exposição*; ii) *exemplificação*; e iii) *clarificação*. Já a elaboração hipotática envolve a *descrição*.

No eixo paratático, uma oração expande por *elaboração* por meio de *exposição* quando reforça a mensagem ou apresenta outro ponto de vista. Expressões como *quer dizer*, *por exemplo*, são muito usadas. Na *exemplificação*, a segunda oração desenvolve a primeira ao ser mais específica. Na *clarificação*, a segunda oração esclarece a tese da primeira como uma forma de comentar.

No eixo hipotático, a *elaboração* por meio da *descrição* apresenta uma oração não definida relativa, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 399), também conhecida por oração descritiva. Nesse caso, a oração apresenta uma avaliação ou caracterização de

algum aspecto. Os autores apresentam outras sub-variedades dessas orações, no entanto, em nosso estudo não analisaremos as orações do corpus com esse nível de profundidade.

A relação de encaixamento fica fora do eixo tático, pois não funciona como mecanismo de relação entre orações; é uma oração que não compõe diretamente o discurso, funcionando como um mecanismo de constituição de uma oração. A convenção utilizada para marcar a oração encaixada é [[]] (colchetes duplos).

No eixo paratático, a extensão também é subdividida em: i) *adição*; ii) *variação*; e iii) *alternação*. Na *adição*, um processo é adicionado ao outro sem implicação de qualquer relação causal ou temporal entre eles. Na *variação*, uma oração é total ou parcialmente substituída por outra. Na *alternação*, uma oração é apresentada como alternativa para outra.

No eixo hipotático, as orações também envolvem a *adição*, a *variação* ou a *alternação*, porém com uma oração de extensão dependente finita ou não-finita¹⁵.

No que diz respeito ao *realce*, as orações tanto podem ser paratáticas ou hipotáticas. O *realce* paratático incorpora um recurso circunstancial à oração. Assim, podemos ter: i) *temporal*, quando na oração há indício de fato ocorrendo ao mesmo tempo ou em tempo futuro. Como exemplo temos:

“Então tem horas que a gente fica assim...sem saber”;

ii) *espacial*, quando algo acontece no mesmo lugar; iii) *maneira*, quando inclui o meio ou faz uma comparação, como no exemplo:

“Agora eu já comunico bem, ele já é mais calmo.”;

iv) *condicional causal*, que é subdividido em: a) *causa/efeito* b) *efeito/causa*; c) *condição positiva e condição positiva* e v) *condição: concessão (concessão/conseqüência e conseqüência/concessão*. No *realce* hipotático, uma oração qualifica a outra e a sequência de orações é textualmente distinta. Essas orações apresentam sub-variedades: i) *orações finitas*; ii) *orações não-finitas*. As *orações finitas* são introduzidas por uma conjunção subordinativa e podem ser de: tempo, lugar, lugar abstrato, modo, sendo que este pode ser subdividido em: qualidade, comparação, causa/razão, causa/proposta, causa/resultado, concessão, condição positiva e condição negativa. Eis alguns exemplos com relação ao *realce*:

¹⁵ Para maiores esclarecimentos quanto a essas sub-variedades, consultar Halliday e Matthiessen (2004, p. 400-404).

- Tempo: “*A minha preocupação no momento é...*”
- Lugar: “*O que a K tá fazendo lá?*”
- Modo: “*Ah...ajuda também porque a gente vai comunicando uma com a outra...*”
(causa/razão); “*...se eu tenho dúvida, é bom ver...*” (condição positiva).

As *orações não-finitas* são introduzidas por uma preposição como *no* e *com*, ou por um subconjunto de aglutinadores como *quando*, podendo ser explicitamente marcadas por uma conjunção de: tempo, concessão, condição e maneira; ou marcadas implicitamente por uma conjunção de: tempo, causa/razão, causa/propósito e causa/resultado. Assim, podemos ter os seguintes exemplos:

“*Ah...eu acho muito importante porque vai tá passando informações pra mãe...*”
(causa/resultado);

“*Então através de um conhecimento a gente tá aprendendo aquilo pra lidar com a situação.*” (causa/propósito).

É importante lembrarmos que há outros níveis de detalhamento dos sistemas para a compreensão das orações complexas e sua relação de interdependência e do tipo de relação lógico-semântica existentes na GSF. Contudo, em nosso estudo não entraremos na discussão e análise desses detalhes, pois o nosso interesse foi interpretar unicamente o sistema tático no que diz respeito às parataxes e hipotaxes e no sistema lógico-semântico as projeções e expansões dos textos das mães.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Com base em estudos de abordagem sócio-antropológica, nossa pesquisa se caracteriza por ser de natureza qualitativa, pois buscou compreender a *interação* entre mães e fonoaudiólogos, sob o ponto de vista dos participantes. Outras características desse tipo de pesquisa são: (a) apresenta-se como um método subjetivo, descritivo e interpretativo, pois envolve a análise do discurso das participantes e pelo interesse principal ser o seu ponto de vista; (b) não generalizável, pois envolve um número menor de participantes; (c) o pesquisador leva o participante a pensar sobre um determinado fenômeno. Desta forma, é possível descobrir padrões de um grupo em particular e descrevê-los, como preconiza Davis (1995). Nessa perspectiva, o objetivo é obter conhecimento dos significados de ações sociais, como é o caso da interação entre mães e fonoaudiólogos.

Para a realização dessa pesquisa, pensamos inicialmente em selecionar um número de participantes que pudesse ser expressivo, mas sem alterar a sua rotina de vida. Outro aspecto pontual para a seleção foi a busca por mães que fossem frequentes ao tratamento, o que possibilitaria uma participação efetiva das mesmas na pesquisa, e ao pesquisador a garantia da continuidade da coleta de dados.

O nosso interesse em selecionar participantes mães de crianças em tratamento se deu pelo fato de serem elas, na grande maioria das vezes, quem acompanha o filho/paciente. Optamos por fazer uma seleção da seguinte forma: primeiramente, selecionamos as crianças que eram levadas ao tratamento por suas mães e encaminhadas pela rede pública de saúde. Verificamos que geralmente as que se encontravam na faixa etária até 12 anos de idade dependiam das mães para irem ao tratamento. Assim, de acordo com dados do setor administrativo da instituição, listamos as que frequentavam a clínica nos vários dias de funcionamento, ou seja, de segunda à sexta-feira, pela manhã e à tarde. Independentemente da problemática das crianças, selecionamos o dia da semana em que havia um maior número de mães que acompanhavam seus filhos. Com isso, selecionamos cinco mães de crianças na faixa etária compreendida entre cinco e doze anos.

Para a caracterização do perfil das mães foi realizada uma pesquisa de base quantitativa que, para Davis (1995), descreve os eventos em termos numéricos. Essa pesquisa foi realizada por meio da aplicação de um protocolo para traçarmos o perfil

social das participantes e para que pudéssemos conhecer melhor as mesmas. As mães foram solicitadas a preencher um protocolo, que objetivou levantar os seguintes dados: idade, naturalidade, escolaridade, profissão e estado civil agrupados na tabela a seguir:

Identificação dos participantes					
Participante	Idade	Naturalidade	Escolaridade	Profissão	Estado civil
M1	24	BH	2º grau completo	Atendente	Amasiada
M2	26	BH	2º grau completo	Babá	Solteira
M3	39	BH	6ª série	Diarista	Divorciada
M4	24	Malacacheta	7ª série	Do lar	Casada
M5	24	Montes Claros	2º grau incompleto	Do lar	Casada

Tabela 1 – Identificação dos participantes

Nessa tabela que caracteriza e identifica as participantes, os dados foram organizados de acordo com as informações escritas pelas próprias mães. Assim, podemos observar, que estas são mulheres jovens com idade entre 24 anos (M1, M4 e M5) e 39 anos (M3); duas delas com nível de escolaridade até a 6ª e 7ª série do ensino fundamental; duas concluíram o ensino médio e uma não concluiu. M3 é a participante mais velha e a que tem o menor grau de escolaridade. Todas nasceram no estado de Minas Gerais, sendo que a maioria na capital. É importante relatar que M1, M2 e M3 fizeram questão de falar da sua profissão, porém disseram estar desempregadas. Talvez por esta razão essas mães tenham mais facilidade para levar seus filhos para o tratamento fonoaudiológico. Apenas duas são casadas oficialmente: as mais novas e que nasceram no interior.

É importante lembrarmos, contudo, que a amostra revela parte desse universo, ou seja, para conhecermos mais sobre as mães que frequentam a instituição e que levam seus filhos para o tratamento, seria preciso uma pesquisa mais aprofundada.

Dessa forma, as participantes da pesquisa selecionadas foram cinco mães cujos filhos foram encaminhados pela rede pública de saúde da cidade de Belo Horizonte, para tratamento em uma clínica especializada.

No paradigma de pesquisa que envolve seres humanos, é importante o respeito, a valorização dos sujeitos pesquisados, a equidade para com todos e a necessidade de conduzir as ações de modo ético, cujos interesses estão acima dos interesses da ciência.

Portanto, de acordo com o que preconiza a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), órgão federal criado pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), responsável pela regulamentação de pesquisas com seres humanos, para que o desenvolvimento desta pesquisa fosse possível e para que a investigação não causasse qualquer prejuízo a todos os envolvidos, foi necessária a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP), de acordo com a Resolução nº 196/96, de 10 de outubro de 1996. Tal resolução dispõe sobre as diretrizes e as normas para as pesquisas envolvendo seres humanos, com a orientação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Para isso, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁶, que esclarece os objetivos da pesquisa, das etapas do trabalho, bem como dos direitos e deveres das participantes ao longo do processo. Todas as cláusulas do termo foram debatidas de modo exaustivo com as mães para que não ficasse nenhuma dúvida quanto à sua participação. O direito das mães lerem as informações contidas nos termos também foi assegurado com o objetivo de obtermos a sua confiança e segurança. Além disto, foram elaborados: um Termo de Consentimento¹⁷ dirigido à clínica, onde a pesquisa foi realizada, para a autorização da coleta de dados; um Termo de Disponibilização dos Resultados¹⁸ e também um Termo de Compromisso para a Divulgação dos Resultados Obtidos¹⁹, independentemente de serem favoráveis ou não, para a comunidade científica.

Tão logo o projeto fora aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, os encontros com as participantes da pesquisa puderam ser marcados.

Pelo fato de a pesquisa ter envolvido vários participantes na investigação (no caso, as mães das crianças em tratamento fonoaudiológico), procuramos desenvolver um vínculo constituído de sinceridade e de confiança mútua, por meio de encontros com elas por algumas semanas na própria instituição onde a pesquisa foi realizada, antes mesmo que as gravações fossem feitas. Este é um aspecto que também ajuda a garantir a validade da pesquisa, pois, nesses encontros, pudemos conhecê-las melhor e o que significou para as mães terem conseguido o tratamento fonoaudiológico pela rede pública, as dificuldades enfrentadas e quais os problemas apresentados pelas crianças²⁰.

¹⁶ Vide Anexo A, p.142

¹⁷ Vide Anexo B, p.146

¹⁸ Vide Anexo C, p.148

¹⁹ Vide Anexo C, p.149

²⁰ Não nos deteremos nesses aspectos por não serem o foco da nossa pesquisa.

Outro aspecto considerado neste tipo de pesquisa é a descrição minuciosa do cenário ou local onde a mesma foi realizada. Nesse caso, as gravações foram feitas na própria instituição, numa sala onde são diariamente realizadas as sessões de fonoaudiologia. Essa sala é composta de um mobiliário próprio para o atendimento clínico e material específico para o uso com crianças e adultos, com móveis dispostos de modo que a(o) terapeuta/fonoaudióloga(o) possa ter um contato físico próximo dos pacientes e também das mães, quando estas são atendidas. A sala possui também materiais pedagógico-educativos e infra-estrutura ideal para o atendimento individual ao paciente em tratamento e em nada faz lembrar o ambiente de uma clínica médica.

2.2 MÉTODO

Para essa pesquisa de base qualitativa, a escolha do método objetivou auxiliar o registro e a compreensão dos sentidos produzidos. Por isso, optamos por gravar as *entrevistas* com as mães para que os significados sobre a interação fossem construídos ao longo desse processo. É um método de coletar dados caracterizado geralmente, por perguntas e respostas. Nesse caso, fizemos algumas intervenções quando houve a necessidade de levar as participantes a pensarem sobre um determinado assunto e como uma maneira de conduzir as conversas, estimulando as mães a se expressarem.

A amostra foi constituída dos textos produzidos a partir de uma questão norteadora sobre *interação*, durante a nossa entrevista como pesquisadora/fonoaudióloga com as mães das crianças. Antes que pudéssemos iniciar a coleta dos dados, certificamos se as participantes sabiam o que o termo *interação* significava.

Entendemos que o gênero discursivo escolhido (no caso, *entrevistas*) foi um importante recurso para a obtenção do *corpus*, pois estas puderam acontecer no ambiente que as mães frequentam e teve como objetivo entender o fenômeno da interação na perspectiva das próprias participantes. Além disso, puderam produzir informações importantes, uma vez que transcorreram como conversas em que as pessoas e demonstram suas ações em determinadas estruturas sociais.

Os resultados do protocolo, utilizado para o levantamento dos dados sociais das participantes, foram representados por meio de uma tabela de identificação apresentada na seção ‘participantes da pesquisa’.

2.3 A COLETA DE DADOS

Antes de realizarmos a coleta de dados, foi necessário marcar pelo menos dois encontros com as participantes da pesquisa, uma vez que estas, apesar de nos conhecerem como profissional da instituição, não tinham contatos mais próximos. Tão logo isso foi possível, marcamos um primeiro encontro para a coleta dos dados da identificação das mães, que denominamos *perfil social*, como uma maneira de desenvolvermos um vínculo com as participantes.

Para a definição do *corpus*, iniciamos a entrevista com a seguinte questão norteadora para que as mães pudessem se expressar:

“O que você acha do fonoaudiólogo interagir com as mães dos pacientes em tratamento?”

Entretanto, foi necessário introduzirmos outras perguntas ao longo das conversas, encontradas na seção de *transcrição das conversas*, para que as mães respondessem, mas também para que pudéssemos explorar alguns temas importantes que surgiram e para que o sentido sobre a interação pudesse ser construído.

Para a documentação das informações, as entrevistas foram gravadas em áudio²¹ durante cinco minutos em média para melhor esclarecer as reflexões das mães, posteriormente transcritas e analisadas. Por esse fato, resguardamos os dados obtidos e mantivemos o anonimato das participantes.

É importante lembrar que para a legitimação desse tipo de pesquisa, são necessários, segundo Davis (1995), procedimentos metodológicos adequados ao estudo, e a garantia de que os resultados contribuirão com a prática profissional (no caso, a

²¹ Durante as gravações das conversas foi utilizado um gravador digital de voz marca Sony, modelo ICD-P530F.

fonoaudiológica). Por isso, após terem sido feitas as transcrições, as mães tiveram acesso às mesmas. Além disto, assumimos com elas o compromisso de informar os resultados encontrados com a pesquisa.

2.4 A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Ressaltamos, aqui, a importância de zelarmos pela fidelidade na transcrição dos dados, pois este é um aspecto que interfere na confiabilidade e validação da pesquisa. Por isso tomamos como base o modelo de transcrição de dados, descrita por Fairclough (1992, p. 138), que aponta o estudo sobre entrevista médica gravada, realizado nos Estados Unidos por Mishler em 1984. Desse modo, convencionamos a transcrição dos textos orais transcritos da seguinte forma:

- a) os silêncios são marcados por reticências (...);
- b) quando há uma prolongação de sílaba, são usados dois pontos (:);
- c) parênteses () são usados para uma fala ininteligível.

Os textos produzidos nas conversas estão apresentados com a seguinte indicação: as proposições por nós realizadas foram apresentadas pelas iniciais **P** (pesquisador). As respostas e questões abordadas pelas mães foram apresentadas pela letra **M** e por um numeral em ordem de gravação, feito com o intuito de preservar, assim, a sua identidade como, por exemplo: **M1** e assim por diante.

2.5 O CORPUS DO ESTUDO

O *corpus* foi composto por transcrições dos cinco textos produzidos pelas mães sobre *interação com o fonoaudiólogo*, gravados em áudio. As transcrições integrais encontram-se na seção ‘anexos’. Para iniciarmos o procedimento de análise do corpus, procedemos a leitura minuciosa das transcrições. Em seguida, fizemos a segmentação dos

textos por temas e a identificação das orações. Como já sabemos, a oração representa um evento, algo que está acontecendo. As orações podem ser combinadas em um complexo, formando uma unidade de mensagem. A convenção utilizada para demonstrar o limite entre as orações é || (barras duplas).

2.6 OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Em um estudo caracterizado como qualitativo é importante determinar as teorias que ajudam a instruir e embasam a investigação além de contribuírem para a interpretação do *corpus*. Assim sendo, a análise e a interpretação dos dados tiveram como base os princípios desenvolvidos pelas teorias linguísticas da Semiótica Social de Halliday (1978), da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (1978, 1985) e Halliday e Matthiesen (2004) e da Análise Crítica de Discurso, por meio dos postulados de Hodge e Kress (1988), Fairclough (1992) e Kress e van Leeuwen (1996).

A Gramática Sistêmico-Funcional foi uma importante ferramenta para entendermos as estruturas linguísticas utilizadas nas entrevistas e interpretá-las não como regras gramaticais, mas como escolhas no dado contexto. Seu enfoque é sobre uma visão de linguagem estratégica com recursos de significados de linguagem em processos sociais, ou seja, como as pessoas usam a linguagem nas interações. Lembramos Halliday e Matthiessen (2004) ao afirmarem que uma oração pode conter uma materialidade útil ao entendimento do contexto e apontam as três dimensões de um texto ou metafunções, que formam a base da organização do significado, mencionadas no capítulo sobre a Gramática Sistêmico-Funcional. São elas:

- *Metafunção Ideacional*, quando a linguagem expressa como as pessoas constroem as suas experiências de mundo (ações sociais);
- *Metafunção Interpessoal*, que diz respeito ao modo como a linguagem é usada para expressar maior ou menor proximidade entre as pessoas (relações sociais);
- *Metafunção Textual*, que se refere ao modo como a linguagem é organizada nos textos para produzir efeitos.

Apesar de sabermos a importância de uma análise textual abranger as três metafunções, pois estas coexistem nos textos, a metafunção textual não foi contemplada em nosso estudo.

As teorias da Semiótica Social e da Análise Crítica de Discurso complementaram as análises linguísticas, possibilitando a compreensão do contexto sociocultural e apontando as estruturas de poder reproduzidas nos textos, com base nas ideias de Fairclough (1992).

Assim, a análise da prática discursiva envolveu uma combinação de micro-análise (análise semântica), por meio da Gramática Sistêmico-Funcional e de macro-análise (análise discursiva), com base na Teoria da Análise Crítica de Discurso e na Semiótica Social. A micro-análise usada na interpretação da produção dos textos dos participantes foi complementada então pela macro-análise para identificarmos os recursos linguísticos usados pelos participantes nos textos resultantes das entrevistas.

Após a coleta dos dados qualitativos, foram identificadas as unidades de significado e, após buscarmos as convergências entre as mesmas, agrupamos em categorias. As categorias encontradas nas conversas foram agrupadas por temas ou tópicos.

Como o nosso estudo foi pautado no nível dos micro-aspectos do discurso, o primeiro passo para realizarmos as análises, foi identificar as orações para conhecermos e entendermos o fenômeno da interação a partir da perspectiva das mães a partir da própria interação com as mesmas. Para saber como as suas experiências foram construídas, identificamos os *processos* e os *participantes* envolvidos que complementaram as informações (de acordo com a metafunção ideacional). No entanto, outros elementos importantes foram identificados nos textos, tais como o papel dos participantes na troca e os bens trocados. Além disso, para expressar a maior ou menor proximidade e envolvimento entre fonoaudiólogos e mães, a *polaridade* (positiva e negativa) e a *modalidade* (referentes à metafunção interpessoal) também foram identificadas.

Assim, ao categorizarmos esses aspectos, observamos a necessidade e a importância de verificarmos como foram configuradas nos textos as relações táticas e lógico-semânticas nas orações do *corpus* obtido com as entrevistas, ou seja, quais os recursos semânticos utilizados pelas mães nas orações para construir seus pensamentos sobre a interação.

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 ANÁLISE DOS DADOS DE ACORDO COMA GSF E ANÁLISE DISCURSIVA

A seguir, apresentaremos os dados encontrados e as análises no nível interno de organização da oração de acordo com o sistema de *transitividade*, no que diz respeito aos participantes e processos e com o sistema de *modalidade* e de *polaridade*, e no nível acima ou nível semântico, de acordo com o sistema *tático* e das *relações lógico- semânticas* como afirmam Halliday e Matthiesen (2004, p. 363).

3.2 METAFUNÇÃO IDEACIONAL

Nessa seção, as análises apresentadas descrevem o sistema de *transitividade*, com relação aos participantes e processos dos textos, de *polaridade* positiva e negativa, de *modalidade*, objetiva e subjetiva e das relações *táticas* e *lógico-semânticas*, juntamente com as análises discursivas. Para descrever as categorias de análise discursiva obtidas, remetemo-nos ao nosso objetivo de conhecer, nos textos, os sujeitos e os temas por eles proferidos nos discursos. Para isso, nos pautamos em Fairclough (1989), (1992a), (1995), (2001a).

Apesar da existência de outras categorias de análise encontradas no *sistema de transitividade*, em nosso estudo levamos em consideração apenas os *participantes* e os *processos* elencados, importantes elementos para a compreensão da prática da interação como frequentemente ocorre na clínica fonoaudiológica e que indicam as ações empreendidas pelos participantes e quais as suas opiniões sobre as coisas, o que pode ser constatado nos quadros abaixo de acordo com cada participante.

Inicialmente, demonstraremos por meio do sistema de transitividade como foram caracterizados os discursos das mães.

Nos textos que serão apresentados no quadro 1, a mãe (M1) dá a sua opinião sobre a interação do fonoaudiólogo com as mães e, em seguida, narra como era difícil para ela lidar com a criança antes da terapia e com a questão da perda auditiva do filho. Ela descreve como era e como ela e a criança são após ter conseguido o tratamento fonoaudiológico:

ORAÇÃO	PARTICIPANTE	PROCESSO/TIPO
<i>Pra ajudar a gente</i>	A interação (implícito)	Ajudar - comportamental
<i>Pra esse tempo que a gente fica aqui</i>	A gente	Fica - material
<i>Pra ajudar</i>	A interação (implícito)	Ajudar - comportamental
<i>Como lidar com nossos filhos</i>	A gente (implícito)	Lidar - comportamental
<i>A comunicar com eles</i>	A gente (implícito)	Comunicar - verbal
<i>...assim...era difícil</i>	A comunicação (implícito)	Era - relacional
<i>Porque eu não tinha noção</i>	Eu (a mãe)	Tinha noção (sabia) - mental
<i>Ele ficava nervoso</i>	Ele (o paciente)	Ficava - comportamental
<i>E eu também ficava nervosa</i>	Eu (a mãe)	Ficava - comportamental
<i>Aí depois que eu consegui né? a fono?</i>	Eu (a mãe)	Consegui - material
<i>Ficou tudo mais fácil</i>	Tudo	Ficou - relacional
<i>Agora eu já comunico bem</i>	Eu (a mãe)	Comunico - verbal
<i>Ele já é mais calmo</i>	Ele (o paciente)	É - relacional
<i>É igual</i>	Isto (implícito)	É - relacional
<i>Eu falei</i>	Eu (a mãe)	Falei - verbal
<i>Tô mais calma</i>	Eu (a mãe)	Estou - comportamental
<i>Me ajudou</i>	A interação (implícito)	Ajudou - comportamental
<i>Saber</i>	A interação (implícito)	Saber - mental
<i>Comunicar com ele</i>	Eu (mãe implícito)	Comunicar - verbal
<i>Não é falar</i>	Comunicar (ato)	(Não) É - relacional
<i>Eu já sei</i>	Eu (a mãe)	Sei - mental (cognição)
<i>Me comunicar com ele em casa</i>	Eu (mãe implícito)	Comunicar - verbal
<i>Ajuda também</i>	A interação (implícito)	Ajuda - comportamental
<i>A gente vai comunicando uma ca outra</i>	A gente (a mãe)	Comunica - verbal
<i>E ensina os outros as coisa nova</i>	A gente (mãe implícito)	Ensina - comportamental
<i>E vai aprendendo (aprende)</i>	A gente (mãe implícito)	Aprende - comportamental

Quadro 1 – M1

No texto de M1, encontramos uma maior ocorrência da mãe como participante, mas também da interação de forma implícita nas narrativas, demonstrando a importância dada ao tratamento fonoaudiológico para a melhora da comunicação entre a mãe e a criança. A criança também apareceu como participante, mas citada pela mãe, quando se referiu aos familiares que queriam saber sobre o seu tratamento.

Com relação aos processos do sistema de *transitividade*, observamos uma maior ocorrência de *processos comportamentais* (10 ao todo), que indicaram as várias atitudes e mudanças de comportamentos que a mãe teve em relação à criança, o que coincidiu com o maior número de vezes em que ela aparece como participante. Houve também uma ocorrência de 06 *processos verbais* nas narrativas da mãe, que expressaram as suas construções simbólicas sobre a comunicação com o filho. Observamos cinco ocorrências de *processos relacionais* que dizem respeito às opiniões da mãe sobre o fenômeno da interação e da perda auditiva do filho, acompanhados de atributos como: *difícil* e *fácil*, por exemplo.

Os *processos mentais* ocorreram três vezes e projetaram idéias sobre a comunicação da mãe com o filho. Já os *processos materiais* encontrados no texto aparecem em dois momentos e estão relacionados à construção externa da experiência da mãe como, por exemplo, ficar esperando a criança e ter conseguido o tratamento.

No texto de M1, os temas foram descritos numa sequência de declarações feitas pelas mães sobre o modo como ela e a criança eram antes da fonoterapia. A mãe deixou transparecer a sua dificuldade em lidar com a surdez da criança e conseqüentemente a de comunicar-se com ela. Interagir com a fonoaudióloga e receber orientações possibilitaram a mãe ficar mais calma e a se comunicar melhor com o filho.

No quadro 2, podemos observar que M2 fala da importância da interação e justifica isso ao dizer da necessidade de saber como é feita a terapia para passar as informações aos outros envolvidos no processo e com isso ajudar a criança.

ORAÇÃO	PARTICIPANTE	PROCESSO/TIPO
<i>Eu acho muito importante</i>	Eu (a mãe)	Acho - mental
<i>Porque vai ta passando informações pra mãe</i>	Interação (implícito)	Vai ta passando (passará) - material
<i>Porque às vezes a gente fica sem saber</i>	A gente (a mãe)	Saber - mental

<i>O que tá acontecendo dentro da sala</i>	-	Tá acontecendo (havendo) - existencial
<i>E vai ficar melhor pra mãe</i>	Isto (implícito)	Ficar (ser) - relacional
<i>Até mesmo estudar com a criança em casa</i>	A mãe (implícito)	Estudar - material
<i>Aí a fono diz</i>	A fonoaudióloga	Diz - verbal
<i>Ó mãe, a gente fez isso hoje</i>	A gente (a fono)	Fez - material
<i>E você pode fazer em casa</i>	Você (a mãe)	Fazer - material
<i>Eu acho importante isso</i>	Eu (a mãe)	Acho – marcador explícito de modalidade
<i>Outras coisas também eu acho</i>	Eu (a mãe)	Acho - mental
<i>Eu acho que ...</i>	Eu (a mãe)	Acho - marcador explícito de modalidade
<i>A gente mãe aprende mais</i>	A gente (mãe)	Aprende – comportamental
<i>Porque a gente tá ali</i>	A gente (mãe)	Tá (está) – relacional
<i>Mas às vezes a gente não sabe</i>	A gente (mãe)	(Não) sabe – mental
<i>O que tá passando</i>	-	Tá passando (acontecendo) - existencial
<i>E sei lá</i>	Eu (mãe implícito)	Sei - marcador explícito de modalidade
<i>Pelo menos na minha casa já aconteceu</i>	-	Aconteceu - existencial
<i>O quê que o fono faz?</i>	O fonoaudiólogo	Faz - material
<i>O que ela faz?</i>	Ela (fonoaudióloga, implícito)	Faz - material
<i>Aí é importante pra mim</i>	Isto (implícito)	É - relacional
<i>Tá explicando</i>	Eu (mãe implícito)	Tá explicando (explicar) - verbal
<i>Porque já aconteceu em casa</i>	-	Aconteceu (houve) - existencial
<i>Eles perguntaram</i>	Eles (familiares, implícito)	Perguntaram - verbal
<i>O que a K tá fazendo lá?</i>	K (paciente)	Tá fazendo (faz) - material
<i>Porque tá passando pra frente</i>	Eu (mãe implícito)	Tá passando (passa) - material
<i>Se alguém perguntar</i>	Alguém	Perguntar - verbal

<i>Ah ...eu acho...</i>	Eu (mãe)	Acho - mental
<i>Não vejo</i>	Eu (mãe implícito)	Vejo (considero) - mental
<i>Foi</i>	Outras coisas (implícito)	Foi - relacional
<i>Ah ...porque tinha coisas que...</i>	Coisas	Tinha - existencial
<i>Eu achava</i>	Eu (mãe)	Achava - mental
<i>Que sabia</i>	Eu (implícito)	Sabia- mental
<i>E no fundo mesmo eu não sabia nada</i>	Eu (mãe)	(Não) sabia – mental
<i>Aí eu acho importante</i>	Eu (mãe)	Acho - mental
<i>Ficar sabendo informação nova até mesmo saindo fora do trabalho</i>	Eu (mãe implícito)	Ficar sabendo (saber) - mental
<i>Que é feito no ambiente de dentro da sala</i>	Trabalho (implícito)	É - relacional
<i>Igual você falou</i>	Você (fonoaudióloga)	Falou- verbal
<i>Ah ...algumas coisas ah... eu acho que sim</i>	Eu (mãe)	Acho - mental
<i>Ah... não tem...assim...não</i>	-	Tem - existencial
<i>Ah ...assim...às vezes algum fato que acontece em casa em relação à K</i>	-	Acontece (ocorre) - existencial
<i>Mas eu fico sem graça</i>	Eu (mãe)	Fico - mental
<i>Pra chegar perto dela</i>	Eu (mãe implícito)	Chegar - material
<i>E falar</i>	Eu (mãe implícito)	Falar- verbal
<i>Como eu vou falar?</i>	Eu (mãe)	Falar- verbal
<i>Que eu creio</i>	Eu (mãe)	Creio - mental
<i>Que ela tá aqui</i>	Ela (fonoaudióloga, implícito)	Tá - relacional
<i>Pra fazer a terapia dela</i>	A terapia	Fazer - material
<i>E não sentar</i>	Ela (fonoaudióloga, implícito)	(Não) sentar – material
<i>E me escutar</i>	Ela (fonoaudióloga, implícito)	Escutar – comportamental (fisiológico)
<i>Acho que nem tempo</i>	Eu (mãe implícito)	Acho - mental
<i>Ela tem pra isso</i>	Ela (fonoaudióloga/implícito)	Tem - material

<i>Ah...eu...se fosse possível</i>	Isto (implícito)	Fosse- relacional
<i>Eu gostaria</i>	Eu (mãe)	Gostaria - mental

Quadro 2 – M2

No texto de M2, observamos que, dentre os participantes encontrados, a *mãe* se destacou por demonstrar as suas opiniões e por empreender várias ações a partir das interações. No entanto, apontamos a presença da fonoaudióloga como outro participante, bem como o paciente e os familiares.

Houve maior ocorrência de *processos mentais*²² (15 ao todo), indicando as opiniões ou construções internas das experiências da mãe como ao falar sobre a interação com a fonoaudióloga. Os *processos materiais* (14 ao todo) mostraram que a mãe empreendeu ações a partir das interações como, por exemplo: passar as informações para os familiares, mas também há ações empreendidas pela fonoaudióloga como o que fez na terapia e passar isso para a mãe. Os *processos relacionais* encontrados caracterizaram a interação e o trabalho da fonoaudióloga. Os *processos verbais* indicaram o que os familiares perguntaram sobre o tratamento da criança, o que a mãe e a fonoaudióloga disseram.

M2 expressou a sua opinião sobre interação e argumentou que ao saber o que acontece nas sessões de terapia pode passar as informações aos seus familiares. O tema principal foi a necessidade de saber o que acontece na terapia e a mudança de comportamento a partir do tratamento. Nas suas narrativas, a mãe também argumentou que há outros assuntos para abordar sobre a criança nas interações, mas que não o faz por haver pouco tempo para isto.

No quadro 3 podemos observar que a mãe (M3) dá declarações sobre a importância da interação, de ser um momento para conversar com a fonoaudióloga coisas que ajudam no tratamento da criança, mas também do pouco tempo que é dedicado a esse procedimento.

ORAÇÃO	PARTICIPANTE	PROCESSO/TIPO
<i>Eu acho uma coisa muito boa</i>	Eu (mãe)	Acho - mental
<i>Porque é um diálogo né?</i>	Interação (implícito)	É - relacional

²² Os *processos mentais* e os *verbais* projetam ideias, como a GSF aponta. Contudo, as projeções serão tratadas na seção das relações *táticas* e *lógico-semânticas*.

<i>É um entendimento né? entre os pais , o fono</i>	Interação (implícito)	É - relacional
<i>Eu acho</i>	Eu (mãe)	Acho - mental
<i>Que é isso</i>	Interação (implícito)	É - relacional
<i>Não, porque não tem oportunidade né?</i>	-	Tem - existencial
<i>Com certeza</i>	Eu (mãe implícito)	Gostaria (implícito)- mental
<i>Até pelo tratamento da criança e isso é muito bom</i>	Isso	É - relacional
<i>Acho</i>	Eu (mãe implícito)	Acho - mental
<i>Que ajuda muito mais né?</i>	Interação (implícito)	Ajuda - comportamental
<i>Ué no tratamento, no dia-a-dia, o que ta acontecendo</i>	Interação (implícito)	Ta acontecendo (acontece) - existencial
<i>Ah...eu acho que pro tratamento</i>	Eu (mãe)	Acho - mental
<i>Acho que em tudo, no comportamento, no geral, no dia-a-dia</i>	Eu (mãe)	Acho - mental
<i>Na escola que ele frequenta, aqui, com a gente em casa, na família, nos amigos.</i>	Ele (o paciente)	Frequenta - material
<i>Ajuda a mim, aos meus familiares e até a ele mesmo</i>	Interação (implícito)	Ajuda - comportamental
<i>Aprendendo a lidar com certas coisas, situações, entendeu?</i>	Interação(implícito)	Aprendendo - comportamental
<i>Porque tem coisas</i>	-	Tem - existencial
<i>Que a gente nem imagina</i>	A gente (mãe implícito)	Imagina - mental
<i>Que possa ta acontecendo</i>	Coisas (implícito)	Ta acontecendo (acontecer) - existencial
<i>Então através de um conhecimento a gente ta aprendendo aquilo</i>	A gente (mãe)	Ta aprendendo (aprende) - comportamental
<i>Pra lidar com a situação</i>	A gente (implícito)	Lidar - comportamental
<i>Às vezes tem coisas</i>	-	Tem - existencial
<i>Que a gente fica assim...</i>	A gente (mãe implícito)	Fica - comportamental
<i>Será que eu posso ta falando?</i>	Eu (a mãe)	Ta falando (falar) - verbal

<i>Será que devo?</i>	Eu (implícito)	Falar (implícito) - verbal
<i>Será que é o momento?</i>	Este (implícito)	É - relacional
<i>Então tem horas</i>	-	Tem - existencial
<i>Que a gente fica assim...sem saber</i>	A gente (a mãe)	Fica sem saber - mental
<i>A gente vai vendo as coisas</i>	A gente (a mãe)	Vai vendo - comportamental
<i>Acompanhando</i>	A gente (implícito)	Acompanhando - comportamental
<i>Esperando um momento</i>	A gente (implícito)	Esperando - comportamental
<i>Até que surge uma oportunidade</i>	-	Surge (há) – existencial
<i>Que a gente vê que a situação</i>	A gente (mãe)	Vê – material
<i>Tem que ser colocada</i>	A gente (implícito)	Ser colocada (falada) - verbal
<i>Pra poder resolver junto né?</i>	Eu (mãe implícito)	Resolver - comportamental

Quadro 3 – M3

Pudemos verificar no texto de M3 a mãe como *participante* principal. Isso pôde ser compreendido pela maior ocorrência de *processos comportamentais*. Outros participantes foram a *interação* e o *paciente*.

Os *processos comportamentais* externaram manifestações da consciência e de estados fisiológicos e, nesse caso, indicaram que M3 assumiu diferentes comportamentos e atitudes para resolver certas situações relacionadas ao filho. Os *processos existenciais* apareceram sete vezes ao indicarem que a mãe não tem oportunidade de interagir com a fonoaudióloga e que há coisas que acontecem com a criança que a mãe não sabe resolver sozinha. Os *processos mentais* foram usados em seis momentos e mostraram as opiniões, a construção interna das emoções de M3 sobre a interação e pensamentos de coisas que possam acontecer com a criança.

A ocorrência de *processos relacionais* como aconteceu no texto de M3 está ligada à caracterização da interação como boa para o tratamento e o momento para falar com a fonoaudióloga caracterizado como certo. Observamos o uso de dois *processos verbais* que referiam-se à demanda da mãe para falar com a fonoaudióloga e dois *processos materiais* que indicaram uma ação da criança e uma da mãe. Constatamos que o tema principal foi a importância e a finalidade da interação.

A mãe M4 desenvolveu seu texto por meio de narrativas sobre a importância das interações ligada ao fato de proporcionar meios de ajudar no desenvolvimento da criança e com relação à compreensão de como lidar com a mesma.

As narrativas apresentaram uma sequência temporal de como a criança era e de como ela é atualmente. O quadro 4 exemplifica a visão de mundo de M4 construída a partir das interações com a fonoaudióloga.

ORAÇÃO	PARTICIPANTE	PROCESSO/TIPO
<i>Ah eu acho</i>	Eu (a mãe)	Acho - mental
<i>Que é bom</i>	Interação (implícito)	É - relacional
<i>Ajuda a gente também</i>	Interação (implícito)	Ajuda - comportamental
<i>A gente participa de muitas coisas também</i>	A gente (mãe)	Participa - material
<i>Eu acho</i>	Eu (mãe)	Acho - mental
<i>Que é bom</i>	Interação (implícito)	É - relacional
<i>Ah, eu acho que...igual por exemplo, no caso da fono da L...</i>	Eu (mãe)	Acho - mental
<i>eu...T...eu to precisando</i>	Eu (mãe)	To precisando - material
<i>Conversar com você isso, isso</i>	Eu (implícito)	Conversar - verbal
<i>Aí ela é muito...</i>	Ela (fonoaudióloga)	É - relacional
<i>Chega a T...</i>	T (fonoaudióloga)	Chega - material
<i>Não só me responde</i>	A fonoaudióloga (implícito)	Responde - verbal
<i>Ela senta</i>	Ela (fonoaudióloga)	Senta - material
<i>Ela conversa comigo</i>	Ela (fonoaudióloga)	Conversa - verbal
<i>Se eu tiver dúvida</i>	Eu (mãe)	Tiver - material
<i>Eu passo pra ela</i>	Eu (mãe)	Passo - material
<i>Aí ela vai me ajudar no que ela pode</i>	Ela (fonoaudióloga)	Ajudar - comportamental
<i>Ah...eu acho muito importante mesmo</i>	Eu (mãe)	Acho - mental
<i>Ah...é mais sobre a vida da L aqui</i>	Interação (implícito)	É - relacional
<i>Como aqui tá sendo, também o comportamento</i>	Aqui (tratamento implícito)	Tá sendo (está) - relacional

<i>O quê que ela acha</i>	Ela (fonoaudióloga)	Acha - mental
<i>Se eu preciso melhorar com a L alguma coisa, um exame</i>	Eu (mãe)	Melhorar - comportamental
<i>E alguma coisa se eu tiver dúvida</i>	Eu (mãe)	Tiver - material
<i>Eu procuro ela</i>	Eu (mãe)	Procuro - material
<i>Que eu tenho assim... muito contato com ela</i>	Eu (mãe)	Tenho - material
<i>Então pra mim é muito mais fácil</i>	Isso (implícito)	É - relacional
<i>Conversar com ela</i>	Eu (mãe, implícito)	Conversar - verbal
<i>Mais sobre o tratamento</i>	Eu (mãe, implícito)	Conversar (implícito) - verbal
<i>Não, mas eu... o que mais me importa</i>	Eu (mãe)	Importa – comportamental (psicológico)
<i>É o tratamento da minha menina</i>	Tratamento	É - relacional
<i>Ela me falou da minha menina</i>	Ela (fonoaudióloga)	Falou - verbal
<i>Se tá tudo bem</i>	Tudo	Tá – relacional (atributivo)
<i>Se há possibilidade</i>	-	Há - existencial
<i>Dela chegar a falar qualquer tanto que seja</i>	Ela (criança)	Chegar a falar (falar) - verbal
<i>Pra mim já tá bom</i>	Isto (implícito)	Tá – relacional (atributivo)
<i>Minha dúvida é só sobre o tratamento da L</i>	Minha dúvida	É - relacional
<i>Porque na minha família eu não conheço nenhum surdo</i>	Eu (mãe)	Conheço - comportamental
<i>Então a minha experiência com surdo é através da minha filha</i>	Minha experiência	É - relacional
<i>E mais eh... depois que eu conheci os outros surdo da escola dela, aí sim</i>	Eu (mãe)	Conheci - comportamental
<i>Me interessa saber</i>	Eu (mãe)	Interessa - mental
<i>Como que é</i>	-	É - existencial
<i>Se há possibilidade</i>	-	Há- existencial
<i>Se ela vai fazer isso (sinais) pro resto da vida</i>	Ela (criança)	Vai fazer (sinalizar) - material
<i>É isso mais não</i>	Isso	É - relacional
<i>Ah sim... eu já conversei isso com a T</i>	Eu (mãe)	Conversei - verbal
<i>A respeito que... que tem horas</i>	-	Tem - existencial

<i>Que ela sempre me obedece</i>	Ela (criança)	Obedece - comportamental
<i>Mas tem horas</i>	-	Tem - existencial
<i>Que ela tá muito nervosa</i>	Ela (criança)	Tá – relacional
<i>Igual essa semana, eu tive conversando com a T a respeito da escola</i>	Eu (mãe)	Tive conversando (conversei) - verbal
<i>De levar ela</i>	Eu (mãe implícito)	Levar - material
<i>Pra fazer uns exame</i>	Ela (criança)	Fazer - material
<i>Aí a T me aconselhou</i>	T (fonoaudióloga)	Aconselhou - verbal
<i>Que é bom</i>	Isto (implícito)	É - relacional
<i>Se eu tenho dúvida</i>	Eu (mãe)	Tenho - material
<i>É bom</i>	Isto (implícito)	É - relacional
<i>Eu ver</i>	Eu (mãe)	Ver - material
<i>Porque ela tá com um pouco de atraso motor</i>	Ela (criança)	Tá - relacional
<i>Só que eu não sabia</i>	Eu (mãe)	Sabia - mental
<i>Aí foi eu</i>	Eu (mãe)	Foi - material
<i>Buscá</i>	Eu (implícito)	Busca - material
<i>Perguntei pra psicóloga dela</i>	Eu (implícito)	Perguntei - verbal
<i>Como que tava</i>	Ela (criança)	Tava - relacional
<i>Aí ela veio me falar</i>	Ela (psicóloga)	Falar - verbal
<i>Conversei com ela</i>	Eu (implícito)	Conversei - verbal
<i>E fui</i>	Eu (implícito)	Fui - material
<i>E vi</i>	Eu (implícito)	Vi - material
<i>Não era do jeito</i>	Isto (implícito)	Era - relacional
<i>Que eu pensava</i>	Eu (mãe)	Pensava - mental
<i>Não é um atraso</i>	-	É - relacional
<i>Que eu acho</i>	Eu (mãe)	Acho - mental
<i>Que pode atrapalhar ela</i>	Isto (implícito)	Atrapalhar –comportamental (psicológico)
<i>É coisa leve</i>	Isto (implícito)	É - relacional

<i>Olhei</i>	Eu (mãe implícito)	Olhei - material
<i>Cheguei na T</i>	Eu (mãe implícito)	Cheguei - material
<i>E comentei</i>	Eu (mãe implícito)	Comentei - verbal
<i>E ela comentou</i>	Ela (fonoaudióloga)	Comentou - verbal
<i>Que não é coisa</i>	Isto (implícito)	É - relacional
<i>Que pode desesperar não</i>	Coisa (implícito)	Desesperar- comportamental (psicológico)
<i>É coisa básica</i>	Isto (implícito)	É - relacional
<i>É pouca coisa</i>	Isto (implícito)	É - relacional
<i>Que a gente trabalhando</i>	A gente (mãe)	Trabalhando - material
<i>A gente consegue</i>	A gente (mãe)	Consegue - comportamental
<i>Ajudar ela</i>	A gente (implícito)	Ajudar - comportamental
<i>A minha preocupação no momento é</i>	A minha preocupação	É - relacional
<i>Ver</i>	Eu (mãe implícito)	Ver - material
<i>Que tá tudo bem com ela</i>	Tudo	Tá - existencial
<i>Porque ela era muito doente</i>	Ela (criança)	Era- relacional
<i>Hoje ela não é</i>	Ela (criança)	É - relacional
<i>Ser surdo não é doença</i>	-	(Não) é – relacional
<i>Então isso pra mim não é doença</i>	Isso	É- relacional (identificativo)
<i>Pra mim agora ela ser surda é solução</i>	Ela (criança)	É– relacional
<i>Porque antes ela era doente</i>	Ela (criança)	Era - relacional
<i>Hoje ela não é</i>	Ela (criança)	(Não) é – relacional

Quadro 4 – M4

Pudemos observar a maior ocorrência da *mãe* como participante, empreendendo várias ações, comportando-se de forma diferente, dando opiniões sobre a importância da interação e narrando fatos que nos possibilitaram conhecer a sua visão de mundo como, por exemplo, quando M4 não conhecia outras crianças surdas e quando a psicóloga da criança falou sobre atraso motor. Observamos também nas narrativas da mãe a fonoaudióloga como participante,

empreendendo algumas ações como sentar, conversar com a mãe e aconselhar. A criança e a psicóloga são outros participantes que aparecem no texto.

No texto de M4, houve maior ocorrência de *processos relacionais*, o que indica que ela emitiu a sua opinião, atribuindo um grande valor aos seguintes aspectos: a) à interação; b) à fonoaudióloga, ao dizer que é fácil conversar com ela; c) ao fato de ter maior conhecimento sobre os surdos depois de aprender com a filha surda; d) à sua preocupação em ver se o tratamento está dando certo; e) à criança, vista como doente e hoje não mais. Os *processos materiais* foram usados igualmente 21 vezes, pois M4 que narrou ações empreendidas por ela como por exemplo, procurar a fonoaudióloga para tirar suas dúvidas.

M4 fez referência no texto por meio de *processos verbais*: i) a várias coisas que falou ou perguntou à fonoaudióloga; ii) à fonoaudióloga; iii) à criança.

De modo explícito, M4 revelou ter desenvolvido uma parceria importante e solidária com a fonoaudióloga, um comprometimento com o tratamento da criança. O tema nesse caso foi a importância e a finalidade da interação, mudança de comportamento da mãe e da criança após o tratamento e interações e a expectativa de melhora do quadro clínico.

A mãe (M5) descreve em seu texto a sua visão de mundo sobre a interação demonstrando a importância e argumentando como isto pode ajudá-la com a criança. No quadro 5 é possível observar que ela se restringe a elencar esses aspectos.

ORAÇÃO	PARTICIPANTE	PROCESSO/TIPO
<i>É bom</i>	Interação (implícito)	É - relacional
<i>Porque aí vocês explica a gente</i>	Vocês (fonoaudióloga)	Explica - verbal
<i>Dão orientações</i>	Vocês (fonoaudióloga implícito)	Dão - material
<i>Pra gente tratar a criança</i>	A gente (mãe)	Tratar - comportamental
<i>Acho muito bom</i>	Eu (mãe implícito)	Acho - mental
<i>Ajuda</i>	Interação (implícito)	Ajuda - comportamental
<i>Ah...ensinar ele melhor as coisas</i>	Eu (mãe implícito)	Ensinar - comportamental
<i>Conversar com ele, em casa</i>	Eu (mãe implícito)	Conversar - verbal
<i>Na maneira de falar com ele</i>	Eu (mãe implícito)	Falar - verbal

<i>Ensinar ele</i>	Eu (mãe implícito)	Ensinar - comportamental
<i>A conversar certo</i>	Eu (mãe implícito)	Conversar - verbal
<i>Falar certo</i>	Eu (mãe implícito)	Falar - verbal
<i>Ajudam</i>	Interação (implícito)	Ajudam - comportamental
<i>Ajudam a ele também, ao pai dele</i>	Interação (implícito)	Ajudam - comportamental
<i>E eu tenho que passar pra professora também tudo</i>	Eu (implícito)	Passar - material
<i>Também porque aí você tem que falar</i>	Você (mãe)	Falar - verbal
<i>Explicar</i>	Você (mãe)	Explicar - verbal
<i>Porque todo mundo ficava rindo dele</i>	Todo mundo	Ficava rindo - comportamental
<i>Falava</i>	Todo mundo (implícito)	Falava - verbal
<i>Que era bonitinho</i>	Todo mundo (implícito)	Era – relacional
<i>Falava que isso não pode</i>	Eu (implícito)	Falava - verbal
<i>Explicar pra eles tanta coisa</i>	Eu (mãe implícito)	Explicar - verbal
<i>Ah... tem</i>	-	Tem - existencial
<i>Como ele eh... ensinar ele</i>	Eu (mãe implícito)	Ensinar - comportamental
<i>A fazer as coisas</i>	Ele (criança implícito)	Fazer - material
<i>Que ele eh... muito difícil lidar com ele e... igual pra orientação também</i>	Eu (mãe implícito)	Lidar - comportamental

Quadro 5 – M5

Pudemos observar que o participante principal no texto de M5 foi a própria mãe. A fonoaudióloga e a criança também aparecem como participantes. Isso ficou confirmado pelos processos materiais empregados no texto em que ela, a fonoaudióloga e a criança realizam ações.

Houve maior ocorrência de *processos verbais* (11 ao todo) nos quais a mãe se referiu ao que disse.

Os *processos comportamentais* foram usados em oito momentos e demonstraram as mudanças de comportamento, manifestações externas da consciência, assumidas pela mãe após as interações. Com os *processos relacionais* a mãe caracterizou o fenômeno da interação e relacionou o fato das pessoas falarem que era ‘bonitinho’ o modo como a criança falava e com os *processos materiais* ela demonstrou em dois momentos ações que empreendeu. Um

processo mental encontrado no texto serviu para a mãe dar sua opinião sobre interação e um *processo existencial* ao dizer que há outras coisas que gosta de conversar com a fonoaudióloga do filho.

M5 fez uma referência aos familiares e à professora do paciente como sendo também beneficiados com a interação. O tema principal foi a importância da interação e a expectativa de melhora do quadro clínico da criança.

Por meio do sistema de *transitividade* é possível verificar como as pessoas constroem a sua visão de mundo utilizando recursos linguísticos que expressam a sua experiência de mundo e suas reflexões. As orações são organizadas de tal modo que podem revelar quem são os participantes e em quais processos estão envolvidos. Ao escolherem os processos para falarem da interação, as mães da pesquisa o fizeram de modo estratégico mesmo inconscientemente, devido aos fatores sociais que envolvem esse tipo de prática. Não houve um padrão no uso dos processos nos textos. Eles evidenciaram as opiniões que caracterizaram a interação, materializadas pela representação de que houve uma mudança de comportamento das mães e que estas empreenderam várias ações a partir das interações. A análise combinada dos processos e dos participantes revelou a importância do sistema de transitividade na construção de sentido nos textos sobre interação. Observamos também que as mães foram as participantes principais ao demonstrarem as mudanças de comportamentos, as opiniões e valores atribuídos às interações.

Podemos inferir que o discurso mantido pelas mães foi de oferta de informações sobre elas próprias, sobre os filhos (pacientes), sobre o tratamento, sobre a interação e sobre aspectos relacionados aos fonoaudiólogos na maioria dos textos, bem como de demanda. Dessa forma, agrupamos em categorias e subcategorias os temas da seguinte forma:

- Categorias:

(I) *Oferta de informações*

Subcategorias:

- i. sobre a interação;
- ii. sobre a mãe;
- iii. sobre a criança;
- iv. sobre a fonoterapia;
- v. sobre a fonoaudióloga;

(II) Demandas

Subcategorias:

- i. informações sobre a criança;
- ii. informações sobre o tratamento;
- iii. maior tempo para conversar com a fonoaudióloga.

Temas recorrentes em todos os discursos foram o das mães emitirem a sua opinião sobre a importância e sobre o propósito da interação com o fonoaudiólogo e a mudança de comportamento após o tratamento. Os *processos* explicaram a experiência de mundo e os *participantes* envolvidos (ou afetados por eles) nos processos apontaram os empreendimentos, pensamentos e atitudes dessas mães.

Ao se referirem à interação, explicaram a experiência de mundo construída por meio de processos. Dessa forma, verificamos um predomínio de *processos comportamentais* indicando uma mudança de atitude das mães a partir das interações, isto é, as suas manifestações externas da consciência. Isso pode ser constatado nos exemplos a seguir:

“Ah... assim... como lidar com nossos filhos, a comunicar com eles, assim!” (M1)

“... porque às vezes a gente fica sem saber...” (M2)

“Aprendendo a lidar com certas coisas...” (M3)

“... não é coisa pra desesperar não.” (M4)

“... pra gente tratar a criança.” (M5)

Com relação às próprias mães, percebemos uma grande ocorrência de *processos verbais* que indicam a relação construída pela consciência e expressa pela linguagem no *dizer*, como nos exemplos:

“É igual eu falei, tô mais calma, me ajudou assim... eh... saber comunicar com ele.” (M1)

“... aí é importante pra mim tá explicando...” (M2)

“A situação tem que ser colocada.” (M3)

“... pra mim é muito mais fácil conversar com ela.” (M4)

“... conversar com ele...” (M5)

As conversas com a pesquisadora apontaram os processos comportamentais usados por algumas mães e explicam como são essas crianças, que também foram os participantes, como em:

“... ele já é mais calmo...” (M1)

“... que ela sempre me obedece, mas tem horas que ela tá muito nervosa.” (M4)

“... que ele eh... muito difícil lidar com ele...” (M5)

No que diz respeito ao tratamento (fonoterapia), observamos o emprego de processos que caracterizam bem o que representa o fenômeno da interação para as mães, como nos seguintes exemplos:

“Aí depois assim, depois que eu consegui né? a fono? ficou tudo mais fácil.”
(M1)

“... porque às vezes a gente fica sem saber o que tá acontecendo dentro da sala...” (M2)

“Ajuda a gente também.” (M4)

A fonoaudióloga apareceu como participante em alguns textos que as mães construíram com processos materiais:

“Que eu creio que ela tá aqui pra fazer a terapia dela...” (M2)

“Aí ela é muito... chega a T não só me responde, ela senta, ela conversa comigo, se eu tiver dúvida, eu passo pra ela, aí ela vai me ajudar no que ela pode.” (M4)

Os discursos nas conversas analisadas se configuram como narrativas, pois foram construídos episódios numa sequência temporal que demonstraram a visão de mundo em relatos do ponto de vista das mães. Apontaram algumas demandas que podem ser discutidas nas interações, tais como as informações sobre o que os filhos fazem durante a terapia e que, segundo elas, ajudam no aprendizado delas e no da criança. Isso pode ser observado nos discursos de todas as mães ao usarem *processos mentais, materiais, relacionais e verbais*:

“Agora eu já comunico bem, ele já é mais calmo...” (M1)

“Aí eu acho importante ficar sabendo informação nova.” (M2)

“Então através de um conhecimento a gente tá aprendendo aquilo pra lidar com a situação.” (M3)

“Se eu tiver dúvida eu passo pra ela e ela vai me ajudar.” (M4)

“... como ele... eh... ensinar ele a fazer as coisas...” (M5)

Maior tempo para conversar com o profissional pela vontade de falar sobre coisas relacionadas às crianças foi uma demanda das mães como podemos verificar nos exemplos abaixo em que foram utilizados *processos mentais e comportamentais*:

“Ah... se fosse possível eu gostaria.” (M2)

“Acho que ajuda muito mais.” (M3)

Outro aspecto apontado nos discursos das mães foi a relação dos recursos linguísticos por elas utilizados e o contexto no qual foram utilizados. No contexto no qual as conversas aconteceram, os discursos sobre o tratamento, o paciente, as informações sobre o caso e sobre a terapêutica são típicos e muito comuns, pois há em primeiro lugar, uma preocupação das mães com as dificuldades apresentadas pela criança e para saber as indicações terapêuticas nos casos. Em segundo lugar, porque ao fonoaudiólogo cabe solicitar informações sobre a criança, oferecer orientações sobre como lidar com as suas dificuldades e estimular a sua linguagem. A tarefa das mães é transmitir de modo fidedigno as informações para que o fonoaudiólogo possa traçar as metas terapêuticas e analisar o prognóstico para os casos.

3.3 ANÁLISE DE ACORDO COM A METAFUNÇÃO INTERPESSOAL

A metafunção interpessoal possibilita entender a interação entre as pessoas, e com isso podemos descrever e analisar as realizações linguísticas dos falantes de forma sistemática e funcional.

No *corpus*, mesmo sabendo que há outros elementos que podem ser pesquisados, passaremos a descrever e a discutir somente as funções de fala, bem como a *polaridade* e a *modalidade* dos textos.

Com base nos instrumentos teóricos, podemos inferir que, em relação aos recursos linguísticos empregados nos textos das mães, o modo oracional declarativo foi predominante, proveniente do fato de posicionar as falantes em relação ao ouvinte e das entrevistas terem sido introduzidas por uma pergunta da pesquisadora/fonoaudióloga sobre uma questão que está intimamente ligada ao tratamento fonoaudiológico das crianças. Por este motivo, as mães puderam expressar a sua visão sobre interação.

Apesar de terem sido entrevistas, a linguagem utilizada foi informal, mas percebemos que houve momentos de formalidade pela própria organização da interação na forma de perguntas/respostas, mas que demonstrou o envolvimento das participantes com a pesquisa e com a situação em si. Quanto a isto, citamos Mishler (1986) ao apontar que, mesmo em uma entrevista, há um diálogo em processo, no qual ocorrem trocas entre os participantes que negociam e constroem significados.

Passaremos a apresentar um resumo dos dados relativos à *modalidade* e à *polaridade* nos textos das mães entrevistadas. Começamos com M1:

ORAÇÕES	POLARIDADE POSITIVA/NEGATIVA	MODALIDADE OBJETIVA/SUBJETIVA
<i>Pra ajudar a gente</i>	Positiva	Subjetiva
<i>Eu não tinha noção</i>	Negativa	Subjetiva
<i>Ele já é mais calmo</i>	Positiva	Objetiva
<i>Né (não é)</i>	Positiva	Objetiva
<i>Era difícil</i>	Positiva	Objetiva
<i>Ficou tudo mais fácil</i>	Positiva	Objetiva
<i>Não é falar</i>	Negativa	Objetiva
<i>Eu já sei me comunicar com ele</i>	Positiva	Objetiva
<i>Ah...ajuda também</i>	Positiva	Subjetiva

Quadro 6 - M1

No texto de M1, encontramos o modo oracional declarativo usado para oferecer as informações. A forma declarativa usada reflete o poder do falante, pois que oferece as informações como verdades. Na função interpessoal, o falante indica um comprometimento com a verdade de alguma proposição. Assim, as informações de M1 foram confirmadas pelo predomínio da polaridade positiva e da modalidade objetiva de grau alto ao usar o intensificador *mais* como, por exemplo, em: “... *ele já é mais calmo...*”, indicando que M1 apresentou um julgamento positivo (uma certeza) e a maior probabilidade das informações serem uma verdade para a ela.

O uso do elemento *né* demonstrou que M1 teve a intenção de demandar a atenção do ouvinte e de pedir uma confirmação do que foi dito, como no exemplo:

“*Ah...depois assim...que eu consegui né? a fono...*”.

Encontramos o elemento *assim* usado mais de uma vez, indicando hesitação de M1, mas também uma maneira de modalizar o seu discurso e, no final da oração, como um restabelecimento da declaração dada. Outros elementos, como *ah* e *eh*, demonstraram hesitação, como se M1 estivesse pensando (fazendo uma maior reflexão) para falar, como no fragmento:

“*Ah... assim... como lidar com nossos filhos, a comunicar com eles, assim.*”

ORAÇÕES	POLARIDADE POSITIVA/NEGATIVA	MODALIDADE OBJETIVA/SUBJETIVA
<i>Ah... eu acho muito importante</i>	Positiva	Subjetiva
<i>Porque às vezes a gente fica sem saber</i>	Positiva	Subjetiva
<i>E você pode fazer em casa</i>	Positiva	Objetiva
<i>A gente mãe, aprende mais</i>	Positiva	Objetiva
<i>Às vezes a gente não sabe o que tá passando</i>	Negativa	Subjetiva
<i>Porque tinha coisas que... eu achava que sabia</i>	Positiva	Subjetiva
<i>E no fundo mesmo eu não sabia nada</i>	Negativa	Subjetiva
<i>Ah... algumas coisas ah...eu acho que sim</i>	Positiva	Subjetiva

<i>Ah... não tem...assim...não</i>	Negativa	Objetiva
<i>Ah... assim... às vezes algum fato que acontece</i>	Positiva	Objetiva
<i>Que eu creio que ela tá aqui para fazer a terapia dela</i>	Positiva	Subjetiva
<i>E não sentar</i>	Negativa	Objetiva
<i>Acho que nem tempo ela tem pra isso</i>	Negativa	Subjetiva
<i>Ah...se fosse possível eu gostaria</i>	Positiva	Subjetiva

Quadro 7 - M2

O texto da M2 apresenta o julgamento da mãe sobre a interação e a sua verdade sobre a realidade por meio do modo oracional declarativo.

Pudemos observar uma maior ocorrência da polaridade positiva e da modalidade subjetiva com uso de verbos de cognição, o que indicou a necessidade de M2 modalizar a sua fala para expressar os seus desejos, suas opiniões, suas expectativas em relação ao que ela considerava importante, mas que não poderia deixar claro para a pesquisadora.

As proposições foram usadas para ofertar informações importantes sobre a criança.

O uso do elemento *né* indicou que M2 teve a intenção de demandar algo, de solicitar uma confirmação do que foi dito, provavelmente como forma de negociação. De certa forma, M2 chamou a atenção da pesquisadora para a questão da interação ser algo que deve acontecer, requisitando do ouvinte a sua opinião, como no excerto:

“Bom, eu acho uma coisa muito boa porque é um diálogo né?”

O elemento *acho* foi usado como marcador de opinião para indicar a modalidade em grau de probabilidade na oração *“Ah eu acho muito importante.”*. Por outro lado, M2 recorreu ao intensificador *muito* para modalizar a sua fala e indicar a grande importância da interação. O elemento *mais* confirmou essa importância ao dizer que *“... a gente aprende mais...”*.

Encontramos o elemento *algumas*, modalizador em grau de usualidade, quando M2 se referiu ao fato de a interação com o fonoaudiólogo ajudar em algumas coisas. O adjunto modal de usualidade *às vezes* foi usado, indicando baixa modalidade quando M2 disse:

“... porque às vezes a gente fica sem saber o que acontece na sala de terapia”

Esse modalizador utilizado por M2 também indica que é uma demanda sua, o que não poderia ser dito de modo claro a pesquisadora.

Foram também usados os elementos *ah* e *assim*, como hesitações. Essas pausas, de certa maneira, foram modalizações para que M2 pudesse pensar no que iria dizer.

O texto de M2 revela não somente que a demanda dessa mãe foi acolhida pela fonoaudióloga, mas também expressa a necessidade de ela ser ouvida com relação a outras demandas, que certamente produzirão um maior envolvimento seu com o processo terapêutico.

Notamos a impessoalidade quando M2 se referiu à criança como por exemplo: “...e vai ficar melhor pra mãe até mesmo estudar com a criança em casa.”; em outro momento no entanto, utilizou o seu nome: “...às vezes algum fato que ocorre em relação à K...” e à fonoaudióloga, quando disse: “Que eu creio que ela tá aqui pra fazer a terapia dela...”. Nesse exemplo, também observamos a modalização subjetiva da mãe com o marcador de opinião *eu creio* ao expressar uma obrigação da fonoaudióloga.

O elemento *mesmo*, foi utilizado como modalizador para expressar em alto grau a verdade da mãe, como no exemplo:

“E no fundo mesmo eu não sabia nada.”

Não observamos nenhuma preocupação com questões relacionadas à criança em si, o que de certa forma pode gerar pouco envolvimento da mãe no processo terapêutico.

ORAÇÕES	POLARIDADE POSITIVA/NEGATIVA	MODALIDADE OBJETIVA/SUBJETIVA
<i>Eu acho uma coisa muito boa</i>	Positiva	Subjetiva
<i>Porque é um diálogo né?</i>	Positiva	Objetiva
<i>É um entendimento né? entre os pais, o fono</i>	Positiva	Objetiva
<i>Não porque não tem oportunidade né?</i>	Negativa	Objetiva
<i>Com certeza</i>	Positiva	Objetiva
<i>E isso é muito bom</i>	Positiva	Objetiva
<i>Acho que ajuda muito mais né?</i>	Positiva	Subjetiva

<i>Acho que em tudo</i>	Positiva	Subjetiva
<i>Porque tem coisas que a gente nem imagina que possa tá acontecendo</i>	Positiva	Subjetiva
<i>Às vezes tem coisas que a gente fica assim...</i>	Positiva	Objetiva
<i>Será que eu posso tá falando?</i>	Positiva	Subjetiva
<i>Será que devo?</i>	Positiva	Objetiva
<i>Então tem horas que a gente fica assim...</i>	Positiva	Objetiva
<i>A gente vê que a situação tem que ser colocada</i>	Positiva	Objetiva
<i>Pra poder resolver junto né?</i>	Positiva	Objetiva

Quadro 8 - M3

No texto de M3, podemos observar a modalidade empregada de vários modos. Encontramos o elemento *acho* usado como modalizador subjetivo ou marcador explícito de modalidade ao indicar uma probabilidade.

Os intensificadores *muito* e *muito mais*, foram usados pela mãe para indicar a sua opinião em alto grau, juntamente com o elemento *né* usado no final da oração como uma maneira de requisitar do ouvinte uma confirmação para o que foi dito, como em:

“Com certeza, até pelo tratamento da criança e isso é muito bom, acho que ajuda muito mais né?”

Em outros momentos M3 usou o mesmo elemento (*né*) e o recurso do modo oracional interrogativo como uma proposta para ter mais momentos de interação, como em:

“Não, porque não tem oportunidade né?”

“Que ajuda muito mais né?”

“Para poder resolver junto né?”

Nessa última oração é possível verificarmos também a modalidade objetiva em baixo grau quando M3 sugere que juntas a fonoaudióloga e a mãe resolvam possíveis problemas com a criança.

Em outros momentos o modo oracional interrogativo foi utilizado de modo implícito ao propor ser ouvida nas suas dúvidas e o elemento modalizador de usualidade *às vezes*

indicou baixa modalidade, quando a mãe se referiu a ficar às vezes sem saber se fala algo ou não com a fonoaudióloga, como em:

“Às vezes a gente fica assim...será que eu posso tá falando?”

“Será que devo?”

O elemento *assim* indicou uma pausa e ao mesmo tempo uma modalização de M3. O elemento *posso* funcionou como um modalizador de probabilidade baixa e como um pedido de permissão da mãe. Já o uso do elemento modalizador *devo* indicou probabilidade média, como se a mãe demandasse do ouvinte um julgamento, ao mesmo tempo em que expressou o seu próprio por meio de uma proposta.

O modalizador *com certeza* usado em alto grau de probabilidade, retomou o argumento de que para M3 seria muito bom ter mais interações com o profissional, se pudesse.

O elemento *entendeu* utilizado na oração “*Aprendendo a lidar com certas coisas, situações, entendeu?*” indicou que M3 chamou a atenção do pesquisador para o fato de aprender com as interações.

O elemento *tem* indica que a mãe fez uma afirmação por meio da polaridade positiva em alto grau.

No texto de M3 os resultados indicam uma maior ocorrência da polaridade positiva e da modalidade objetiva, demonstrando maior probabilidade de a mãe ter expresso tudo o que desejava sobre a interação por meio de afirmações positivas. Concluímos também que essa mãe usou o modo interrogativo para demandar a atenção do ouvinte para as suas verdades, uma estratégia encontrada por ela para propor outros momentos de interação com a fonoaudióloga.

Vejamos agora o que nos mostra o texto de M4

ORAÇÕES	POLARIDADE POSITIVA/NEGATIVA	MODALIDADE OBJETIVA/SUBJETIVA
<i>Eu acho que é bom</i>	Positiva	Subjetiva
<i>Ajuda a gente também</i>	Positiva	Subjetiva
<i>A gente participa de muitas coisas também</i>	Positiva	Objetiva

<i>Aí ela é muito...</i>	Positiva	Objetiva
<i>Não só me responde</i>	Positiva	Objetiva
<i>Ela senta, ela conversa comigo</i>	Positiva	Objetiva
<i>Se eu tiver dúvidas eu passo pra ela</i>	Positiva	Objetiva
<i>Aí ela vai me ajudar no que ela pode</i>	Positiva	Objetiva
<i>Ah... é mais sobre a vida da L</i>	Positiva	Objetiva
<i>Se eu preciso melhorar</i>	Positiva	Objetiva
<i>Que eu tenho assim... muito contato com ela</i>	Positiva	Objetiva
<i>Então pra mim é muito mais fácil conversar com ela</i>	Positiva	Objetiva
<i>Não mas... eu... o que mais me importa é o tratamento da minha menina</i>	Positiva	Objetiva
<i>Que tá tudo bem, se há possibilidade dela chegar a falar</i>	Positiva	Objetiva
<i>Pra mim já tá bom</i>	Positiva	Objetiva
<i>Se eu tenho dúvida é bom eu ver</i>	Positiva	Objetiva
<i>Porque ela tá com um pouco de atraso motor</i>	Positiva	Objetiva
<i>Só que eu não sabia</i>	Negativa	Subjetiva
<i>Não é um atraso</i>	Negativa	Objetiva
<i>Que eu acho que pode atrapalhar ela</i>	Positiva	Subjetiva
<i>É coisa leve</i>	Positiva	Objetiva
<i>Ela comentou</i>	Positiva	Subjetiva
<i>Que não é coisa que pode desesperar não</i>	Negativa	Objetiva
<i>É coisa básica</i>	Positiva	Objetiva
<i>É pouca coisa</i>	Positiva	Objetiva
<i>Que a gente trabalhando</i>	Positiva	Objetiva
<i>A gente consegue ajudar ela</i>	Positiva	Subjetiva
<i>Porque ela era muito doente</i>	Positiva	Objetiva
<i>Hoje ela não é</i>	Negativa	Objetiva
<i>Então... isso pra mim não é doença</i>	Negativa	Objetiva
<i>Agora... ela ser surda é solução</i>	Positiva	Objetiva

<i>Porque antes ela era doente</i>	Positiva	Objetiva
<i>Hoje ela não é</i>	Negativa	Objetiva

Quadro 9 - M4

No texto de M4, encontramos o uso do elemento *assim* em vários momentos, que indicou uma hesitação e uma maneira de modalizar a sua fala como se estivesse pensando como falar.

Os intensificadores *muito*, *muitas* e *mesmo* foram usados por M4 para se referir: a) ao fato de que na interação havia informações de coisas que acontecem com a criança; b) à fonoaudióloga da criança, querendo dizer que ela é muito prestativa, atenciosa, como em “*Aí ela é muito... chega a T não só me responde, ela senta, ela conversa comigo...*”; c) ao fato de que é muito importante interagir com o fonoaudiólogo, como em: “*Ah, eu acho muito importante mesmo.*”; d) ao estado da criança como em: “*... mas tem horas que ela tá muito nervosa.*”. Nessas orações, esses modalizadores de alto grau foram usados para expressar o julgamento da mãe e mostrar a importância dada a estas questões.

O elemento *sempre*, modalizador de probabilidade, foi usado em alto grau ao se referir ao fato de que a criança sempre obedece. No entanto, o elemento *mas* foi usado para expressar uma hesitação da mãe uma alternativa para o comportamento da criança. Os recursos lingüísticos *leve*, *básica*, *pouca coisa*, *pode desesperar não* foram utilizados como modalizadores para indicar que, na visão e na opinião de M4, a criança apresenta problemas, mas que não são graves ou podem atrapalhar o desenvolvimento da mesma.

No texto de M4, houve uma predominância de polaridade positiva e de modalidade objetiva de alto grau, indicando as opiniões dessa mãe expressas de modo claro.

Podemos inferir, portanto, que M4 demonstrou em seu texto que está satisfeita com as interações que tem com a fonoaudióloga da filha, pois esta a acolheu nas suas necessidades. Além disso, M4 dá a entender que essas trocas têm colaborado para o desenvolvimento da criança, o que demonstra o seu envolvimento com o processo terapêutico. De modo implícito, revelou uma negação do problema motor da filha ao usar modalizadores como: “*... é coisa básica, é pouca coisa...*”.

Observamos a impessoalidade quando M4 se referiu algumas vezes à filha e à psicóloga. Com relação à filha, a mãe usou o nome próprio, o pronome *ela* e *minha menina*, o que pode indicar certa distância entre elas. Ao se referir à fonoaudióloga, pelo contrário, M4 utilizou o nome próprio da mesma, o que indica uma relação de proximidade.

A seguir, vejamos no quadro 10, como M5 expressa as suas verdades:

ORAÇÕES	POLARIDADE POSITIVA/NEGATIVA	MODALIDADE OBJEITIVA/SUBJETIVA
<i>É bom porque aí vocês explica a gente</i>	Positiva	Objetiva
<i>Acho muito bom</i>	Positiva	Subjetiva
<i>Ajuda</i>	Positiva	Subjetiva
<i>Ah... a ensinar ele melhor as coisas</i>	Positiva	Objetiva
<i>Ensinar ele a conversar certo, falar certo</i>	Positiva	Objetiva
<i>E eu tenho que passar pra professora também</i>	Positiva	Objetiva
<i>Porque aí você tem que falar</i>	Positiva	Objetiva
<i>Porque todo mundo ficava rindo dele</i>	Positiva	Objetiva
<i>Falava que isso não pode</i>	Negativa	Objetiva
<i>Explicar pra eles tanta coisa</i>	Positiva	Objetiva
<i>Que ele eh... muito difícil lidar com ele</i>	Positiva	Objetiva

Quadro 10 - M5

No texto de M5, observamos o uso dos elementos *ah* e *eh* como hesitações da mãe. Os elementos *tem*, *tenho*, *não pode* indicaram modalidade de alto grau, demonstrando uma obrigação da mãe sobre o que teria que fazer após as interações com a fonoaudióloga do filho, como nos seguintes fragmentos:

“... e eu tenho que passar pra professora...”

“... e aí você tem que falar...”

“... falava que isso não pode...”

Ao utilizar o recurso *melhor*, a mãe indicou que poderia agir de uma forma melhor após receber orientações da fonoaudióloga nas interações. O elemento *todo mundo* indicou

que todas as pessoas riam da criança pelo modo como falava. O elemento *tanta* e *muito*, a mãe usou como modalizadores de alto grau, que indicaram que pode aprender muitas coisas na interação e passar para as pessoas e para a criança.

As evidências apresentadas sugerem que nos textos produzidos pelas mães, houve um predomínio de proposições ou ofertas de informações por meio do modo oracional declarativo. As proposições objetivaram dar declarações sobre as interações.

Houve um maior número de declarações com uso de polaridade positiva nas quais as mães indicaram de modo claro o que é a interação do seu ponto de vista e de modalidade objetiva ao expressarem de modo explícito as suas opiniões e julgamentos. Como afirmam Halliday e Matthiesen (2004, p. 147) podemos dizer que algo é ou acontece por meio da polaridade, mas para as possibilidades intermediárias entre o sim e o não há as modalidades ou outras formas de expressar as opiniões.

De modo implícito identificamos ofertas de informações nos textos sobre uma maior aceitação do problema da criança, o que ressalta a importância das informações passadas pelo profissional sobre o desenvolvimento da comunicação e da linguagem das crianças.

3.4 ANÁLISE DAS RELAÇÕES TÁTICAS E LÓGICO-SEMÂNTICAS

Nesta seção, apresentaremos as tabelas que resumem as relações táticas e as relações lógico-semânticas encontradas nos textos produzidos pelas mães. Apresentaremos como as orações foram organizadas em complexos que revelam como o fluir dos eventos relatados foi construído no nível semântico.

Ao falar, essas mães reproduziram o seu mundo, os conhecimentos e seus pontos de vista. A narrativa é uma forma de descrever o mundo em um desenrolar de ações nas quais os sujeitos organizam a sua visão de mundo segundo a sua lógica. A sequência de orações apresentada nos textos demonstrou isso, o que é possível verificar no eixo tático, pois estes foram construídos por meio de narrativas em sequências unidas por uma relação *temporal*, de *causa ou razão*, e no restabelecimento de declarações.

Observamos, no texto de M1 que o ponto de interesse dessa mãe foi a sua visão sobre as interações. Assim, a mãe fez uso de complexos de orações com informações sobre os

propósitos da interação e as suas razões para pensar assim. Para desenvolver o seu pensamento M1 utilizou elementos como veremos no quadro 11.

ORAÇÃO	EIXO TÁTICO/LÓGICO-SEMÂNTICO
Pra ajudar a gente pra esse tempo que a gente fica aqui pra ajudar	Hipotático - expansão por realce com valor de causa/propósito
Ah ...assim...como lidar com nossos filhos a comunicar com eles. Assim!	Hipotático - expansão por realce com valor de causa/propósito
Não, porque assim.. por ele assim..porque a perda auditiva... assim.. era difícil porque eu não tinha noção.	Hipotático – expansão por realce com valor de causa/razão
Ele ficava nervoso e eu também ficava nervosa	Paratático – expansão por extensão (adição)
Aí, depois assim...que eu consegui né? a fono? ficou tudo mais fácil.	Hipotático – expansão por realce com valor de causa/resultado
Agora, eu já comunico bem ele já é mais calmo.	Paratático - expansão por realce com valor de tempo e modo
É igual eu falei tô mais calma, me ajudou assim.. eh... saber comunicar com ele.	Paratático - expansão por elaboração Projeção de locução Projeção de ideia
Não é falar eh assim... eu já sei me comunicar com ele em casa.	Paratático – expansão por elaboração Projeção de ideia Oração projetada
Ah... ajuda também porque a gente vai comunicando uma com a outra	Hipotático – expansão por realce com valor de causa/razão
e ensina os outros as coisas novas, e vai aprendendo	Paratático – expansão por extensão com adição

Quadro 11- M 1

Nas orações de M1 encontramos argumentos marcados por uma relação temporal e de causa ao falar da importância da interação, como no seguinte exemplo:

“... era difícil porque eu não tinha noção... aí depois assim... que eu consegui né? a fono? ficou tudo mais fácil.”

Apesar de as orações no texto de M1 serem em igual número paratáticas e hipotáticas, observamos um predomínio de sequências textuais distintas no eixo tático hipotático expandidas por realces com elementos circunstanciais incorporados para acrescentar informações. M1 também fez comentários sobre ela própria e a criança por meio de orações paratáticas expandidas por elaboração. Encontramos duas projeções que estabeleceram ideias e uma projeção que estabeleceu locução.

A seguir o texto de M2 cujo foco de interesse foi a importância das interações por meio de orações hipotáticas, expandidas por realce com valores de condição, causa/razão e concessão.

ORAÇÃO	EIXO TÁTICO/LÓGICO-SEMÂNTICO
Ah... eu acho muito importante	Hipotático - Projeção de ideia Oração projetada
porque vai tá passando informações pra mãe, porque às vezes a gente fica sem saber o que tá acontecendo dentro da sala.	Hipotático- expansão por realce com valor de causa/razão Projeção de ideia Hipotático – expansão por elaboração
E vai ficar melhor pra mãe até mesmo estudar com a criança em casa.	Paratático- expansão por elaboração
Aí a fono diz: ó mãe, a gente fez isso hoje e você pode fazer em casa eu acho importante isso.	Paratático- Projeção de locução Oração projetada Paratático - expansão por extensão Paratático - Projeção de ideia

Eu acho que... assim... a gente mãe... aprende mais porque a gente tá ali, (projetada) mas às vezes a gente não sabe o que tá passando.	Oração projetante de ideia Hipotático- expansão por realce de causa e tempo Paratático – expansão por extensão
E sei lá... pelo menos na minha casa já aconteceu o quê que o fono faz? o que ela faz?	Paratático- expansão por extensão
Aí é importante	Projeção de fato
pra mim tá explicando, (projetada) porque já aconteceu em casa	Paratático- expansão por realce de causa Hipotático- expansão por realce de causa
eles perguntaram o que a K tá fazendo lá?	Hipotático - Projeção de locução Hipotático – expansão por realce de lugar
porque tá passando pra frente se alguém perguntá.	Paratático - expansão por elaboração Hipotático – expansão por realce com valor de condição
Ah... eu acho... não vejo	Paratático - Projeção de ideia
Foi.	Oração simples
Ah... porque tinha coisas que eu achava	Hipotático- expansão por realce com valor de causa Oração projetante de ideia
que sabia e no fundo mesmo, eu não sabia nada.	Hipotático – expansão por realce de causa/resultado Paratático – expansão por extensão
Aí eu acho importante ficar sabendo informação nova (projetada) até mesmo saindo fora do trabalho	Oração projetante de ideia Hipotático- expansão por realce com valor de concessão
[[que é feito no ambiente de dentro da sala]] igual você falou.	Oração encaixada (elaboração) Projeção de locução
Ah... algumas coisas... ah... acho que sim	Hipotático - Projeção de ideia
Ah... não tem... assim... não	Paratático - expansão por elaboração
Ah... assim... às vezes algum fato que acontece em casa em relação a K	Paratático – expansão por elaboração

mas eu fico sem graça [[pra chegar perto dela]] e falar como eu vou falar?	Mas- marcador discursivo Oração encaixada (elaboração) Paratático - expansão por extensão Hipotático – expansão por realce de modo
que eu creio que ela tá aqui pra fazer a terapia dela	Oração projetada Oração projetada Hipotático – expansão por realce com valor de causa/propósito
e não sentar e me escutar	Paratático –expansão por extensão
acho que nem tempo ela tem para isso.	Hipotático – Projeção de ideia Oração projetada
Ah... eu... se fosse possível eu gostaria.	Hipotático – expansão por realce com valor de condição

Quadro 12 – M2

Conforme notamos no quadro, M2 empregou recursos marcados por argumentos numa relação temporal, quando a mãe utilizou elementos como: *e, aí, às vezes*; de razão, quando a mãe falou sobre a importância das interações para ela ao usar os elementos *acho, pra, porque*; por uma relação de condição, quando ela relatou que poderá transmitir as informações *se* alguém perguntar sobre a criança; por uma relação propositiva, quando usou o elemento *pra* como em: “...*é importante pra mim tá explicando...*”; por uma relação adversativa ao usar o elemento *mas*, como no exemplo: “*mas às vezes a gente não sabe o que tá passando.*”; por uma relação espacial em: “...*até mesmo estudar com a criança em casa.*”

Como o texto escrito é o produto de um texto oral, M2 expôs as suas opiniões por meio de relatos com os elementos: *eu acho, eu penso, eu acredito*. E esses elementos projetaram outras orações, conforme observamos. Encontramos projeções que estabeleceram locuções, como na oração em que o argumento utilizado pela fonoaudióloga para chamar a atenção da mãe foi um vocativo (“*ó mãe*”).

Constatamos que os recursos utilizados por M2 indicaram grande preocupação em saber o que se passa em terapia para poder informar as outras pessoas o que acontece com a filha, por meio de orações no eixo hipotático que predominantemente expandiram e realçaram o pensamento com elementos circunstanciais. Isto havia sido confirmado pelo uso de processos mentais ocorridos com maior frequência.

O texto produzido por M3, como veremos no quadro 13, é caracterizado por declarações e descrições no eixo tático. O foco de interesse da mãe foi a interação como veremos a seguir:

ORAÇÃO	EIXO TÁTICO/LÓGICO-SEMÂNTICO
Bo me acho uma coisa muito boa, porque é um diálogo né? é um entendimento né? entre os pais, o fono... eu acho que é isso.	Hipotático - Projeção de ideia Hipotático - expansão por realce de causa/razão e de comparação Hipotático - Projeção de ideia Oração projetada
Não (faço implícito) porque não tem oportunidade né?	Hipotático – expansão por realce com valor de causa
Com certeza, até para o tratamento da criança e isso é muito bom.	Paratático- expansão por extensão
Acho que ajuda muito mais né?	Hipotático- Projeção de ideia
Ué, no tratamento, no dia- a- dia, [[no que tá acontecendo.]]	Oração encaixada de elaboração
Ah... eu acho que... pro tratamento. Acho que em tudo no comportamento, no geral, no dia- a- dia, [[na escola que ele frequenta]] aqui com a gente, em casa, na família, nos amigos ajuda a mim, aos meus familiares e até ele mesmo.	Hipotático - expansão por realce com valor de causa/resultado Projeção de ideia Oração encaixada de elaboração Paratático – expansão por extensão
Aprendendo a lidar com certas coisas, situações, entendeu?	Hipotático- expansão por elaboração
Porque tem coisas que a gente nem imagina que possa tá acontecendo.	Hipotático – expansão por realce com valor de causa/razão Projeção de ideia Oração projetada
Então através de um conhecimento a gente tá aprendendo aquilo pra lidar com a situação.	Hipotático - expansão por realce com valor de causa/propósito
Às vezes tem coisas que a gente fica assim..	Hipotático- expansão por realce com valor de modo
será que eu posso tá falando? Será que devo? Será que é o momento?	Paratático- expansão por extensão

<p> Então tem horas </p> <p>[[que a gente fica assim...]]</p> <p> sem saber. </p>	<p>Paratático- expansão por realce com valor de tempo</p> <p>Oração encaixada de elaboração</p> <p>Hipotático- expansão com realce de modo</p>
<p> A gente vai vendo as coisas, </p> <p> acompanhando, </p> <p> esperando um momento. </p>	<p>Paratático – expansão por elaboração</p>
<p> Até que surge uma oportunidade </p> <p>[[que a gente vê que a situação tem que ser colocada]]</p> <p> pra poder resolver junto né? </p>	<p>Hipotático- expansão por realce de tempo</p> <p>Oração encaixada</p> <p>Hipotático – expansão por realce com valor de causa/propósito</p>

Quadro 13 – M3

Nas orações de M3, constatamos que no eixo tático houve maior ocorrência de hipotaxes e no eixo lógico-semântico de expansões por realces com elementos circunstanciais incorporados em sequências distintas que acrescentaram informações. Assim, M3 pôde expressar suas opiniões com representações da consciência, o que foi confirmado pelo uso dos elementos *acho*, *imagina* ao projetar suas idéias. Os argumentos usados foram marcados por relação de razão, ao explicar a importância da interação, por uma relação temporal com os elementos *e*, *então* e *às vezes*, e com elementos que apontaram uma relação propositiva como *pro* e *pra*.

M3 fez uso de elementos como *né* e *entendeu* para o restabelecimento das declarações e como um pedido de confirmação do ouvinte.

M3 também utilizou recursos que projetaram as suas ideias como: *acho*, *imagina*, expressando a sua opinião sobre não imaginar o que acontece com o paciente em terapia.

Como veremos no quadro 14, o texto de M4 foi marcado não somente, no eixo tático, por declarações sobre a interação, sobre a terapia, sobre a criança e sobre a fonoaudióloga, mas também por descrições sobre a relação com a fonoaudióloga e o que conversaram nas interações.

ORAÇÃO	EIXO TÁTICO/LÓGICO-SEMÂNTICO
Ah...eu acho que é bom ajuda a gente também a gente participa de muitas coisas também.	Hipotático - Projeção de ideia Oração projetada Oração projetada
Eu acho que é bom.	Hipotático - Projeção de ideia Oração projetada
Ah...eu acho que...igual por exemplo, no caso da fono da L, eu...T... eu tô precisando conversar com você isso, isso.	Hipotático – Projeção de ideia Vocativo Oração projetada
Aí ...ela é muito... chega a T não só me responde ela senta, ela conversa comigo.	Paratático – expansão por extensão
Se eu tiver dúvidas eu passo pra ela aí ela vai me ajudar no que ela pode.	Hipotático – expansão por realce com valor de condição positiva Paratático – expansão por realce com valor de condição positiva Hipotático – expansão por elaboração
Ah eu acho muito importante mes mo.	Oração absoluta
Ah... é mais sobre a vida da L aqui como aqui tá sendo, também o comportamento	Paratático – expansão por extensão
o quê que ela acha se eu preciso melhorar com a L alguma coisa, um exame e alguma coisa se eu tiver dúvida eu procuro ela	Hipotático - Projeção de ideia Oração projetada Paratático – expansão por extensão Hipotático – expansão por realce de condição
que eu tenho assim...muito contato com ela	Hipotático – expansão por realce com valor de condição positiva
então é muito mais fácil eu conversar com ela	Paratático- expansão por realce com valor de condição positiva
Mais sobre o tratamento	Oração simples

Não mas...eu...o que mais me importa é o tratamento da minha menina.	Paratático – expansão por extensão
Ela me falou da minha menina se tá tudo bem se há possibilidade dela chegar a falar [[qualquer tanto que seja]] pra mim já tá bom.	Hipotático- Projeção de locução Oração projetada Oração projetada Oração encaixada Paratático – expansão por realce com valor de efeito/causa
Porque na minha família, eu não conheço nenhum surdo.	Hipotático- expansão por realce de causa/efeito
Então a minha experiência com surdo é através da minha filha.	Paratático – expansão por realce com valor de condição positiva
E...mais eh...depois que eu conheci os outros surdos da escola dela, aí sim.	Paratático- expansão por realce com valor de tempo, de condição positiva
Me interessa saber como é se há possibilidade, se ela vai fazer isso (a mãe faz sinais) pro resto da vida É isso, mais não.	Hipotático – Projeção de ideia Oração projetada Oração projetada Oração projetada Oração projetada
Ah sim...eu já conversei isso com a T a respeito que...tem hora [[que ela sempre me obedece,]]	Oração principal Hipotático – expansão por realce com valor de tempo Oração encaixada
mas tem horas [[que ela tá muito nervosa]]	Paratático – extensão por realce com valor de tempo Oração encaixada
Igual essa semana eu... tive conversando com a T a respeito da escola, de levar ela pra fazer uns exame.	Oração principal Hipotático – expansão por realce com valor de causa/propósito

<p> Aí a T me aconselhou que é bom se eu tenho dúvida é bom ver porque ela tá com um pouco de atraso motor só que eu não sabia. </p>	<p>Hipotático - Projeção de ideia Oração projetada Hipotático – expansão por realce com valor de condição positiva Hipotático – expansão por realce com valor de causa/razão Hipotático – expansão por realce com valor de concessão</p>
<p> Aí, eu fui buscar, perguntei pra psicóloga dela como que tava aí ela veio me falar aí eu fui e vi. </p>	<p>Oração principal Hipotático - Projeção de locução Oração projetada Paratático – expansão por extensão</p>
<p> Não era do jeito que eu pensava, não é um atraso, que eu acho que pode atrapalhar ela é coisa leve. </p>	<p>Oração principal Paratático – expansão por elaboração Hipotático – Projeção de ideia Oração projetada Paratático – expansão por elaboração</p>
<p> Olhei, cheguei na T e comentei. </p>	<p>Oração principal Paratático – expansão por extensão</p>
<p> E ela comentou que não é coisa [[que pode desesperar não]] É coisa básica [[que a gente trabalhando]] a gente consegue ajudar ela. </p>	<p>Hipotático – Projeção de ideia Oração projetada Oração encaixada Oração principal Oração encaixada Paratática – expansão por realce com valor de condição positiva</p>
<p> A minha preocupação no momento é ver que tá tudo bem com ela porque ela era muito doente hoje ela não é. </p>	<p>Hipotático - expansão por realce com valor de tempo e de condição Hipotático – expansão por realce de causa Paratático – expansão por extensão</p>
<p> Ser surdo não é doença. </p>	<p>Paratático- expansão por realce com valor de razão/causa</p>

Então isso pra mim não é doença pra mim agora, ela ser surda é solução porque antes ela era muito doente hoje ela não é.	Oração principal Paratático – expansão por realce com valor de tempo e de condição positiva Hipotático – expansão por realce com valor de causa Paratático – expansão por extensão
---	---

Quadro 14 – M4

Pudemos observar que os recursos empregados por M4 foram marcados por relações de causa/efeito, efeito/causa, tempo, concessão, condição, causa/propósito, causa/razão e razão/causa como nos exemplos:

- condição positiva: “*se eu tiver dúvida ela vai me ajudar.*”;
- causa/propósito: “*...de levar ela pra fazer uns exame.*”;
- temporal, quando usou os elementos *agora, hoje* e na oração: “*...mas tem horas que ela tá muito nervosa...*”;
- concessiva: “*...mas o que mais me importa é o tratamento da minha menina.*”.

M4 usou recursos importantes para coreografar o desenvolvimento do texto e argumentar sobre os seus pontos de interesse na conversa como os que projetaram ideias, tais como: *acho, comentou, interessa, aconselhou*. No caso dos elementos *comentou, interessa* e *aconselhou*, M4 expressou uma demanda de informações.

Um vocativo foi utilizado para a mãe chamar a atenção da fonoaudióloga e como uma proposta, como em: “*...ó T...*”

No eixo lógico-semântico percebemos que M4 deu declarações por meio de sequências temporais paratáticas, que foram predominantes ao elaborarem as informações numa sequência fixada, expandidas por extensão ao adicionar elementos, porém sem acrescentar novas informações. Isso ficou confirmado com a maior ocorrência de processos relacionais no texto desta mãe.

No eixo de dependência hipotática, houve predomínio de complexos de orações que expandiram e realçaram o pensamento em sequências distintas com uso de elementos circunstanciais. M4 usou nos relatos os elementos *acho, interessa* para projetar as suas ideias e uma projeção que estabeleceu uma locução por meio do elemento *falou* relativo ao que a fonoaudióloga disse.

O texto produzido por M5, como veremos no quadro 15, é caracterizado por declarações e descrições, no eixo tático. O foco de interesse dessa mãe foi saber se a interação serviria para ajudá-la a tratar a criança e ensinar esta última a falar corretamente.

ORAÇÃO	EIXO TÁTICO/LÓGICO-SEMÂNTICO
É bom porque aí vocês explica a gente dão orientação pra gente tratar a criança acho muito bom ajuda	Oração principal Hipotático - expansão por realce com valor de causa/razão Hipotático – expansão por extensão Hipotático – expansão por realce de causa/propósito Hipotático - Projeção de ideia Paratático – expansão por realce com valor de causa
Ah...ensinar ele melhor as coisas conversar com ele, em casa na maneira de falar com ele ensinar ele a conversar certo falar certo.	Paratático – expansão por elaboração
Ajuda ajuda a ele também, ao pai dele e eu tenho que passar pra professora também...tudo	Paratático – expansão por extensão
Também porque aí você tem que falá porque todo mundo ficava rindo dele falava que era bonitinho falava que isso não pode explicar pra eles tanta coisa!	Hipotático – expansão por realce com valor de causa/razão Projeção de locução Oração projetada Projeção de locução Oração projetada Hipotático – expansão por elaboração
Ah tem como ele eh...ensinar ele a fazer as coisas que ele eh...muito difícil lidar com ele e igual...pra orientação também.	Hipotático – expansão por realce com valor de modo Hipotático – expansão por elaboração Hipotático – expansão por realce com valor de causa/resultado

Quadro 15 – M5

Nas orações de M5, observamos que os recursos empregados foram argumentos marcados por relações de razão e de propósito ao falar da importância da interação e a sua finalidade, como em:

“...porque aí vocês explica a gente, dão orientação.”

“...pra gente tratar a criança, pra ensinar ele melhor as coisas...”

M5 expressou a sua opinião no texto por meio de uma projeção de idéia com o uso do elemento *acho* e em dois momentos para projetar locuções sobre o que as pessoas falaram da criança.

Concluimos que as orações de M5 foram organizadas em sequências distintas, mas de dependência hipotática em maior número ao dar informações que realçaram e expandiram o seu pensamento. No eixo tático três orações foram paratáticas em uma sequência fixada, que não acrescentou novas informações.

Os recursos usados confirmaram que as interações têm objetivado apenas informar sobre o que é feito no tratamento do filho, o que de alguma forma atende às suas expectativas sobre o que deva ser a interação com a fonoaudióloga.

A relação lógica é parte da semântica da linguagem e por isso as categorias lógicas não são formais nos textos das mães, uma vez que foram resultantes de entrevistas.

Concluimos que os textos de três mães (M1, M2 e M5) apresentaram a sua visão sobre interação, que reforça nosso pensamento sobre estas terem um foco mais educativo e informativo e isso ficou evidenciado por meio de orações hipotáticas que foram expandidas por realces de elementos circunstanciais. Duas mães (M3 e M4) demonstraram preocupação com outras questões da vida da criança, que não somente o tratamento, necessitando, desse modo, de um maior *acolhimento* e atenção por parte do fonoaudiólogo em relação a isso. Isto ocorreu por meio de orações hipotáticas expandidas por realces de elementos circunstanciais.

Desta forma, os textos se configuraram com características de narrativas com relatos da representação da consciência dos falantes através da linguagem. Como confirmam e ressaltam Halliday e Matthiesen (2004, p. 452), o modelo característico que representa o ‘pensar’ é o *hipotático*.

3.5 A INTERAÇÃO E A PRÁTICA SOCIAL

Antes de iniciarmos o detalhamento da interação como prática social, é importante recorrermos à teoria do discurso de Fairclough (2001) segundo a qual o discurso é considerado como texto, como prática discursiva e como uma forma de prática social, pois envolve a produção e a interpretação de textos – um modo de ação das pessoas sobre o mundo e sobre os outros. Sendo assim, a interação entre fonoaudiólogos e mães pode ser considerada como uma prática social e, por esta razão, um construto que permite caracterizar os participantes e os significados por eles produzidos. Assim, pelo sistema de *transitividade*, observamos como os processos explicam as experiências de mundo construídas nas estruturas linguísticas pelos participantes e estes como sujeitos envolvidos em diversas ações. Da mesma forma, a *modalidade* e a *polaridade*, enquanto componentes funcionais de proposições ou propostas, podem explicar como o falante expressa suas declarações. As relações táticas estão relacionadas à interdependência entre os elementos de um complexo de orações e as relações lógico-semânticas mostrando a relação entre processos nas organizações oracionais.

3.5.1 RESUMO DA INTERAÇÃO DE ACORDO COMA METAFUNÇÃO IDEACIONAL

As narrativas foram os recursos empregados pelas mães para confirmar a importância e os propósitos da interação. Em todos os textos isso pode ser confirmado por meio de processos relacionais, mentais, comportamentais e materiais, que apontaram as suas idéias como em:

- a) as opiniões sobre o que é a interação;
- b) a sua finalidade, tendo as mães como principais participantes, como nos exemplos:

“Eu acho muito importante porque vai ta passando informações pra mãe.”

“Pra ajudar a gente.”

“Eu acho uma coisa muito boa porque é um diálogo né?”

“Eu acho que é bom, ajuda a gente também, a gente participa de muitas coisas também.”

“É bom porque aí vocês explica a gente, dão orientação...”

O sentido da interação para as mães, como participantes, foi construído por processos. Os processos relacionais apontaram como as mães representaram o fenômeno da interação. Os processos mentais explicaram como construíram suas emoções sobre os temas discutidos. Já os processos comportamentais indicaram manifestações da consciência ou estados fisiológicos e os processos materiais expressaram como as mães construíram suas experiências de modo ativo por meio de ações.

3.5.2 RESUMO DA INTERAÇÃO DE ACORDO COM A METAFUNÇÃO INTERPESSOAL

A partir da metafunção interpessoal, apresentaremos um resumo que descreve como os falantes construíram pela linguagem os significados que determinaram as relações na interação, caracterizados por meio da polaridade e da modalidade da seguinte forma: relações de poder, categorias dos sujeitos e características da interação.

3.5.2.1 RELAÇÕES DO PODER

As conversas com as mães tiveram início a partir de uma pergunta feita pela pesquisadora sobre interação, que norteou todo o restante das mesmas. A pesquisadora procurou conduzir as conversas fazendo interrupções por meio de outras perguntas de modo estratégico sempre que as mães tocaram em alguma questão que pudesse ser relevante e acrescentasse informações sobre elas e as crianças. Isso também ocorreu pelo fato de que é uma convenção usada neste gênero, no qual os tópicos vão surgindo ao longo da conversa e cujo objetivo é conhecer melhor o participante, que no caso é a mãe da criança e seu contexto de vida. Como exemplo, podemos recorrer à parte da transcrição da conversa da pesquisadora

com M1, para observarmos essa afirmação, lembrando, no entanto, que as perguntas da pesquisadora não foram analisadas:

- (1)P – “O que você acha do fonoaudiólogo interagir com as mães de crianças em tratamento fonoaudiológico?”
(2)M1 – “Pra ajudar a gente, pra esse tempo que a gente fica aqui, pra ajudá.”
(3)P – “Você acha que ajuda em quê?”
(4)M1 – “Ah ...assim...como lidar com nossos filhos, a comunicar com eles. Assim!”
(5)P – “E antes isso não acontecia? Ele não se comunicava?”
(6)M1 – “Não porque... assim... por ele assim... porque a perda auditiva assim... era difícil porque eu não tinha noção. Ele ficava nervoso e eu também ficava nervosa. Aí depois assim... que eu consegui né? a fono... ficou tudo mais fácil. Agora eu já comunico bem, ele já é mais calmo, então assim... é isso! É igual eu falei, tô mais calma, me ajudou assim eh... saber comunicar com ele. Não é falar...eh... eu já sei me comunicar com ele em casa...”

Nos discursos que surgem das interações face a face, os produtores almejam oferecer alguma contribuição para as pessoas com quem interagem. Por esta razão, a pesquisadora/fonoaudióloga procurou adequar a sua linguagem à utilizada pelas mães.

No caso do texto de M2, observaremos a seguir, a posição ocupada pela fonoaudióloga da criança. O trecho do discurso da mãe apontou uma relação de *poder* no uso da linguagem por parte da profissional, que usou de um vocativo para chamar a atenção sobre algo importante. Lembramos que as perguntas feitas pela pesquisadora foram para certificar se o que foi falado pela mãe foi realmente compreendido e também na tentativa de obter mais informações:

- (1)P – “O que você acha do fonoaudiólogo interagir com as mães de crianças em tratamento fonoaudiológico?”
(2)M2 – “ Ah... eu acho muito importante.”
(3)P – “Por quê?”
(4)M2 – “Porque vai tá passando informações pra mãe, porque às vezes a gente fica sem saber o que tá acontecendo dentro da sala e vai... ficar melhor pra mãe até mes mo estudar com a criança em casa. Aí a fono diz: ó mãe, a gente fez isso hoje e você pode fazer em casa. Eu acho importante isso.”

Fairclough (1989, p.43-46) lembra que as relações de *poder* são exercitadas e sustentadas nos discursos e acrescenta que o *poder* também pode interferir no conteúdo do que é dito, nas relações entre os participantes da interação ou na posição que os participantes ocupam. No

caso da prática discursiva e social da interação, não observamos por parte das fonoaudiólogas das crianças a partir dos relatos das mães, uma relação de poder explícita exercida de modo recorrente em todos os textos.

Com relação às entrevistas, a relação observada com as participantes não demonstrou de modo explícito o exercício de poder por parte da pesquisadora. Observamos que esta, na posição ocupada de comandar a interação, assumiu o controle de modo a organizar a interação não fazendo interrupções no discurso das mães, mas sim perguntas pertinentes ao tema das conversas possibilitando assim o fluir das mesmas. Desta forma, abriu e fechou um ciclo das conversas ao aceitar as informações das mães. Igualmente, as mães tomaram o turno quando foram solicitadas a dar alguma informação. Recorremos a Fairclough (2001, p. 177), que denomina “características de controle interacional” o fato das entrevistas objetivarem a garantia do funcionamento regular num nível organizacional por meio de turnos na conversação distribuídos regularmente; os tópicos ou temas serem escolhidos e mudarem e as perguntas serem respondidas. Mishler (1986) também afirma que na rotina de uma entrevista ou de uma conversa, um ciclo é formado de uma estrutura tripla, ou seja, uma pergunta, uma resposta e uma aceitação explícita ou implícita da resposta dada pelo ouvinte.

Remetemo-nos novamente aos anexos, nos quais se encontram as transcrições exemplificando, em uma parte do texto de M4, a relação existente entre a fonoaudióloga e a mãe e a posição que ocupam, como podemos verificar a seguir:

(1)P – “O que você acha do fonoaudiólogo interagir com as mães dos pacientes em tratamento fonoaudiológico?”

(2)M4 – “Ah...eu acho que é bom. Ajuda a gente também, a gente participa de muitas coisas também. Eu acho que é bom. Ah...eu acho que... igual por exemplo, no caso da fono da L, eu..T (vocativo), eu tô precisando conversar com você isso, isso. Aí ela é muito... chega a T, não só me responde. Ela senta, ela conversa comigo, se eu tiver dúvida eu passo pra ela, aí ela vai me ajudar no que ela pode. Ah...eu acho muito importante mes mo.”

No texto de M4, a mãe usou um vocativo, identificando a pessoa endereçada (no caso a fonoaudióloga da criança), chamando a sua atenção e possivelmente reivindicando maior poder e *status* na relação. Isto vai ao encontro do que preconiza Fairclough (1989) quando fala que ambos os sujeitos participantes de uma interação estarão submetidos às convenções da prática discursiva, inclusive para permitirem maior ou menor poder a um dos sujeitos.

Nos trechos das entrevistas exemplificadas, podemos afirmar que a estratégia utilizada pela pesquisadora foi uma forma de incentivo às mães para falarem mais sobre o assunto

tematizado, a darem mais informações e contribuições para a pesquisa e não o exercício de poder. A pesquisadora exerceu o seu direito de perguntar e às mães coube a função de responder de acordo com a sua relação de subordinação em relação à pesquisadora, que também era fonoaudióloga. A linguagem utilizada foi informal e adaptada para que pudesse obter as informações das mães ao que havia sido proposto. Isto pode ser observado em parte do texto de M2 a seguir:

(11)P – “Por exemplo: o que a gente tá fazendo agora, é um momento de interação como outros que já tivemos. Eu conversei com você outras coisas. Elas foram importantes ou não?”

(12)M2 – “Foi.”

(13)P – “Por quê?”

(14)M2 – “Ah... porque tinha coisas que... eu achava que sabia e no fundo mesmo eu não sabia nada. Aí eu acho importante ficar sabendo informação nova, até mesmo saindo fora do trabalho que é feito no... ambiente de dentro da sala, igual você falou.”

Como mencionamos anteriormente, o ambiente da interação entre as mães e a pesquisadora foi o mesmo onde acontecem as sessões de tratamento. Com isso, a distância física ou distância social entre os participantes não foi significativa a ponto de provocar constrangimento ou inibição. Contudo, a M3 em seu texto utilizou elementos modalizadores como: *Será que eu posso? Será que eu devo?* e hesitações (também usadas em textos de outras mães) para dar respostas. Essas orações indicaram uma certa distância social, que aponta o *status* da pesquisadora/fonoaudióloga, algo que é estruturado em torno da diferença de conhecimento e de poder social, como apontam Hodge e Kress (1988, p.127).

O uso de uma pergunta para iniciar as entrevistas, caracterizada como um comando ao solicitar uma informação, é também um indicador de *poder* e talvez, por esta razão, as mães usaram modalizadores ou hesitações ao longo das conversas.

No fragmento a seguir, podemos observar um exemplo de como a pesquisadora explora a declaração de M1 fazendo perguntas pertinentes e quando a mãe sinaliza fatos que aconteceram como a interação com outras mães sobre o que aprendeu a partir das interações com a fonoaudióloga do filho.

(1)P – “O que você acha do fonoaudiólogo interagir com as mães de crianças em tratamento fonoaudiológico?”

(2)M1 – “Pra ajudar a gente, pra esse tempo que a gente fica aqui, pra ajudá.”

(3)P – “Você acha que ajuda em quê?”

(4)M1 – “Ah ...assim...como lidar com nossos filhos, a comunicar com eles. Assim!”

(7)P – “Isso também te ajuda com os outros profissionais, com as outras pessoas?”

(8)M1 – “Ah... ajuda também, porque a gente vai comunicando uma com a outra e ensina o outro as coisas novas e vai aprendendo...”

Houve a necessidade da pesquisadora focar nos aspectos considerados importantes que apareceram durante as entrevistas como uma maneira de incentivar as participantes a pensarem. Assim, as características de controle manifestas por parte da pesquisadora não são suficientes para indicar que há um controle nas interações que as fonoaudiólogas têm com as mães das crianças em tratamento.

Com relação à interação entre fonoaudiólogos e mães em si, podemos observar que há mudanças nas relações, nos valores explícitos através dos discursos produzidos e na maneira informal como a pesquisadora se dirigiu às mães.

3.5.2.2 CATEGORIAS DOS SUJEITOS

As análises de acordo com os significados interpessoais produzidos nos discursos mostram as atitudes dos falantes em relação aos sentimentos e emoções, julgamentos ou apreciação das coisas, codificadas no texto por meio de escolhas lexicais. Os textos conversacionais analisados demonstraram que o componente interpessoal tem importância ímpar, pois evidenciamos a tendência de haver uma relação simétrica entre os participantes observada no *corpus*. Por isso mesmo, as marcas de personalidade constituem um traço intrínseco desse gênero *entrevista*.

A análise da interação como prática social da qual o discurso é parte, tem o objetivo de caracterizar os sujeitos envolvidos, as identidades por eles assumidas, o tipo de relação fonoaudiólogo/mães existente, procurando de certa forma entender os efeitos da prática discursiva sobre a prática social, ou seja, porque a prática da interação entre o fonoaudiólogo e as mães dos pacientes acontece como está configurada nos textos dessas mães. Após a análise dos dados, retomaremos alguns exemplos que nos permitem constatar que os discursos de todas as mães revelaram uma identidade marcada pelas suas declarações, as categorias dos sujeitos e as características da interação, as quais pudemos agrupar em categorias da seguinte forma:

- 1) Mulheres mães
- 2) Cuidadoras

Em todos os textos analisados, verificamos que as mães se posicionaram perante a pesquisadora como mulheres mães e cuidadoras como veremos nos exemplos a seguir:

(1) Mulheres mães

“Ah assim... como lidar com nossos filhos, a comunicar com eles... assim.” (M1)

“Eu acho assim... a gente mãe aprende mais...” (M2)

“Aprendendo a lidar com certas coisas, situações...” (M3)

“A minha preocupação no momento é ver que tá tudo bem com ela.” (M4)

“Ah ensinar ele melhor as coisas, conversar com ele, em casa...” (M5)

(2) Cuidadoras

No texto de M1, a identidade assumida pela mãe como cuidadora demonstra maior cuidado e preocupação com a comunicação com o filho e como exemplo disso temos:

“Aí depois assim... que eu consegui né ?a fono? Ficou tudo mais fácil. Agora eu já comunico bem, ele já é mais calmo...”.

No texto de M2, percebemos no discurso da mãe como cuidadora uma preocupação em saber o que acontece no tratamento fonoaudiológico para repassar as informações para aqueles que perguntam. Isso expressa de modo implícito seus sentimentos e cuidado com relação à filha e a sua perda auditiva. Como exemplo, temos:

“Porque vai tá passando informações pra mãe... e vai... ficar melhor pra mãe até mesmo estudar com a criança em casa.”; “Ah porque tinha coisas que... eu achava que sabia e no fundo mesmo eu não sabia nada”.

O fato de no texto de M4 a mãe aparecer de modo ativo e constante, nos remete a uma característica de mãe cuidadora ao revelar uma preocupação com a criança, mas ao mesmo tempo demonstra de modo implícito um sentimento de decepção pela problemática da filha, como no exemplo:

“Pra mim agora ela ser surda é solução, porque antes ela era doente. Hoje ela não é.”

De modo explícito a M3 não revelou um cuidado com a criança, mas sim implicitamente ao dizer que a interação é importante para o seu tratamento, quando a pesquisadora questionou em que as interações ajudavam e a sua resposta foi:

“Ué no tratamento, no dia-a-dia, no que tá acontecendo.”

No texto de M5, o cuidado da mãe é revelado na preocupação em ensinar o filho a conversar e falar corretamente:

“... ensinar ele a fazer as coisas... ensinar ele a conversar certo, falar certo.”

Podemos observar também nos textos outros sujeitos mencionados pelas próprias mães, tais como:

M1, ao referir-se ao paciente: *“Ele ficava nervoso...”*; referindo-se às outras mães *“... a gente vai comunicando uma com a outra...”*.

No texto de M2: *“...a gente mãe aprende mais...”* (Referindo-se a ela própria); ao referir-se à criança: *“...às vezes algum fato que acontece em casa em relação à K...”* ; referindo-se à fonoaudióloga: *“Que eu creio que ela tá aqui pra fazer a terapia dela”* ; referindo-se aos familiares: *“...o que a K tá fazendo lá?...”* ;

M3 referindo-se a ela própria, aos familiares e à criança: *“Ajuda a mim, aos meus familiares e até a ele mesmo”*;

M4 referindo-se a ela própria e à fonoaudióloga: *“Eu...T, eu to precisando conversar com você isso, isso”*; referindo-se à criança *“...se eu preciso melhorar com a L alguma coisa...”*; referindo-se a outros surdos: *“...eu não conheço nenhum surdo”*; *“...perguntei pra psicóloga dela aí ela veio me falar”* (Referindo-se à psicóloga);

M5 referindo-se a ela própria: “É bom porque aí vocês explica a gente..”; “Ah...ensinar ele melhor as coisas...” (Referindo-se ao paciente); “...porque todo mundo ficava rindo dele...” (Referindo-se às outras pessoas).

As identidades sociais são construídas nas práticas discursivas, pois é por meio do discurso que as pessoas representam um papel para o outro. Desta maneira, as participantes da pesquisa se posicionaram como mulheres/mães/cuidadoras

3.5.2.3 CARACTERÍSTICAS DA INTERAÇÃO

Nesse estudo pudemos constatar que, de acordo com as convenções existentes nas interações entre fonoaudiólogos e as mães dos pacientes, o estilo dos discursos produzidos assumiu um caráter conversacional pelas seguintes características:

- a) os temas recorrentes em todas as conversas terem sido tratados por meio de uma linguagem informal empregada pela escolha de elementos como: *né, a gente, tô, tá, fono, você* (usado para referir-se à pesquisadora), *assim*, usados com frequência por todas as mães;
- b) a escolha dos sujeitos: nome do paciente e da fonoaudióloga da criança (a M4 se referiu a ambos pelo nome e a M2 usou o nome da criança).

Como afirma Halliday, os modos de uso da linguagem são representações de mundo socialmente construídas. Por isso percebemos nos discursos das mães, que suas representações tiveram um estilo próprio, principalmente na linguagem utilizada por elas que frequentam a instituição onde a pesquisa foi realizada. Ao usarem esses termos, as mães tiveram uma motivação, que pode ter sido para consolidar ou mudar o seu *status*. Talvez por esta razão, observamos nos textos um envolvimento com a pesquisadora/fonoaudióloga que as motivou a expressarem a sua visão sobre interação.

Os textos foram produzidos dialogicamente na interação com a pesquisadora, além da linguagem utilizada ter sido informal, objetiva e apropriada para o momento.

O estilo do discurso está relacionado com o cenário particular onde é produzido. Assim, podemos dizer que, apesar das entrevistas terem acontecido em uma sala de terapia fonoaudiológica, os textos produzidos não seguiram o modelo de prática discursiva das

entrevistas que seguem o modelo médico, por exemplo. Todas as mães puderam expressar seus sentimentos e julgamentos para a pesquisadora, que procurou organizar as conversas de modo colaborativo ao introduzir o tema e mudá-lo a partir do que as mães falaram. Estas por sua vez, expressaram a importância e a finalidade da interação, bem como disseram da mudança de comportamento a partir do tratamento e das interações.

O significado por elas construído sobre *interação* demonstrou que existe de ambas as partes (fonoaudiólogos e mães) um interesse na obtenção de conhecimentos que possam ajudar a criança em tratamento. Seus discursos revelaram a preocupação em saber o que acontece na terapia para poderem lidar melhor com os filhos e informarem as outras pessoas para que elas também saibam lidar com os problemas das crianças. Uma explicação para isso seja – talvez – o fato de conhecerem a pesquisadora, de estarem num ambiente conhecido e sentirem necessidade de relatar como as suas experiências foram construídas.

3.5.3 RESUMO DA INTERAÇÃO DE ACORDO COM AS RELAÇÕES TÁTICAS E LÓGICO-SEMÂNTICAS

Podemos resumir as narrativas das mães de modo a apresentar a construção dos significados sobre interação ocorrida em episódios, que são sequenciais de modo a apresentar alguns fatos, ideias e pensamentos. A representação do fenômeno é apresentada por meio de recursos semânticos nos complexos de orações chamados *argumentos*, marcados por relações de tempo, condição ou razão. Desta forma, podemos verificar nonexo paratático e nonexo hipotático como foram feitas as declarações ou proposições e as propostas da seguinte forma:

- a) Opiniões sobre a interação
- b) Relatos

As *opiniões* são expressas por meio das projeções. As *projeções* constroem o diálogo nas narrativas. Elas podem ser de três tipos: de ideia ou de locução (no nível de projeção); do modo da projeção (paratática, quando é uma citação; ou hipotática, quando é um relato) e de

função de fala, quando projeta uma proposição ou uma proposta. As projeções mostram o que foi dito por alguém ou fazem uma observação, como nos exemplos:

“É igual eu falei: tô mais calma, me ajudou... assim... eh... saber comunicar com ele.” (M1)

“Ah... eu acho muito importante...” (M2)

“Ah... eu acho que... pro tratamento.” (M3)

“...e ela comentou que não é coisa que pode desesperar não.” (M4)

“...todo mundo ficava rindo dele...falava que era bonitinho...” (M5)

Os *relatos* foram expressos por meio de sequências de orações paratáticas ou de orações ordenadas em dependência hipotática, nas quais as mães puderam narrar fatos realçando as informações com recursos de tempo, lugar, causa ou razão e de condição, como em:

“Ele ficava nervoso e eu ficava nervosa. Aí depois assim... que eu consegui né? a fono? ficou tudo mais fácil.” (M1)

As narrativas também foram usadas em orações em que uma expande a outra, elaborando melhor o pensamento ou estendendo e adicionando elementos como, por exemplo, em:

“E sei lá, pelo menos na minha casa já aconteceu o quê que o fono faz?” (M2)

“...aprendendo a lidar com certas coisas, situações, entendeu?” (M3)

Relatos sobre a relação com a fonoaudióloga da criança e outros foram expressos por meio de orações com recursos de expansão por elaboração, comentando e exemplificando o pensamento como, por exemplo, em:

“Olhei, cheguei na T e comentei.” (M4)

“Ah... ensinar ele melhor as coisas, conversar com ele, em casa, na maneira de falar com ele, ensinar ele, a conversar certo, falar certo.” (M5)

Os exemplos apresentados são uma pequena amostra dos recursos linguísticos utilizados pelas mães para expressarem suas ideias e pensamentos nas orações e complexos de orações, além de outros já demonstrados por meio de outros sistemas, que reforçam a importância da GSF como uma gramática de escolhas.

Desta forma podemos inferir, que as teorias linguísticas utilizadas para a compreensão da interação, foram importantes instrumentos que privilegiaram a linguagem e levaram em consideração o contexto social envolvido para a produção dos discursos.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao concluirmos nossas análises, recorreremos às teorias linguísticas que nortearam nosso estudo, quais sejam: a Gramática Sistêmico-Funcional, a Semiótica Social e a Análise Crítica de Discurso, para sustentá-las de modo a apresentar os aspectos dos discursos das mães. Diante do exposto, passaremos a responder as perguntas de pesquisa formuladas nas considerações iniciais.

Assim, em relação à primeira pergunta: *O que revela o discurso das mães na conversa com a pesquisadora, sobre as interações com o fonoaudiólogo?*

Ao lembrarmos os princípios da Gramática Sistêmico-Funcional, podemos inferir que os componentes funcionais do sistema semântico, foram organizados de modo a demonstrar as realizações linguísticas das mães de modo funcional e sistemático nos textos produzidos. O sentido da interação construído deixou transparecer parte da história das mães, refletindo particularidades e aspectos subjetivos através das suas declarações, opiniões e julgamentos. Isso foi possível por meio dos processos mais utilizados da metafunção ideacional, da função de oferecer informações por meio do modo oracional declarativo, da polaridade positiva e da modalidade objetiva da metafunção interpessoal. As expansões e projeções nos complexos de orações ilustraram os pensamentos, julgamentos e opiniões das participantes sobre interação. Os significados apreendidos por elas e que caracterizaram as interações com os fonoaudiólogos, foram empregados nas proposições, mas também na visão de proposta sobre essa prática de algumas mães, que expressaram o desejo de terem mais tempo para interagirem com as fonoaudiólogas. O uso da linguagem verbal de maneira intencional no contexto confirmou a importância das interações e a sua finalidade, o que acarretou em ações por elas empreendidas e mudanças comportamentais, que certamente contribuirão para o desenvolvimento da linguagem da criança. Isto também foi constatado por meio dos aspectos do sistema de transitividade descritos, do sistema de polaridade e modalidade e do sistema tático e de relações lógico-semânticas dos complexos de orações construídos pelas mães.

É por meio da interação com o fonoaudiólogo como prática terapêutica, que o profissional poderá compreender a multiplicidade de sentidos envolvidos no processo terapêutico. A interação, na opinião das mães e comprovada nos discursos, é compreendida como um momento crucial no qual se sentem mais acolhidas e envolvidas pelo profissional, que demonstra preocupação com as suas angústias, possibilitando que haja um maior comprometimento com o tratamento, uma vez que podem compartilhar os

seus conhecimentos. O modelo de interação praticado na instituição por essas mães que são encaminhadas pela rede pública de saúde, explicitado pelo modo oracional declarativo configurou-se como uma demanda por informações sobre o que acontece nas sessões de terapia, mas também por uma demanda por informações e sobre a problemática das crianças.

Com relação aos discursos das mães como ação social, afirmamos que produziram significados próprios por seus valores, crenças e cultura própria, apontando para o tipo de relação existente com os fonoaudiólogos. Dessa forma, recorremos à Semiótica Social para embasar a afirmação de que os recursos semióticos empregados nos textos para descrever o tipo de relação entre os sujeitos da interação, demonstraram um modelo que privilegia as informações oferecidas e as instruções dos profissionais. Isso pôde ser verificado por meio das escolhas lexicais e gramaticais dessas mães que revelaram a sua verdade/realidade. É um modelo de interação que reproduz o fazer médico, no qual são oferecidas informações sobre as alterações de linguagem dos pacientes, a terapêutica indicada e instruções de como as mães devem proceder para ajudarem o desenvolvimento dos filhos. Assim, pelos achados podemos afirmar que os modos de uso da linguagem utilizados nos textos das mães são as representações de interação construídas por elas por meio dessa prática social. Inferimos que suas escolhas foram condicionadas ao contexto de situação de acordo com o que preconizam Halliday e Matthiessen (2004) por meio da Gramática Sistêmico-Funcional em que a linguagem utilizada em contextos sociais e as escolhas feitas pelas pessoas são sempre motivadas por interesses, que neste caso foram de ambas as partes.

Ao realizarmos uma análise crítica dos discursos das mães, constatamos que apesar das inúmeras mudanças ocorridas ao longo da história da Fonoaudiologia na construção de uma identidade profissional, alguns aspectos socioculturais continuam influenciando para que este modelo de interação seja mantido. Apesar disto, o significado de interação como o que foi construído nos textos das mães demonstrou ser um processo ainda em construção, pois como elucida o texto de M2 e M3 há a necessidade de outros momentos para o profissional interagir com as mães que podem ser importantes para que elas possam contribuir de maneira mais efetiva para o desenvolvimento de seus filhos.

Apesar dos textos das mães apontarem a interação como um misto de entrevista e conversa, essa combinação ainda não conseguiu romper com o padrão de entrevista existente no qual o falante questiona algo e o ouvinte responde. Inclusive pela posição e os

papéis dos participantes da interação, quais sejam o fonoaudiólogo e terapeuta, que orienta e oferece informações quanto aos problemas de linguagem das crianças e a mãe cuidadora, que acata as orientações.

Quanto ao recurso semiótico da linguagem verbal, empregado de modo descritivo e estratégico, refletiu a demanda das mães por mudanças na relação no sentido de terem mais espaço para conversarem assuntos relacionados às crianças e que ajudam no seu desenvolvimento, como no caso de M3. Esses recursos motivados demandam mais interações, solidificam o saber e o poder do profissional.

Nesse tipo de interação, próprio das comunidades às quais esses sujeitos pertencem, os textos produzidos seguem um padrão relacionado com questões fonoaudiológicas e por isso mesmo os discursos são específicos. Dessa forma, lembramos o pensamento de Hodge e Kress (1988) sobre os textos serem um produto material produzido no discurso, com significado na medida em que projetam uma versão da realidade. Isto pôde ser observado em todos os textos das participantes.

Outra questão importante a considerar é a relação construída pelas mães com os profissionais como a de M4 com a fonoaudióloga da filha e demonstrada em seu discurso. Indica ser uma relação de maior afinidade, proximidade, caracterizada como mais solidária e isso foi expresso com recursos lingüísticos como: “*você*”, “*ô T*” (vocativo). À medida que a relação é fortalecida pelas interações, ambos se tornam parceiros que trocam experiências, conhecimentos e compartilham os problemas relativos aos pacientes. Isso não pôde ser observado nos textos das outras mães.

Com relação à segunda pergunta que norteou nossa pesquisa: *Quem são os sujeitos, que papéis assumem e como se identificam na prática da interação?* Podemos concluir que a linguagem verbal empregada revelou como as participantes agem na dada estrutura social, ou seja, nas interações ao experienciarem as convenções destas estruturas. Apontou ainda, a necessidade de acolhimento às demandas das mães, expressas nas declarações. Elas se identificaram como mulheres/mães e cuidadoras, que necessitam das orientações para ajudá-las na comunicação com os filhos e no seu desenvolvimento de linguagem de seus filhos. Com essa afirmação, lembramos Moita Lopes (2002, p. 198) ao dizer que o que somos é construído a partir do papel que representamos um para o outro por meio das palavras.

Na concepção de Fairclough (1989), a linguagem é discurso e é prática social, por isso como foi empregada nos textos indicou de modo explícito e algumas vezes de modo

implícito, a subordinação das mães perante as fonoaudiólogas, que transmitiram conhecimentos como uma autoridade, como detentoras de um saber sobre o paciente no processo terapêutico o que confirma a afirmação de Fairclough (1989, p. 43) de que as relações de poder são exercitadas e sustentadas nos discursos. Isto ficou demonstrado e sustentado em alguns momentos no texto de M2 como no fragmento: “*Ah...porque tinha coisas que...eu achava que sabia e no fundo mesmo eu não sabia nada.*” Por outro lado, também verificamos o poder revelado na linguagem das mães que detêm o saber sobre as crianças, tão importante e necessário para o profissional intervir de modo apropriado durante a terapia. Às mães coube a tarefa de acatar as orientações e informações das fonoaudiólogas, que por sua vez tiveram a tarefa de tomar como verdades as informações recebidas pelas mães, uma vez que a linguagem consiste da troca de significados entre participantes da interação. Os recursos linguísticos empregados pelas mães refletiram também uma demanda por mudanças na relação no sentido de terem mais espaço para conversas sobre a vida das crianças e que poderão ajudar no seu desenvolvimento de linguagem.

Os textos desse grupo de mães revelaram o seu ponto de vista sobre a interação e adotaram um padrão de uso específico como afirma Lemke (1995), inseparável da função e do contexto social. O discurso resultante concretizou a situação de questionamento em que se encontraram no momento das entrevistas.

Quanto à terceira pergunta de pesquisa: *O que pode ser feito para que um novo modelo de atuação seja alcançado?*

Podemos dizer que, por meio das interações como têm ocorrido, as fonoaudiólogas têm buscado um padrão de atendimento mais humanizado ao demonstrar sensibilidade para com a saúde e o sofrimento humano. A interação no ponto de vista das mães se configurou como um importante momento para a compreensão de problemas, a troca de experiências e conhecimentos. E como as demandas das mães são relativas ao tratamento, ao conhecimento das alterações de linguagem e à terapêutica, apesar da relação ser culturalmente vista como assimétrica, há nesse caso um compromisso das fonoaudiólogas e um envolvimento com as mães, possibilitando que se sintam acolhidas. Isso caracterizou os profissionais não somente reabilitadores, mas agentes transformadores, com uma postura diferenciada, o que certamente poderá implicar no desenvolvimento da criança em tratamento. Certamente este é o caminho que proporcionará desenvolverem uma relação e

um tipo de interação mais emancipatória e igualitária, otimizando o tempo de atenção às mães dedicado para que outros assuntos relativos à vida das crianças sejam discutidos.

Concluimos que as teorias lingüísticas utilizadas como ferramentas analíticas contribuíram para a compreensão da interação entre fonoaudiólogos e mães, como prática discursiva e social, uma vez que sinalizaram mudanças comportamentais de ambas as partes agregadas a uma mudança social e cultural em construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo podemos afirmar que um paradigma histórico mantido nas narrativas das mães é o que demonstrou que a interação entre fonoaudiólogos e mães é uma prática discursiva que fica restrita à transmissão de informações sobre o tratamento do paciente ou dele próprio por parte do profissional e por parte das mães de oferta de informações sobre a criança e sobre a sua problemática. Este paradigma tem sido reproduzido a partir do modelo médico em que a relação na maioria das vezes é para a obtenção de informações sobre o paciente e indicação da terapêutica.

As interações entre fonoaudiólogos e as mães são, em princípio, formais pela expectativa e a imagem que estas criam desses profissionais. O problema do filho é o que os une e isso leva as mães a desenvolverem uma relação para entender a problemática e o que será feito em terapia. Para muitas mães, como as deste estudo, esse modelo de interação é baseado em informações que o fonoaudiólogo oferece sobre a terapia e sobre a criança. A relação expressa de modo implícito entre os fonoaudiólogos e as mães de crianças em tratamento, se configurou como uma relação interativa assimétrica, pois mesmo envolvidos, cada qual reconheceu o papel diferente na troca e o resignificará de acordo com as suas necessidades.

Mesmo sabendo que os discursos das mães pesquisadas não puderam apontar a universalidade dos sentidos, uma vez que outras análises poderão ser realizadas, abrindo caminhos para outros trabalhos, acreditamos que a análise crítica e linguística destes puderam fornecer indícios para a compreensão das especificidades da linguagem em uso na situação de interação no contexto clínico, bem como as expectativas, demandas e necessidades dos sujeitos participantes. Ressaltamos também que os resultados encontrados podem contribuir para que o fonoaudiólogo tenha um diálogo efetivo e sistemático com as mães, que possa implicar na construção de outro tipo de relação social, mais emancipatória e igualitária, na busca por uma interação mais simétrica, priorizando a criança e também sua família, indo além da mera exposição das desordens lingüísticas, enxergando além dos sintomas e acolhendo os sujeitos usuários do serviço de saúde como sujeitos sociais.

Nesse sentido, então, percebemos a efetividade dos discursos em ajudarem a reorganizar a prática da interação de modo que, sabedores dos resultados, os fonoaudiólogos possam acolher as demandas das mães de maneira sistemática. Percebemos nos textos, portanto,

Com essas reflexões, novos caminhos foram sinalizados e nos possibilita inferir que, por meio da interação sistemática com as mães, os profissionais atenderão aos princípios básicos da Política Nacional de Humanização da Saúde (HumanizaSUS), que ampliam o diálogo entre fonoaudiólogos e mães dos pacientes em tratamento e a promoção de um ambiente acolhedor, onde a interação acontecerá de modo pleno.

Gostaríamos finalmente de ressaltar que, em situações como é o contexto clínico e no caso da interação entre fonoaudiólogos e mães dos pacientes, há outros elementos além do linguístico que devem ser considerados como modos de representação de uma realidade e de comunicação, ou seja, elementos produzidos pelo uso da linguagem verbal e também elementos do ambiente, envolvendo os participantes da interação e que muito expressam sobre eles. No entanto, este é outro *viés* de estudo que poderá abrir caminhos para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BEVILACQUA, M. C. *Compreensão das mães das orientações ministradas em um programa de audiologia voltado para a educação de crianças deficientes auditivas*. 1985. f. Tese – (Doutoramento) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BOSCOLO, C. C. *A família e a deficiência auditiva: análise do discurso do sujeito coletivo*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BORGES, A. C. de C.; SANSONE, A. P. Avaliação audiológica em crianças de 0 a 5 anos de idade. In: FROTA, S. *Fundamentos em fonoaudiologia*. Audiologia. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Política Nacional de Humanização (PNH)*. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br>>. Acesso em: 01 out.2008.

BROWN, J.D.; RODGERS, T. S. Descriptive statistics research: survey analysis. In: *Doing second language research*. New York: Oxford University Press, 2002.

BUTT *et al.* *Using functional grammar. An explorer's guide*. 2 ed. Sydney: Macquarie University, 2000.

CÁRNIO, M. S.; COUTO, M. I. V. Fundamentos para a intervenção fonoaudiológica em pais de crianças surdas. In: LICHTIG, I. *Programa de intervenção fonoaudiológica em famílias de crianças surdas*. Barueri: Pró-fono Departamento Editorial, 2004.

CELANI, M. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. In: *Linguagem e ensino*. Pelotas. v.8, n.1, Jan/Jun, 2005.

CÓDIGO de Ética da Fonoaudiologia. Lei nº 6965/81, 2004. 44 p.

DAVIS, K. A. Qualitative theory and methods in applied linguistics research. In: *Tesol quarterly*. Canadá, v. 29, n.3, 1995.

DEMETRIO, S. E. S. Deficiência auditiva e família. In: BEVILACQUA, M. C.; MORTARI MORET, A. L. *Deficiência auditiva. Conversando com familiares e profissionais de saúde*. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2005.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. 2 ed. Nova Iorque, Londres: Continuum, 2004.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London, New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992a.

FAIRCLOUGH, N. *Critical language awareness*. New York, London: Longman, 1992b.

FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. London: Edward Arnold, 1995.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001a.

FAIRCLOUGH, N. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: MAGALHÃES, C. M. *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001b. p.30-81.

FILHO, A. A. M. *Relação médico-paciente*. Teoria e prática. Belo Horizonte: Coopmed Editora Médica, 2005.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Paris: Éditions Gallimard, 1971. Disponível em: <<http://www.unb.br/pe/tef/filoesco/foucaul>>. Acesso em: 01 Set. 2007.

FOWLER, R. *Language in the news*. Discourse and ideology in the press. London, New York: Routledge, 1991.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Colaboração: Maria Helena de Andrade Magalhães e Stella Maris Borges. 8 ed. Rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

GASS, S., MACKEY, A. Pesquisas com base sociolinguísticas e pragmáticas. In: *Data elicitation for foreign language research*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.

GOATLY, A. *Critical reading and writing*. An introductory coursebook. London, New York: Routledge, 2000.

HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. The social interpretation of language and meaning. London : Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2 ed. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. *On grammar*. Collected works of M.A.K. Halliday. Edited by Jonathan J. Webster. v. I. London: Continuum, 2002.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3 ed. Londres: Edward Arnold, 2004.

HABERMAS, J. *Técnica e ciência como ideologia*. Lisboa: Edições 70, 1987.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.

HODGE, R.; KRESS, G. *Social semiotics*. Cambridge: Polity Press, 1988.

JÚNIOR, J. O. de O. Cuidando do cuidador... In: *Prática hospitalar*. São Paulo: Office Editora e Publicidade Ltda. Ano XI, n.65, Set./Out., 2009.

KRESS, G. Critical discourse analysis. In: *Annual Review as Applied Linguistics*. USA: Cambridge University Press, 1990.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images*. The grammar of visual design. 2 ed. London: Routledge, 1996.

LAFON, J. C. *A deficiência auditiva na criança*. Deficiências e readaptações. São Paulo: Editora Manole, 1989.

LEMKE, J. L. *Textual politics: discourse and social dynamics*. London: Taylor & Francis, 1995.

LICHTIG, I. (org.) *Programa de intervenção fonoaudiológica em famílias de crianças surdas*. (PIFFCS). Barueri, SP: Pró-fono, 2004.

LOPES, S. M. B. *Cultura, linguagem e fonoaudiologia: uma escuta do discurso familiar no contexto da saúde pública*. 2001. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Saúde Pública. Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://bases.bireme.br>>. Acesso em: 16 Set. 2008.

MACHIN, D. *Introduction to multimodal analysis*. London: Hodder Arnold, 2007.

MARTIN, J. R. Close reading: functional linguistics as a tool for critical discourse analysis. In: UNSWORTH, L. *Researching language in schools and communities*. Functional linguistic perspectives. London: Cassel, 2000, p.275-303.

MEURER, J. L. Ampliando a noção de contexto na linguística sistêmico-funcional e na análise crítica do discurso. In: *Linguagem em (Dis) curso*. LemD, Tubarão. v.4 esp. 2004. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem>>. Acesso em: 16 Set. 2008.

MIRANDA, C. F. de. *Atendendo o paciente*. Perguntas e respostas para o profissional de saúde. 10 ed. Belo Horizonte: Editora Crescer, 1996.

MISHLER, E. G. *Researching interviewing: context and narrative*. Cambriedge: Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, L. P. da. *Identidades fragmentadas*. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MUNHOZ, M. L. P. Questões familiares. In: Coleção: *Temas de Psicopedagogia*. Livro 7. São Paulo: Memnom, 2003.

NAGY, D. G.; PASSOS, M. C. Intervenção fonoaudiológica junto às mães de crianças com múltiplas deficiências. In: *Revista Distúrbios da Comunicação*. São Paulo: n.1, vol.19, Abr 2007. 09-23 p.

PASSOS, M. C. (org.). *A clínica fonoaudiológica em questão*. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

PIMENTA, S. M. de O.; SANTANA, C. D. A. Multimodalidade e semiótica social: o estado da arte. In: MATTE, A. C. F. (org.) *Lingua(gem), texto, discurso*. Entre a reflexão e a prática. v. II. Rio de Janeiro: Lucerna, Belo Horizonte, MG: FALE/ UFMG, 2007.

PIMENTA, S. M. de O. *O signo da receptividade*. Uma visão sócio-construcionista da interação. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2006.

RAVELLI, L. Getting started with functional analysis of texts. In: UNSWORTH, L. *Researching language in schools and communities*. London: Cassel, 2000, p.28-64.

RIBEIRO, S. F. R.; YAMADA, M. O.; TAVANO, L. D'A. Vivência de mães de crianças com deficiência auditiva em sala de espera. In: *Psicologia em Revista*. Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. v.13, n.1, Jun. 2007.

RODRIGUES, M. de F. G.; FOUREAUX, S. A. A. *A influência da família no desenvolvimento da criança portadora de perda auditiva atendida na clínica-escola*. Iniciação Científica. Faculdade de Fonoaudiologia. Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Belo Horizonte, 2003.

ROSLYING-JENSEN, A. M. A. O acompanhamento fonoaudiológico de crianças surdas e deficientes auditivas no contexto familiar. In: FONSECA, V. R. J. R. M. (org). *Surdez e deficiência auditiva*. Uma trajetória da infância à idade adulta. São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, 2001.

SILVA, R. I.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, M. Z. (orgs). *Cidadania, surdez e linguagem*. Desafios e realidades. São Paulo: Plexus, 2003.

SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODARD, K. (orgs) *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

TELLES, M. L. S. *Sociologia para jovens*. Iniciação à sociologia. 12 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing social semiotics*. London, New York: Routledge, 2005.

VIEIRA, J. A.; DA SILVA, D. E. G. (orgs) Práticas de análise do discurso. In: DA SILVA, D. E. G. *A ética na pesquisa*. Reflexões sobre metodologia na coleta de dados. Brasília: Unb, 2003, p.161-171.

ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: “Análise constitutiva do discurso das mães de crianças em tratamento fonoaudiológico sobre a interação com o profissional”.

1) Introdução - Você está sendo convidada a participar da pesquisa: “Análise constitutiva do discurso das mães de crianças em tratamento fonoaudiológico na interação com o profissional”. Se decidir participar, é importante que leia e preste atenção às informações sobre o estudo e o seu papel nessa pesquisa.

Você foi selecionada por ser atendida na Clínica Fono e a sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar o seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

2) Objetivo - O objetivo deste estudo é: investigar no contexto clínico, as narrativas das mães de crianças em tratamento fonoaudiológico na Clínica Fono, possibilitando aos fonoaudiólogos posteriormente desenvolver durante o processo terapêutico, uma interação mais sistemática com as mães dos pacientes.

3) Procedimentos do Estudo - Se você concordar em participar deste estudo, será solicitada a participar de uma conversa, que tem por objetivo conhecer mais sobre o contexto de vida do paciente.

4) Desconfortos - Você poderá sentir-se desconfortável devido à necessidade de expressar seus sentimentos, dúvidas e anseios, durante a conversa.

5) Benefícios - A participação na pesquisa não acarretará gastos para você, sendo totalmente gratuita. O conhecimento que você adquirir a partir da sua participação na pesquisa, poderá beneficiá-lo diretamente e a toda a sua família, com informações e orientações futuras em relação ao tratamento de seu filho, especialmente em relação à sua estimulação e ao seu desenvolvimento. As informações obtidas por meio do estudo poderão ser importantes para a descoberta de novos conhecimentos, capazes de diminuir os problemas de comunicação com o seu filho.

Os procedimentos relacionados ao estudo estarão de acordo com as normas estabelecidas pela Clínica Fono, das quais você já tem conhecimento.

6) Participação - A sua participação neste estudo é voluntária e consistirá de uma conversa com o fonoaudiólogo, quando solicitada. Em caso de você decidir retirar-se da pesquisa, deverá notificar o profissional pesquisador. Neste caso, continuará recebendo o mesmo

atendimento de acordo com as normas desta instituição. Você também poderá ser desligado do estudo a qualquer momento sem o seu consentimento nas seguintes situações:

- a) Caso você não participe quando solicitado;
- b) Caso o estudo termine.

7) Caráter confidencial dos registros - Algumas informações obtidas a partir da sua participação no estudo, não poderão ser mantidas estritamente confidenciais. Além dos profissionais de saúde envolvidos no trabalho, agências governamentais locais, o Comitê de Ética em Pesquisa ao qual está vinculada esta pesquisa, podem precisar consultar os registros. Você e seu filho não serão identificados nos registros utilizados, seja para propósitos de publicação científica e/ou educativa. Ao assinar este consentimento informado, você autoriza as inspeções nos registros e aceita participar das conversas sem a identificação.

8) Para obter informações adicionais - Você poderá tirar a qualquer momento, dúvidas sobre o estudo diretamente com a pesquisadora/fonoaudióloga Maria de Fátima Garrido Rodrigues pelo telefone: 3241 6826 e também no Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP), localizado à Av. Antonio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, 2º andar/sala 2005, tel.: 3409-4592.

9) Declaração de consentimento

Li ou recebi as informações antes de assinar este Termo de Consentimento. Declaro que fui informada sobre os métodos a serem utilizados para o estudo, os desconfortos e os benefícios. Declaro ainda que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima, recebi respostas para as minhas dúvidas e também que recebi uma cópia deste termo de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo a qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer penalidade.

Dou o meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar como colaborador deste estudo.

Belo Horizonte, ____ de _____ de _____

Nome do participante:

Assinatura:

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e os objetivos deste estudo, possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao participante. Acredito que o mesmo recebeu todas as informações necessárias, fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível e que ela compreendeu essa explicação.

Belo Horizonte, ____ de _____ de _____

Assinatura do pesquisador:

ANEXO B

Termo de Consentimento

Eu, _____, responsável técnico e administrativo da Clínica Fono, Av. dos Andradas, 2287, 2º andar, dou meu consentimento, de acordo com as normas estabelecidas na Resolução nº 196/96, do CNS, para que a pesquisa: “*Análise constitutiva do discurso das mães de crianças em tratamento fonoaudiológico sobre a interação com o profissional*”, seja realizada nas dependências desta Instituição, pela fonoaudióloga estudante de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, nível Mestrado da UFMG, Maria de Fátima Garrido Rodrigues.

Belo Horizonte, ____ de _____ de ____

José Carlos Lassi Caldeira

Maria de Fátima Garrido Rodrigues
Pesquisadora responsável

ANEXO C

Termo de Comprometimento e Responsabilidade do Pesquisador

Eu, Maria de Fátima Garrido Rodrigues, estudante de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, nível Mestrado, da Faculdade de Letras da UFMG, pesquisador responsável pela pesquisa: “*Análise constitutiva do discurso das mães de crianças em tratamento fonoaudiológico sobre a interação com o profissional*”, a ser realizada com a orientação da Profa. Sônia Maria de Oliveira Pimenta, declaro que conheço a Resolução nº 196/96 do CNS, e me responsabilizo pelo cumprimento da mesma durante o estudo, bem como de tornar público os resultados obtidos para serem divulgados em eventos científicos e revistas.

Belo Horizonte, ____ de _____ de ____

Maria de Fátima Garrido Rodrigues

Pesquisadora responsável

ANEXO D

Protocolo de pesquisa para caracterização do perfil das mães

Nome (somente iniciais):

Idade:

Escolaridade:

Estado civil:

Profissão:

Naturalidade:

ANEXO E

TRANSCRIÇÃO DAS CONVERSAS

M1

(1)P – “O que você acha do fonoaudiólogo interagir com as mães de crianças em tratamento fonoaudiológico?”

(2)M1 – “Pra ajudar a gente, pra esse tempo que a gente fica aqui, pra ajudá.”

(3)P – “Você acha que ajuda em quê?”

(4)M1 – “Ah ...assim...como lidar com nossos filhos, a comunicar com eles. Assim!”

(5)P – “E antes isso não acontecia? Ele não se comunicava?”

(6)M1 – “Não porque... assim... por ele assim... porque a perda auditiva assim... era difícil porque eu não tinha noção. Ele ficava nervoso e eu também ficava nervosa. Aí depois assim... que eu consegui né? a fono... ficou tudo mais fácil. Agora eu já comunico bem, ele já é mais calmo, então assim... é isso! É igual eu falei, tô mais calma, me ajudou assim eh... saber comunicar com ele. Não é falar...eh... eu já sei me comunicar com ele em casa...”

(7)P – “Isso também te ajuda com os outros profissionais, com as outras pessoas?”

(8)M1 – “Ah... ajuda também, porque a gente vai comunicando uma ca outra e ensina o outro as coisa nova e vai aprendendo...”

M2

(1)P – “O que você acha do fonoaudiólogo interagir com as mães de crianças em tratamento fonoaudiológico?”

(2)M2 – “Ah... eu acho muito importante.”

(3)P – “Por quê?”

(4)M2 – “Porque vai tá passando informações pra mãe, porque às vezes a gente fica sem saber o que tá acontecendo dentro da sala e vai... ficar melhor pra mãe até mesmo estudar com a criança em casa. Aí a fono diz: ó mãe, a gente fez isso hoje e você pode fazer em casa. Eu acho importante isso.”

(5)P – “E você acha importante só pro fono te passar o que deve fazer em casa?”

(6)M2 – “Outras coisas também.”

(7)P – “Que outras coisas?”

(8)M2 – “Eu acho que...assim... a gente mãe, aprende mais, porque a gente tá ali, mas às vezes a gente não sabe o que tá passando e... sei lá... pelo menos na minha casa já aconteceu, o quê que o fono faz? o que ela faz? Aí é importante pra mim tá explicando, porque já aconteceu em casa eles perguntaram: o que a "K" tá fazendo lá? Porque tá passando pra frente se alguém perguntá...”

(9)P – “Então pra você não tem outra finalidade o fono interagir com as mães?”

(10)M2 – “Ah... eu acho...não vejo...”

(11)P – “Por exemplo: o que a gente tá fazendo agora, é um momento de interação como outros que já tivemos. Eu conversei com você outras coisas. Elas foram importantes ou não?”

(12)M2 – “Foi.”

(13)P – “Por quê?”

(14)M2 – “Ah... porque tinha coisas que...eu achava que sabia e no fundo mesmo eu não sabia nada. Aí eu acho importante ficar sabendo informação nova, até mesmo saindo fora do trabalho que é feito no... ambiente de dentro da sala, igual você falou.”

(15)P – “E isso tem ajudado de alguma maneira na sua vida de modo geral?”

(16)M2 – “Ah... algumas coisas ah...acho que sim.”

(17)P – “Você pode dar um exemplo?”

(18)M2 – “Ah...não tem... assim... não.”

(19)P – “Mas... há coisas que você gostaria de saber que não fosse só informação?”

(20)M2 – “Ah... assim... às vezes algum fato que acontece em casa em relação a "K", mas eu fico sem graça pra chegar perto dela e falar. Como eu vou falar? Que eu creio que ela tá aqui pra fazer a terapia dela e não sentar e me escutar, acho que nem tempo ela tem pra isso.”

(21)P – “Mas você gostaria que ela tivesse um tempo pra isso?”

(22)M2 – “Ah...eu...se fosse possível, eu gostaria.”

M3

(1)P – “O que você acha do fonoaudiólogo interagir com as mães de crianças que fazem tratamento fonoaudiológico?”

(2)M3 – “Bom, eu acho uma coisa muito boa, porque é um diálogo né? É um entendimento né? entre os pais, o fono. Eu acho que é isso.”

(3)P – “Você faz isso com frequência?”

(4)M3 – “Não, porque não tem oportunidade né?”

(5)P – “E se tivesse mais oportunidade, você gostaria?”

(6)M3 – “Com certeza, até pelo tratamento da criança e isso é muito bom. Acho que ajuda muito mais né?”

(7)P – “Ajuda em quê?”

(8)M3 – “Ué no tratamento, no dia-a-dia, no que tá acontecendo.”

(9)P – “E com qual objetivo você acha que deve haver essa interação?”

(10)M3 – “Ah, eu acho que ...pro tratamento.”

(11)P – “Só com relação ao tratamento?”

(12)M3 – “Acho que em tudo, no comportamento, no geral, no dia-a-dia, na escola que ele frequenta, aqui, com a gente em casa, na família, nos amigos. Ajuda a mim, aos meus familiares e até a ele mesmo.”

(13)P – “Ajuda a você e a ele em quê?”

(14)M3 – “Aprendendo a lidar com certas coisas, situações, entendeu? Porque tem coisas que a gente nem imagina que possa tá acontecendo. Então através de um conhecimento, a gente tá aprendendo aquilo pra lidar com a situação.”

(15)P – “Tem coisas que você gostaria de falar com o profissional que você não fala?”

(16)M3 – “Às vezes...às vezes tem coisas que a gente fica assim...será que eu posso tá falando? será que devo? será que é o momento? Então, tem horas que a gente fica assim... sem saber...”

(17)P – “E nesse caso como você faz?”

(18)M3 – “A gente vai vendo as coisas, acompanhando, esperando um momento até que surge uma oportunidade que a gente vê que a situação tem que ser colocada pra poder resolver junto né?”

M4

(1)P – “O que você acha do fonoaudiólogo interagir com as mães dos paciente sem tratamento fonoaudiológico?”

(2)M4 – “Ah...eu acho que é bom. Ajuda a gente também, a gente participa de muitas coisas também. Eu acho que é bom. Ah...eu acho que... igual por exemplo, no caso da fono da L, eu...T, eu tô precisando conversar com você isso, isso. Aí ela é muito... chega a T, não só me responde. Ela senta, ela conversa comigo, se eu tiver dúvidas eu passo pra ela, aí ela vai me ajudar no que ela pode. Ah...eu acho muito importante mesmo.”

(3)P – “Quando vocês interagem, sobre o que vocês conversam?”

(4)M4: “Ah...é mais sobre a vida da L aqui, como aqui tá sendo, também o comportamento, o que ela acha, se eu preciso melhorar com a L alguma coisa, um exame e alguma coisa se eu tiver dúvida, eu procuro ela. Que eu tenho assim... muito contato com ela. Então pra mim é muito mais fácil conversar com ela.”

(5)P: “Vocês conversam sobre o tratamento?”

(6)M4: “Mais sobre o tratamento.”

(7)P: “Você tem vontade de conversar outras coisas que não sejam sobre o tratamento?”

(8)M4: “Não mas eu...o que mais me importa é o tratamento da minha menina.Ela me falou da minha menina, se tá tudo bem, se há possibilidade dela chegar a falar qualquer tanto que seja, pra mim já tá bom. Minha dúvida é só sobre o tratamento da L.”

(9)P: “Quando você entrou, como ela estava e como ela está hoje?”

(10)M4: “Porque... na minha família eu não conheço nenhum surdo. Então a minha experiência com surdo é através da minha filha. E... mas eh... depois que eu conheci os outros surdo da escola dela, aí sim. Me interessa saber como que é, se há possibilidade, se ela vai fazer isso (a mãe usa sinais) pro resto da vida. É isso. Mais não.”

(11)P: “Você acha que tem coisas na sua vida que interferem no tratamento, na maneira como ela é, como ela se comunica?”

(12)M4: “Ah sim. Eu já conversei isso com a T a respeito que... que tem hora que...ela sempre me obedece, mas tem horas que ela tá muito nervosa. Igual... essa semana eu tive conversando com a T a respeito de escola, de levar ela pra fazer uns exame. Aí a T me aconselhou que é bom, se eu tenho dúvida é bom eu ver, porque ela tá com um pouco de atraso motor. Só que eu não sabia. Aí foi eu buscá, perguntei pra psicóloga dela como que tava. Aí ela veio me falar. Conversei com ela e fui e vi. Não era do jeito que eu pensava. Não é um atraso que eu acho que pode atrapalhar ela. É coisa leve. Olhei, cheguei na T e comentei e ela comentou que não é coisa que pode desesperar não. É coisa básica, é pouca coisa que a gente trabalhando, a gente consegue ajudar ela. A minha preocupação no momento é ver que tá tudo bem com ela. Porque ela era muito doente. Hoje ela não é. Ser surdo não é doença. Então... isso pra mim não é doença. Pra mim agora...ela ser surda é solução, porque antes ela era doente. Hoje ela não é.”

M5

(1)P: “O que você acha do fonoaudiólogo interagir com as mães dos pacientes em tratamento fonoaudiológico?”

(2)M5: “É bom, porque aí vocês explica a gente, dão orientação pra gente tratar a criança. Acho muito bom.”

(3)P: “E isso ajuda de alguma maneira?”

(4)M5: “Ajuda.”

(5)P: “Em que isso ajuda?”

(6)M5: “Ah...ensinar ele melhor as coisas, conversar com ele, em casa, na maneira de falar com ele, ensinar ele a conversar certo, falar certo.”

(7)P: “Você acha que as interações que o fonoaudiólogo têm com você te ajudam para que ele fale corretamente?”

(8)M5: “Ajudam. Ajudam a ele também, ao pai dele, e eu tenho que passar para a professora também. Tudo!”

(9)P: “E em relação às outras pessoas?”

(10)M5: “Também, porque aí você tem que falá, explicá, porque todo mundo ficava rindo dele, falava que era bonitinho, falava que isso não pode, explicar para eles tanta coisa!”

(11)P: “E há mais alguma coisa que você goste de conversar com a fonoaudióloga que trata do seu filho?”

(12)M5: “Ah tem, como ele...eh...ensinar ele a fazer as coisas, que ele eh... muito difícil lidar com ele e igual... pra orientação também.”

